



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Renata Flávia Marcolino de Souza

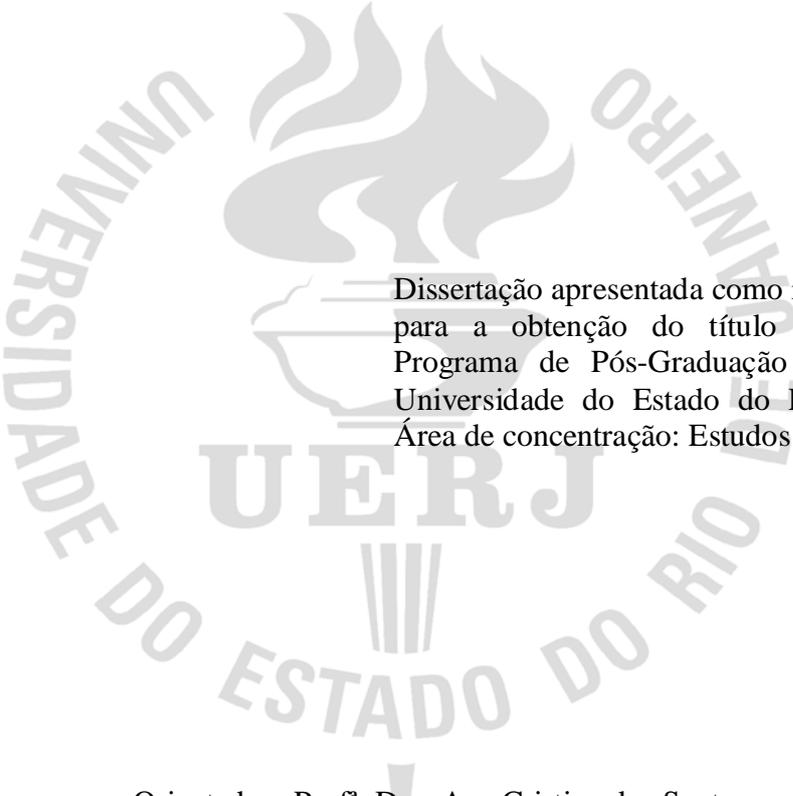
Identities em trânsito: deslocamentos e subjetividades em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, e *Combi*, de Ángela Pradelli

Rio de Janeiro

2019

Renata Flávia Marcolino de Souza

Identidades em trânsito: deslocamentos e subjetividades em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, e *Combi*, de Ángela Pradelli



Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora Prof^ª. Dra. Ana Cristina dos Santos

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S729 Souza, Renata Flávia Marcolino de.
Identities in transit: displacements and subjectivities in *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, e *Combi*, de Ángela Pradelli / Renata Flávia Marcolino de Souza. - 2019.
119 f.

Orientadora: Ana Cristina dos Santos.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Pradelli, Ángela, 1959- - Crítica e interpretação – Teses. 2. Pradelli, Ángela, 1959-. *Combi* – Teses. 3. Figueiredo, Rubens, 1956- - Crítica e interpretação – Teses. 4. Figueiredo, Rubens, 1956-. *Passageiro do fim do dia* – Teses. 5. Espaço na literatura – Teses. 6. Identidade (Conceito filosófico) na literatura – Teses. 7. Deslocamento (Psicologia) na literatura – Teses. 8. Literatura comparada – Brasileira e argentina – Teses. 9. Literatura comparada – Argentina e brasileira – Teses. I. Santos, Ana Cristina dos, 1965-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.091

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Renata Flávia Marcolino de Souza

Identities em trânsito: deslocamentos e subjetividades em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, e *Combi*, de Ángela Pradelli

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 30 de março de 2019.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Ana Cristina dos Santos (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Luciano Prado da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

À minha querida Juju (*in memoriam*), minha mais doce recordação.

AGRADECIMENTOS

À UERJ, universidade a qual estou vinculada como aluna desde 2012 e que representa, para mim, um espaço de resistência, excelência de ensino e aprendizados sobre empatia e respeito ao próximo.

À minha orientadora, professora Ana Cristina dos Santos, pela dedicação, apoio e profissionalismo desde o período em que atuei como bolsista em seu projeto de Iniciação Científica. Muito obrigada pela confiança e pelo suporte durante todo esse tempo. Aos professores da banca, Luciano e Shirley, pelas contribuições tão pertinentes em meu exame de qualificação. Aos professores do programa de pós-graduação que tive o prazer de conhecer, em especial os professores Nabil Araújo, Marcela Iochem, Amós Coêlho e Maria Alice Antunes.

Aos meus pais, Manoelina e Ronaldo, por fazer de nossa família uma verdadeira rede de apoio. A história de vida de vocês sempre me inspirou a acreditar no caminho da retidão e da dedicação para atingir meus sonhos. Muito obrigada por todas as lutas até aqui. Dedico este trabalho a vocês como mais uma vitória para a nossa família. À minha irmã, Raquel, por sempre estar disposta a me ouvir, ajudar e me incentivar. Ao Pedro, meu grande companheiro, por não medir esforços para me apoiar, acalmar e ajudar. Muito obrigada por ter me acompanhado nos dias mais difíceis, motivando e aliviando essa jornada.

Aos meus amigos e familiares, pelo incentivo e compreensão frente minha ausência em determinados momentos. Ao senhor Antônio, meu grande amigo, sempre presente para dizer as palavras certas, trazendo-me novos ânimos e confiança. Aos meus colegas da pós, que compartilharam comigo suas experiências acadêmicas e tornaram esse processo mais leve. Aos meus alunos, pelo apoio e compreensão constante.

À Deus, por me sustentar no momento de perda e tristeza vivido no período de escrita deste trabalho, me fazendo ter novas esperanças e não pensar em desanimar. Também devo minha gratidão a Ele por permitir que pessoas tão especiais e inspiradoras passem pela minha vida.

“Yo estoy siempre en casa. Estoy en casa en un avión, en ciudades, estoy siempre en casa porque mi casa soy yo. Nunca llego o me voy estoy siempre ya allí.”

(TORO, 2010, p. 11)

RESUMO

SOUZA, Renata Flávia Marcolino de. *Identidades em trânsito: deslocamentos e subjetividades em Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, e *Combi*, de Ángela Pradelli. 2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A presente pesquisa se dedica a identificar os efeitos dos deslocamentos nas subjetividades contemporâneas através da análise das obras *Combi* (2008), de Ángela Pradelli e *Passageiro do fim do dia* (2010), de Rubens Figueiredo. As narrativas contemporâneas constroem um cenário no qual o espaço desocupa a função de plano de fundo para tornar-se protagonista. Os constantes deslocamentos representam o novo caráter das sociedades contemporâneas, transformam conceitos considerados até então fixos e aproximam espaços e indivíduos. Através dos meios de transporte e do desenvolvimento de novas tecnologias, as viagens se tornam muito mais frequentes e permitem a inserção de indivíduos em espaços caracterizados, agora, por seus aspectos fluidos, sendo capazes de sofrer diversas reconfigurações. As reestruturações desses espaços permitem ou impedem o contato entre os seus ocupantes e com o próprio espaço em que estão inseridos. Quando não há interação, os espaços se transformam em não-lugares e se tornam ausentes de qualquer tipo de expressão de subjetividade. Contudo, quando as máscaras da civilidade são retiradas e ocorrem relações sociais entre os sujeitos, esse espaço ganha o caráter de lugar, permitindo, ainda, o contato com uma outra cultura ou outra identidade de grupo. O contato com o Outro implica em um constante processo de reconfiguração identitária. Por essa razão, a questão da identidade e do espaço se coloca em evidência no plano dos Estudos Culturais, já que são elementos intimamente associados com a experiência do deslocamento vivida rotineiramente pelos sujeitos contemporâneos. Para responder a essas indagações, nos apoiamos, principalmente, nas concepções de Hall (2006), García Canclini (2009), Bauman (1999; 2001), Marc Augé (1995), Ianni (2000) e Femenías (2013). Através desse estudo, objetiva-se criar uma rede de conceitos que envolvem a questão da subjetividade na contemporaneidade, a fim de identificar aspectos de reconfiguração nas obras analisadas. Ainda, analisam-se as movências transformadoras dos espaços evidenciados nas obras. Verifica-se que um indivíduo tem a possibilidade de sofrer deslocamentos de natureza diversa e viver a experiência da reconfiguração identitária quando consente a mescla entre os símbolos que compõem sua identidade e os símbolos da cultura de chegada ou mesmo de uma identidade de grupo. Nos romances analisados, identifica-se tanto a permissão dos personagens em viver a mescla de culturas, como o rechaço a essa experiência e o desejo de manter suas raízes culturais bem fixadas. Verifica-se também que o deslocamento identitário é capaz de reestruturar as representações do Outro, isto é, um indivíduo que experenciou o contato com outra cultura ou grupo, reestrutura também a forma de representar os sujeitos que estão ao seu redor. A possibilidade do desenvolvimento de um processo de desfamiliarização em relação aos indivíduos que eram considerados, até então, iguais decorre também a partir dessa reestruturação identitária. Por isso, destacamos o efeito da reconfiguração identitária na representação do Outro no romance do escritor brasileiro Rubens Figueiredo. Da mesma forma, discutimos a formação do estereótipo na obra da escritora argentina Ángela Pradelli.

Palavras-chave: Identidade. Deslocamentos. Espaço. *Combi*. *Passageiro do fim do dia*.

ABSTRACT

SOUZA, Renata Flávia Marcolino de. *Identities in transit: displacements and subjectivities at Passageiro do fim do dia* by Rubens Figueiredo and *Combi* by Ángela Pradelli. 2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This current research aims to identify the effects of displacements in contemporary subjectivities through the analysis of the works *Combi* (2007), by Ángela Pradelli, and *Passageiro do fim do dia*, by Rubens Figueiredo. The contemporary narratives build up a scene where space leaves its role as a background to become the protagonist. Constant displacements depicts the new character of contemporary societies, turns concepts initially considered fixed until then and brings individuals and spaces together. Through means of transport and development of new technologies, travels became much more common and allowed the insertion of individuals to characterized spaces for, now, its fluid aspects, capable of suffer several reconfigurations. Restructuring these spaces allows or denies the contact among its occupants and their contact with the space itself. When there is no interaction, spaces turn into non-spaces and became away of any kind of expression of subjectivity. However, when the masks of civility are removed and there are social relationships between the subjects, this space earns the character of place, allowing, even, a contact with another culture. The contact with the Other implies a constant process of identity reconfiguration. For this reason, the question about identity and spaces stands out at the cultural studies plane, given that these are elements heavily associated with the displacement experiences routinely lived by their contemporary subjects. To answer these questions, we were supported by, mainly, the conceptions of Hall (2006), García Canclini (2009), Bauman (1999; 2001), Marc Augé (1995), Ianni (2000) e Femenías (2013). Throughout this study, the goal is to create a concept web that involves the question of subjectivity on contemporaneity, in order to identify aspects of reconfiguration at works *Combi*, by Ángela Pradelli and *Passageiro do Fim do Dia*, by Rubens Figueiredo. Still, we analyze transformative movements of the spaces evidenced in the works. An individual has the possibility of suffering displacement of diverse nature and living the experience of identity reconfiguration when one consent the merge between the symbols that make up their identity and the symbols of the culture of the destination or even a group identity. In the analyzed romances, there is both the characters consent to live the merge of cultures and the scorn to this experience and a wish to keep their cultural roots well set. Also, the identity displacement is able to restructure the representations of the Other, that is, one who experienced a contact with another culture of group, also restructuring the way to represent the subjects that are around them. The possibility of the development of an unfamiliarity process between individuals that were considered, until now, equals also comes by this identity restructuring. Therefore, we highlight the identity reconfiguration effect in the representation of the Other in the romance of the Brazilian writer Rubens Figueiredo. Similarly, we discuss the formation of the stereotype in the work of the Argentinian writer Ángela Pradelli.

Keywords: Identity. Displacements. Space. *Combi*. *Passageiro do fim do dia*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O OUTRO CADA VEZ MAIS PERTO: OS EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO	13
1.1 Encontrar-se em um instante: a reconfiguração de conceitos fixos	14
1.2 As sociedades contemporâneas e o momento da fluidez	20
1.3 A identidade na contemporaneidade: sujeitos híbridos	31
2 A TENSÃO TRANSFORMADORA DOS NÃO-LUGARES EM LUGARES	37
2.1 Espaços e não-lugares	38
2.2 Encontrar-se no entre-lugar: a vida entre o Centro e o Tirol	46
2.3 Espaços nunca completamente realizados: observando a transformação através da janela do ônibus e do assento da Kombi	54
3 O IMPULSO DE PARTIR: A EXPERIÊNCIA DO DESLOCAMENTO	62
3.1 “Estar em viaje”: os motivos dos deslocamentos em <i>Combi</i>	63
3.2 “À espera do ônibus no ponto final”: aspectos de um passageiro	71
3.3 Identidades itinerantes: deslocamentos de natureza diversa	74
4 “LOS QUE VAN Y VIENEN”: OS RESULTADOS DA ROTA DO DESLOCAMENTO	84
4.1 Imagens alteradas: muitas formas de ver o Outro	85
4.2 A louca, o estrangeiro e o estereótipo: a revelação do Outro em <i>Combi</i>	96
4.3 Desfamiliarização: o Outro marginalizado em <i>Passageiro do fim do dia</i>	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

O estudo a que nos propomos na presente pesquisa de mestrado é fruto de uma discussão em torno dos temas relacionados à cultura, à identidade e aos deslocamentos, iniciada, ainda no período de Iniciação Científica. O anseio por essa temática parte das leituras teóricas realizadas que mostram como as noções que compõem a rede de conceitos dos Estudos Culturais são, muitas vezes, ambivalentes, abertas e passíveis de transformação. Dessa forma, se faz necessário constituir um panorama composto de diversas contribuições teóricas para perceber as múltiplas perspectivas que pairam sobre as ideias. Esse caleidoscópio teórico é uma característica dos Estudos Culturais na contemporaneidade e revela o caráter fluido desse período; por essa razão, propomos investigar o reflexo desse momento nas produções literárias. Em concordância com essa linha de estudos, analisamos, nesta dissertação, duas obras da literatura contemporânea, selecionadas para compor os corpora da pesquisa: *Passageiro do fim do dia* (2010), do escritor e tradutor brasileiro Rubens Figueiredo e *Combi* (2008) da escritora argentina Ángela Pradelli.

Por se tratar de dois escritores de destaque no sistema literário ao qual pertencem, destaca-se a similaridade existente entre as duas obras, cujas narrativas estão ancoradas na questão do deslocamento. A escritora Ángela Pradelli publicou poemas, ensaios e romances que foram traduzidos para diversas línguas e, ainda, foi ganhadora de diversos prêmios por suas produções literárias. A obra *Combi*, publicada em 2008, narra um deslocamento físico que, segundo uma declaração dada pela autora em uma entrevista¹, é realizado por ela mesma rotineiramente. Em uma Kombi, os passageiros podem fazer o percurso desde os arredores até o centro de Buenos Aires, passageiros esses repletos de marcas de outros deslocamentos, inclusive de caráter transnacional. No cenário literário brasileiro, Rubens Figueiredo, também renomado tradutor e ganhador de diversos prêmios por suas produções, publica *Passageiro do fim do dia*, em 2010. A obra também revela um deslocamento que, rotineiramente em um ônibus, leva passageiros desde o centro de uma cidade até as regiões mais afastadas.

Após a leitura das obras, objetivamos identificar aspectos das identidades dos personagens que vivem a experiência do deslocamento e, como consequência disso, o contato com novos espaços ou novas culturas. Para iniciar o trabalho de análise das obras, centramos

¹ PRADELLI, Ángela. El camino Real. Página 12, Argentina, 31 agosto 2008. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/libros/10-3154-2008-08-31.html>>. Acesso em: 19 maio 2017.

a base da pesquisa em alguns pontos específicos já que temas abrangentes como gênero e literatura de memória também poderiam ser explorados. Entretanto, demandariam maior tempo de investigação, assim, buscamos verificar a influência do processo de globalização na contemporaneidade, já que esse fenômeno é considerado um dos impulsos para o progresso dos meios de transporte, dos desenvolvimentos dos meios de comunicação e do aumento da velocidade para realizar os mais diversos processos. As duas obras que formam os corpora desta pesquisa têm como espaço principal um meio de transporte de massa, que corta cidades urbanas até chegar a sua parada final. Além disso, os meios de transporte estão presentes nos relatos dos personagens-passageiros que também viveram um deslocamento de nível transnacional. Ainda nesse contexto, a questão do espaço torna-se outro ponto de análise da pesquisa, tendo em vista que os meios de transporte não são espaços próprios para compartilhar a vida pessoal. O que ocorre é todo o contrário, os indivíduos que os integram se esforçam para que a permanência nesse espaço se transforme em um casual encontro entre estranhos.

Investigamos como os indivíduos se atribuem esse caráter de “estranhos”, escondendo suas subjetividades e marcas culturais. Além disso, as obras revelam muitos tipos de espaços, sendo possível identificar, na obra *Combi* (2008), a ruptura do encontro entre estanhos para dar espaço a interações entre os personagens, tudo acontecendo, ainda, no interior do transporte. Por isso, buscamos verificar o que possibilita essa transformação, além do fato de comprovar se o espaço é um elemento passível de reestruturações, na contemporaneidade. Os transportes funcionam, também, como o meio para o contato com o Outro e com outra cultura ou identidade de grupo. Nas duas obras de análise, verificamos que os personagens que se deslocavam constantemente, e, de forma ainda mais evidente, os que apresentavam características de outras culturas, vivem deslocamentos de natureza diversa. Nesse momento, a questão da identidade emerge para levantar diversos questionamentos: Qual é a definição do conceito de identidade? De que forma o sujeito é visto na contemporaneidade? Quais são as consequências das interações realizadas a partir do contato com o Outro e com a nova cultura na identidade de um sujeito?

Em vista desses questionamentos, nos dedicamos a estudar a relação entre identidade e alteridade, verificando que através do reconhecimento do Outro é possível criar um caminho para entender a própria identidade. Contudo, a partir de um olhar mais aprofundado para as relações existentes nas obras, do embate entre as representações e símbolos que compõem determinado indivíduo ou grupo, levantamos a seguinte questão: O contato com o Outro pode ser capaz de gerar uma reestruturação no reconhecimento que se faz daqueles que, até então,

eram vistos como iguais? Esse ponto de dúvida se faz presente, sobretudo, na obra do escritor brasileiro, em que existem muitos cenários de contraponto, colocando em embate indivíduos e grupos considerados, por um momento, iguais e posteriormente como diferentes. Sendo assim, propomos que essa consciência de diferenciação ocorre porque o deslocamento promove o contato dos indivíduos com novas formas de representação. Em vista disso, o presente trabalho atua com o fim de relacionar as problemáticas envolvendo a conceptualização de cultura com a questão do multiculturalismo, tão múltiplo quanto a questão cultural e cada vez mais presente nas sociedades contemporâneas. A sociedade multicultural, por sua vez, coloca em xeque o conceito de nação e de fronteiras, o que implica uma questão de espaço e território. Então, ao analisar as narrativas contemporâneas, entendemos que os espaços assumem um papel de destaque que, outrora, era atribuído ao tempo e, igualmente aos outros conceitos desse período, podem assumir múltiplas formas. Examinamos esse sistema de conceitos para tratar os aspectos que formam a identidade do sujeito contemporâneo.

Esta dissertação foi dividida, portanto, em quatro capítulos. No capítulo um, intitulado “O outro cada vez mais perto: os efeitos da globalização”, abordamos a formação do processo da globalização e seu caráter ambivalente com base em Bauman (1999) e Santos (2000). Nesse ponto, revelamos o caráter negativo do processo globalizador e os seus efeitos na sociedade contemporânea, como o aumento da velocidade e a ressignificação dos conceitos de tempo/espaço. Destacamos também a característica fluida da contemporaneidade e seu reflexo nos conceitos estudados, sobretudo na ideia de identidade, verificando a evolução da sua concepção ao longo do tempo pautados em Hall (2006) e Bhabha (1998). No segundo capítulo, intitulado “A tensão transformadora dos não-lugares em lugares”, analisamos os espaços das narrativas trazendo à discussão os elementos que promovem o estabelecimento de um lugar e as relações sociais superficiais realizadas nos espaços de permanência provisória, isto é, nos espaços em que único objetivo dos indivíduos que ali estão é o da passagem. Para esse estudo, abordamos os conceitos de Augé (2007) e Certeau (1998), em relação aos aspectos dos espaços, lugares e não-lugares. Destacamos, ainda, as possíveis alterações nas estruturas desses espaços e o reflexo desses processos no indivíduo, com base em Bauman (2001).

No capítulo três, denominado “O impulso de partir: a experiência do deslocamento”, detalhamos os deslocamentos vividos por cada personagem nas obras analisadas, destacando, também, na obra *Combi* (2010), aqueles que apresentavam uma vivência fora do seu território nacional. Com isso, uma análise a respeito da identidade desses personagens foi realizada com

o objetivo de responder às questões que emergiram, nesta pesquisa. Para tal fim, nos apoiamos nas ideias de identidade de grupo de Cuche (1999), Hall (2006) e García Canclini (2009). No quarto capítulo, intitulado “‘Los que van y vienen’: os resultados da rota do deslocamento”, fundamentando-nos nas concepções de Woodward (2014) a respeito da relação entre identidade e diferença, verificamos nas duas obras de análise como o contato com uma nova cultura ou identidade de grupo pode afetar a forma de representação do Outro. Sendo assim, trabalhamos com o conceito de Imagologia, considerando as contribuições de Pageaux (2011).

No percurso desse estudo, nos concentramos em desenvolver uma rede de conceitos teóricos para responder às questões: Qual a definição de identidade?; Quais são as influências promotoras de transformações estruturais dos espaços?; Qual é o reflexo dos deslocamentos e do contato com um novo espaço na subjetividade de um indivíduo?; A identidade também apresenta a fluidez como característica intrínseca?; O contato com uma nova cultura é capaz de gerar uma ressignificação na forma como se representa o Outro?. As respostas encontradas não serão únicas e fixas, na verdade, acompanham as características do período contemporâneo, considerado fluido e passível de constantes mudanças. Propomos uma visão, a partir do aporte de vários teóricos, o que não exclui as mais diversas perspectivas existentes, sobretudo tratando-se do caleidoscópio dos Estudos Culturais. Assim, analisamos minuciosamente os romances selecionados e toda a carga de representações que carregam como narrativas contemporâneas.

1 O OUTRO CADA VEZ MAIS PERTO: OS EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO

...quando a imagem de Nelson Mandela torna-se mais familiar que a cara do nosso vizinho, então qualquer coisa mudou na natureza da nossa experiência cotidiana.

Anthony Giddens

No primeiro capítulo deste trabalho, examinamos um grande fenômeno que impulsionou transformações significativas na sociedade a partir do final do século XX: a globalização. Por ser um conceito contestado, busca-se realizar um panorama a respeito das visões que se tem sobre o tema e as relações existentes entre outros conceitos. Deste modo, apresentamos a contextualização do mundo globalizado, as transformações ocorridas em caráter econômico, industrial e social, e os resultados dessas interferências no modo de vida e nas relações sociais.

No subcapítulo 1.1, “Encontrar-se em um instante: a reconfiguração de conceitos fixos”, investigamos a velocidade acelerada com que as mudanças aconteciam nesse período e, como efeito dessa aceleração, o processo de dissolução de conceitos, até então considerados imutáveis. Um dos componentes do processo da globalização foi o avanço tecnológico e o desenvolvimento dos transportes, que permitiram levar o nível de velocidade ao instantâneo, o que refletiu na transformação das ideias formadas sobre o tempo e o espaço e a noção de perto e longe. Neste subtópico, analisamos como se deu essa plasticidade dos conceitos.

No ponto 1.2, “As sociedades contemporâneas e o momento da fluidez”, retomamos as transformações ocorridas na sociedade decorrente do processo da globalização, para apresentar o cenário que compõe o período contemporâneo. Caracterizada pela fluidez, a contemporaneidade está, também, intimamente associada a uma rede de conceitos multifacetados e inter-relacionados que envolvem, sobretudo, a concepção de cultura. Sendo assim, neste subtópico, buscamos desenvolver diferentes noções sobre o termo “multiculturalismo” e as influências ideológicas, políticas e de poder que o envolvem. Nesse sentido, também se faz necessário abordar o conceito de nação tão contestado nesse período.

No subcapítulo 1.3, “A identidade na contemporaneidade: sujeitos híbridos”, investigamos o conceito de identidade desde as suas primeiras conceptualizações até chegar às mudanças significativas que ocorreram no período contemporâneo, evidenciando o conceito de “hibridismo cultural”. Assim, pretendemos examinar o reflexo da facilidade para

o deslocamento, da velocidade das informações e dos contatos com outras culturas nas subjetividades e de que modo esse tema está sendo tratado nas narrativas contemporâneas, especificamente nas produzidas na América Latina –espaço das narrativas analisadas.

1.1 Encontrar-se em um instante: a reconfiguração de conceitos fixos

Os constantes deslocamentos revelam um caráter fluido que envolve diversos aspectos que influenciam diretamente a vida cotidiana do período atual. Sobretudo quando se coloca em contraste com a história antiga, percebe-se a reconstrução de diversos pensamentos que até então apresentavam limites bem definidos e fechados. Essas transformações foram sentidas principalmente a partir do final do século XX, quando o mundo se propôs a assumir a ideia de que todos estivessem em contato em um panorama globalizado. Entretanto, diversos teóricos se propuseram a estudar a problemática desse movimento globalizador e suas consequências no mundo.

O termo “globalização” se faz presente em diversos cenários sociais, aportando, entretanto, sentidos diversos. O elo comum entre os vários sentidos encontrados é que a “‘globalização’ é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo ‘globalizados’- e isso significa basicamente o mesmo para todos” (BAUMAN, 1999, p. 5). Nesse processo de alcance mundial, se faz necessário examinar suas raízes e as consequências sociais geradas para entender que não se trata de uma rede de efeitos únicos, como comumente é pensado. A globalização produziu resultados diferentes e diferenciadores, ela “tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo” (BAUMAN, 1999, p. 5).

De acordo com o sociólogo Bauman (1999), as transformações na condição tempo/espaço, por exemplo, são um dos pontos principais do processo globalizador porque “junto com as dimensões planetárias dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informação, é colocado em movimento um processo ‘localizador’, de fixação no espaço” (BAUMAN, 1999, p. 5-6). Esse processo, unido à globalização, promove um aumento da experiência do deslocamento, porém, os recursos que promovem a mobilidade ao mesmo tempo que conectam indivíduos, também os excluem. Assim, enquanto determinados grupos de pessoas se deslocam, física ou virtualmente, outros grupos, inseridos em contextos nos

quais os recursos são escassos ou negados, permanecem subjugados à desigualdade. Diante dessa questão, Bauman (1999) expõe a problemática da globalização como um processo visto a partir de diferentes óticas e que

para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel. A mobilidade galga ao mais alto nível dentre os valores cobijados — e a liberdade de movimentos, uma mercadoria sempre escassa e distribuída de forma desigual, logo se torna o principal fator estratificador de nossos tardios tempos modernos ou pós-modernos. (BAUMAN, 1999, p. 6).

No período contemporâneo, todos os indivíduos estão em movimento, “mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança” (BAUMAN, 1999, p. 6). Entretanto, é possível diferenciar os que de fato ganham um caráter “global” daqueles que simplesmente permanecem presos a um “local”: de acordo com Bauman (1999, p. 6), a situação desigual provocada pela globalização separa os indivíduos em dois grupos a partir de uma ordem de poder, na qual os “globais” assumem um espaço de decisão muito maior nas demandas sociais e que influencia diretamente na vivência dos “locais”. Esses perdem a chance de participar das negociações que envolvem um conjunto social, tendo em vista que “os espaços públicos [são] removidos para além do alcance da vida localizada” (BAUMAN, 1999, p. 6).

Sendo assim, a globalização tanto produz formas de segregação espacial e de exclusão social “quanto [a] ‘hibridização’ amplamente aclamada pela alta cultura – a alta cultura globalizada” (BAUMAN, 1999, p. 6). Em consequência dos efeitos da globalização, “subsiste como su contracara un proceso de particularización y de localización, que refuerza, en primer término, las identidades primarias ante el debilitamiento de las secundarias”² (FEMENÍAS, 2013, p. 62). A produção de valor e significado existentes nas sociedades fica restrita às chamadas “elites extraterritoriais” (BAUMAN, 1999, p. 6), submetendo o restante da população que permanece “localizada”. Por essa razão, “os centros de produção de significado e valor são hoje extraterritoriais e emancipados de restrições locais — o que não se aplica, porém, à condição humana, à qual esses valores e significados devem informar e dar sentido” (BAUMAN, 1999, p. 6). O processo globalizador, entretanto, apresenta diversas dimensões e transforma categoriais “tradicionais entre ricos e pobres, nômades e sedentários, ‘normais’ e anormais ou à margem da lei” (BAUMAN, 1999, p. 6). Por isso, nesse momento, examina-se o poder adquirido da elite global.

²“subsiste como sua outra face um processo de particularização e de localização, que reforça, em primeiro lugar, as identidades primárias ante o debilitamento das secundárias” (FEMENÍAS, 2013, p. 62).

A crítica de Bauman (1999) é pertinente quando se observa a definição de globalização, comumente disseminada no meio social, como

um conjunto aparentemente bastante heterogêneo de fenômenos que ocorreram ou ganharam impulso a partir do final dos anos 80 - como a expansão das empresas transnacionais, a internacionalização do capital financeiro, a descentralização dos processos produtivos, a revolução da informática e das telecomunicações, o fim do socialismo de Estado na ex-URSS e no Leste europeu, o enfraquecimento dos Estados nacionais, o crescimento da influência cultural norte-americana etc. -, mas que estariam desenhando todos uma efetiva "sociedade mundial", ou seja, uma sociedade na qual os principais processos e acontecimentos históricos ocorrem e se desdobram em escala global. (ALVAREZ,1999, p. 97)

Ortiz (2007) também salienta que “para muitos, a ‘aldeia global’³ consagraria uma homogeneização dos hábitos e do pensamento. As tecnologias de comunicação, ao aproximarem as pessoas, tomariam o mundo cada vez menor e idêntico” (ORTIZ, 2007, p. 31), entretanto, segundo o autor, o mundo dificilmente assumiria um caráter global considerando que dentro das chamadas “aldeias globais” existem “tensões, interesses e disputas que os afastam de qualquer ideal comum” (ORTIZ, 2007, p. 15). Assim, diversos teóricos chamam a atenção para a visão homogênea do complexo processo de globalização, levantando as questões que envolvem esse tipo de abordagem: A globalização se apresenta como um processo capaz de desfazer barreiras e integrar nações ou, na verdade, promove seus fortalecimentos?

Dialogando com os pontos destacados por Bauman (1999), Santos (2000) contextualiza a globalização como um processo formado essencialmente de um sistema de técnicas e de ações políticas. Para o autor, no final do século XX, um conjunto de diversas técnicas formado e unido principalmente pelas técnicas da informação assumiu uma presença global como um grande sistema técnico. Porém, “a globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas” (SANTOS, 2000, p. 12), ações políticas e econômicas moviam esse sistema para instaurar um mercado global. Em vista desse cenário, o autor declara que as consequências dessas ações resultam em uma “globalização perversa” que encontraria resultados diferentes se “seu uso político fosse outro” (SANTOS, 2000, p. 12).

O fenômeno da globalização é explicado por Santos (2000) como um ponto que marca um momento histórico, já que “a cada evolução técnica, uma nova etapa histórica se torna possível” (SANTOS, 2000, p. 12). Essa evolução sempre é formada por grupos de técnicas que se desenvolvem em verdadeiros sistemas, mas que não fazem desaparecer técnicas

³ Em sua obra, Ortiz (2007, p. 14) utiliza-se do termo “aldeia global” como uma perspectiva sobre o mundo global.

antigas. O que ocorre é a concentração do uso dos novos sistemas técnicos pelos atores hegemônicos, enquanto os não hegemônicos “continuam utilizando conjuntos menos atuais e menos poderosos” (SANTOS, 2000, p. 13). Dessa forma, nesse período, quando um grupo não apresenta condições de utilizar as novas técnicas, o seu valor é menosprezado. Esse sistema de técnicas “envolve o planeta como um todo e faz sentir, instantaneamente, sua presença” (SANTOS, 2000, p. 13).

Assim, o fato de determinados grupos usufruírem das técnicas consideradas mais avançadas é conhecido por todo o resto do território, pela influência da técnica de informação, capaz de chegar a todos de maneira direta ou indireta (SANTOS, 2000). Esse conhecimento leva à criação de uma hierarquização entre os territórios que aportam as técnicas hegemônicas e aqueles que não as possuem. Entretanto, Santos (2000, p. 13) destaca que “por outro lado, o sistema técnico dominante no mundo de hoje tem uma outra característica, isto é, a de ser invasor”. Nesse sentido, o caráter econômico da globalização revela a atuação das técnicas hegemônicas em territórios considerados não-hegemônicos, como é o caso das empresas transnacionais. A produção se divide em diversas localidades, para depois juntar-se de acordo com o entendimento da empresa. Nesse ponto, o caráter político do processo globalizador se destaca, pois, “se a produção se fragmenta tecnicamente, há, do outro lado, uma unidade política de comando” (SANTOS, 2000, p. 13). Essa unidade não assume, porém, uma perspectiva global, mas valoriza a manutenção do seu território hegemônico.

Através do desenvolvimento das técnicas, a instantaneidade da informação tornou-se um dos pontos de maior mudança do processo de globalização na história:

Com essa grande mudança na história, tornamo-nos capazes, seja onde for, de ter conhecimento do que é o acontecer do outro. Nunca houve antes essa possibilidade oferecida pela técnica à nossa geração de ter em mãos o conhecimento instantâneo do acontecer do outro. Essa é a grande novidade, o que estamos chamando de unicidade do tempo ou convergência dos momentos. A aceleração da história, que o fim do século XX testemunha, vem em grande parte disto. (SANTOS, 2000, p. 14)

Bauman (1999) faz um apanhado das estruturas que fixavam os limites para as definições de tempo e espaço que, no período atual, deixaram de desempenhar influências sobre esses conceitos. Sendo assim, “os fatores geográficos, as fronteiras naturais e artificiais dos territórios, as distintas identidades das populações e *Kulturkreise* [círculos sociais], assim como a distinção entre ‘dentro’ e ‘fora’” (BAUMAN, 1999, p. 15) não foram capazes de parar o caráter fluido assumido pela noção de tempo.

Em vista do processo de globalização e seus efeitos, Bauman (1999, p. 15) salienta que “parece claro de repente que as divisões dos continentes e do globo como um todo foram função das distâncias, outrora impositivamente reais devido aos transportes primitivos e às dificuldades de viagem”. Nesse ponto, retomamos a ideia de grupos sociais que assumem uma posição hegemônica e com isso, podem definir a velocidade com que desbravam as distâncias. Santos (2000) destaca que existe um “tempo real”, o qual, assim como defende Bauman a respeito da distância, também é um produto social. Em relação à noção de tempo, são justamente os “globalizados” aqueles que vão definir a velocidade com que ele flui, sem a interferência daqueles que permanecem “localizados”: “a história é comandada pelos grandes atores desse tempo real, que são, ao mesmo tempo, os donos da velocidade e os autores do discurso ideológico. Os homens não são igualmente atores desse tempo real” (SANTOS, 2000, p. 14).

Bauman (1999) segue o mesmo posicionamento tratando sobre a distância e as noções “entre ‘aqui’ e ‘acolá’, ‘dentro’ e ‘fora’, ‘perto’ e ‘longe’” (BAUMAN, 1999, p. 16), destacando que as transformações desses conceitos sempre foram vistas previamente pelos globalizados, já que possuem acesso direto às técnicas que permitem o aceleração do tempo: “Com o tempo de comunicação implodindo e encolhendo para a insignificância do instante, o espaço e os delimitadores de espaço deixam de importar, pelo menos para aqueles cujas ações podem se mover na velocidade da mensagem eletrônica” (BAUMAN, 1999, p. 16). Apesar desse ponto que distingue, mais uma vez, grupos hegemônicos de não hegemônicos, Bauman (2001, p. 128-129) destaca que as transformações na concepção do tempo, ocorridas na modernidade, marcam, efetivamente, o início da história do tempo: “a modernidade é, talvez mais que qualquer outra coisa, *a história do tempo*: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história”.

Essa transformação foi movida, principalmente, por dois motores: o desenvolvimento da técnica da informação e o desenvolvimento dos meios de transporte. Uma nova forma de comunicação e do fazer conhecer determinada informação partiu do desenvolvimento de “meios técnicos que também permitiram à informação viajar independente dos seus portadores físicos – e independente também dos objetos sobre os quais informava” (BAUMAN, 1999, p. 17). Esse processo ocorre, ainda, em um movimento muito mais rápido que o do corpo humano, havendo, inclusive, uma “separação dos movimentos da informação em relação aos movimentos dos seus portadores e objetos” (BAUMAN, 1999, p. 17). O surgimento das redes de computadores e da internet, desestruturou todo o conceito de

“distância”, “tornando a informação instantaneamente disponível em todo o planeta, tanto na teoria como na prática” (BAUMAN, 1999, p.18).

No mesmo sentido, o desenvolvimento dos meios dos transportes colocou em xeque a distância e o tempo que separavam pessoas e espaços. Através

[da] construção de veículos que podiam se mover mais rápido que as pernas dos humanos ou dos animais; e veículos que, em clara oposição aos humanos e aos cavalos, podem ser tornados mais e mais velozes, de tal modo que atravessar distâncias cada vez maiores tomara cada vez menos tempo. (BAUMAN, 2001, p. 129)

A invenção e produção em massa de automóveis, trens e aviões também permitiu que o tempo se tornasse “um fato independente das dimensões inertes e imutáveis das massas de terra e dos mares” (BAUMAN, 2001, p. 130). Bauman, entretanto, não deixa de destacar a face da globalização perversa. Nos períodos anteriores, as ideias de “longe” e “perto” estavam intimamente ligadas às noções de “cedo” e “tarde”, existia uma dependência entre as noções espaço/tempo que as mantinham em uma relação de equivalência. Sendo assim, não existiam viagens mais rápidas que outras, nesse momento, os indivíduos eram semelhantes. Na modernidade, porém, o progresso dos meios de transporte permitiu que aqueles que possuíssem acesso a esse avanço pudessem chegar mais rápido e antes que os que não possuíam, criando, assim, diferenças entre os indivíduos. A partir desse processo, a igualdade se desfez e evidenciou, novamente, dois tipos de grupos:

as pessoas que se movem e agem com maior rapidez, que mais se aproximam do momentâneo do movimento, são as pessoas que agora mandam. E são as pessoas que não podem se mover tão rápido – e, de modo ainda mais claro, a categoria das pessoas que não podem deixar seu lugar quando quiserem – as que obedecem. (BAUMAN, 2001, p. 139)

A instantaneidade do tempo, para Bauman (2001, p. 132), marca um ponto de transição na história, o fim da “era hardware, ou modernidade pesada – a modernidade obcecada pelo volume, uma modernidade do tipo ‘quanto maior, melhor’, ‘tamanho é poder, volume é sucesso’” e o início da, denominada por ele, modernidade líquida, ou o “mundo do *software*”, caracterizado pela fluidez. Antes, o tempo era um elemento em favor do espaço, “era a rotinização do tempo que mantinha o lugar como um todo compacto e sujeito a uma lógica homogênea” (BAUMAN, 2001, p. 134). A mudança na história moderna do tempo transcorre na era de *software*, na qual, na velocidade da luz, “o espaço pode ser atravessado, literalmente, em ‘tempo nenhum’; cancela-se a diferença entre ‘longe’ e ‘aqui’. O espaço não

impõe mais limites à ação e seus efeitos, e conta pouco, ou nem conta” (BAUMAN, 2001, p. 136). Para Bauman (2001, p. 137), no novo momento, o tempo deixa de ser uma ferramenta utilizada em prol do espaço, para dar valor a ele: “a quase-instantaneidade do tempo do *software* anuncia a desvalorização do espaço”.

1.2 As sociedades contemporâneas e o momento da fluidez

Os fenômenos de grande escala ocorridos a partir do século XVIII marcaram o período contemporâneo, sobretudo, o processo de globalização e seus efeitos, que afetou diretamente a povos e nações, no século XX. A globalização evidenciou a reconstrução de diversos conceitos e ideias, e encarou, ainda, diversas problemáticas envolvendo questões culturais. A própria noção de cultura e as indagações que a envolvem se tornaram um dos pontos base dos estudos culturais e tema de constantes discussões na sociedade contemporânea. Cuche (1999, p. 09) relata que, desde os primórdios, “o homem é essencialmente um ser de cultura”, passando de um estágio de evolução por adaptação genética para um processo de aquisição de características dos seus ancestrais. Para o autor, através do processo de formação do *Homo sapiens sapiens*, há mais ou menos quinze milhões de anos, é possível identificar que a cultura é uma forma de adaptação ao meio e permite que sua transmissão seja adquirida de forma mais rápida e funcional. Além disso, a cultura permite que o próprio meio se adapte ao sujeito e suas necessidades, “em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza” (CUCHE, 1999, p. 10).

Em vista dessa ideia a respeito da evolução humana, é possível entender, então, que a diferenciação entre as populações humanas ocorre a partir das suas escolhas culturais, já que apresentam a mesma carga genética. Entretanto, por representarem “aplicações de princípios culturais universais” (CUCHE, 1999, p. 10), essas diferenças apresentam um elo entre elas. Sendo assim, a noção de cultura é uma forma de explicar que todos os comportamentos humanos carecem de uma visão cultural, isto é, suas ações não estão relacionadas apenas pela sua natureza genética: “Nada é puramente natural no homem. Mesmo as funções humanas que correspondem a necessidade fisiológicas, como a fome, o sono, o desejo sexual, etc., são informados pela cultura” (CUCHE, 1999, p. 11).

Popularmente, no meio comum da sociedade, a noção de cultura “remete aos modos de vida e de pensamento” (CUCHE, 1999, p. 11), porém, esse termo passou por diversas

discussões e estudos que, muitas vezes, não apresentavam um acordo em comum. O conceito de cultura se tornou um dos principais pontos de discussão nas pesquisas sobre as ciências do homem. Com o surgimento da sociologia e da etnologia, a partir do século XIX, diversos teóricos se propuseram a responder essa questão. Os etnólogos se centravam em identificar a origem da diversidade humana e, para isso, buscavam se afastar de uma justificativa mais biológica. Nesse momento, o conceito de cultura surge como um instrumento para elucidar essa questão. Diversos etnólogos atribuíram uma visão mais descritiva a respeito da conceptualização do termo, entretanto, “a introdução do conceito de cultura se fará com desigual sucesso nos diferentes países onde nasce a etnologia” (CUCHE, 1999, p.34).

Nos períodos anteriores ao século XIX, a ideia de cultura estava relacionada à ideia de “civilização”, considerando o contexto da época, em que os estudiosos estavam mais preocupados em descrever as culturas primitivas. Entretanto, entre as mais diversas discussões ao redor desses pensamentos, divididas entre noções mais descritivas, normativas, históricas, etc., a conceptualização de Edward Taylor (1871) é destacada como a primeira. Segundo Femenías (2013), a contribuição de Taylor estava baseada no campo da antropologia e definia a cultura como “sinónimo de civilización y, en un sentido etnocéntrico amplio, considero que englobaba la totalidad de la experiencia humana”⁴ (FEMENÍAS, 2013, p. 36-37). Para Cuche (1999), o conceito de cultura apresentado por Taylor, abandona um caráter centrado na unidade para abordar a “expressão da totalidade da vida social do homem. Ela se caracteriza por sua dimensão coletiva” (CUCHE, 1999, p. 35). Contudo, a ideia de cultura adquirida, independente de uma hereditariedade biológica, leva ao entendimento de que “sua origem e seu caráter são, em grande parte, inconscientes” (CUCHE, 1999, p. 35).

Em vista da definição de Taylor e com a instituição da etnologia como disciplina científica, diversos estudiosos contribuíram também para buscar elucidar a questão da cultura. Cuche (1999, p. 40) destaca a obra de Franz Boas, baseada na diferença entre os grupos humanos através de um caráter cultural e não biológico, atribuindo-se do conceito de cultura em lugar do conceito de “raça” para explicar a diversidade humana. O autor evidencia, ainda, o surgimento da sociologia, no final do século XIX e início do século XX, e sua dedicação em responder à questão cultural. Durkheim também foi destacado por Cuche (1999, p. 51) já que, apesar do sociólogo não apresentar o conceito de cultura como um sistema ou um “conjunto unificado”, “sua concepção de sociedade como totalidade orgânica determinava sua concepção de cultura ou de civilização” (CUCHE, 1999, p. 56). A perspectiva do autor estava

⁴ “sinônimo de civilização e, em um sentido etnocêntrico amplo, considero que engloba a totalidade da experiência humana” (FEMENÍAS, 2013, p. 36-37).

baseada no "social", na "prioridade da sociedade sobre o indivíduo" (CUCHE, 1999, p. 57), resultando no desenvolvimento de uma "consciência coletiva". Assim, considera-se que a proximidade do autor com uma teoria cultural, estaria baseada na consciência coletiva, "feita das representações coletivas, dos ideais, dos valores e dos sentimentos comuns a todos os seus indivíduos" (CUCHE, 1999, p. 57).

As ideias de Lucien Lévy-Bruhl também foram consideradas por Cuche (1999, p. 58) na discussão sobre alteridade e identidades culturais, inserindo a noção de "diferença cultural" como um ponto que ainda era capaz de manter certa comunicação "entre os grupos humanos, que continua possível devido ao fato de pertencerem a uma humanidade comum" (CUCHE, 1999, p. 61-62). A partir do desenvolvimento de pesquisas sobre sociedades extremamente diversas nos anos de 1970, principalmente em sociedades norte-americanas, antropólogos se empenharam em definir "os menores componentes de uma cultura" (CUCHE, 1999, p. 68). Através da análise da repartição espacial de elementos culturais, era possível identificar "uma grande convergência de traços semelhantes em um dado espaço" (CUCHE, 1999, p. 68), nomeado também como "área cultural". No centro desse espaço, revela-se as principais características de uma cultura e, "na sua periferia, estas características se entrecruzam com os traços provenientes das áreas vizinhas" (CUCHE, 1999, p. 68).

Nessa fase, os estudos de Boas a respeito dos fenômenos culturais funcionaram como base para as contribuições dos antropólogos americanos, tal como a formulação do conceito de "modelo cultural", isto é, "um conjunto estruturado dos mecanismos pelos quais uma cultura se adapta a seu meio ambiente" (CUCHE, 1999, p. 70). O autor também aborda em suas pesquisas a questão do fenômeno do "contato cultural" e dos empréstimos culturais que podem ocorrer a partir dessas trocas. Sendo assim, nos estudos seguintes, a antropologia americana se esforçou para interpretar as diferenças existentes entre os diversos grupos humanos. A partir de 1930, os estudiosos começaram a encarar a questão cultural como uma totalidade, investigando como as pessoas assumem e vivenciam sua própria cultura. No novo caminho, "a cultura não existe enquanto realidade 'em si', fora dos indivíduos, mesmo que todas as culturas tenham uma relativa independência em relação aos indivíduos" (CUCHE, 1999, p. 75).

Buscando definir os "tipos culturais", Ruth Benedict (1950 apud CUCHE, 1999) destacou a existência de um "arco cultural", formado por diversas possibilidades de culturas em todos os âmbitos. Nesse sentido, as culturas seriam "definidas por um certo 'tipo' ou estilo" (CUCHE, 1999, p. 77) que não seria ilimitado, considerando que as culturas eram identificadas e classificadas a partir de suas especificidades: "Benedict afirmava, no entanto,

que a variedade de culturas é redutível a um certo número de tipos caracterizados” (CUCHE, 1999, p. 77). A autora sustenta a ideia de que cada cultura se define a partir de uma determinada configuração e de um modelo. Dessa forma, os elementos que compõem uma cultura não são exatamente os responsáveis pela sua definição, mas sim a estrutura que a mantém em uma totalidade. Em vista disso, entendemos que uma cultura não está formada por uma “justaposição de traços culturais, mas uma maneira coerente de combiná-los” (CUCHE, 1999, p. 78).

A partir das contribuições de diversos pesquisadores, etnólogos, sociólogos e antropólogos, o conceito de cultura se desenvolveu e “não parece mais como uma simples reunião de traços dispersos. Ela é vista como um conjunto organizado de elementos interdependentes [e] sua organização é tão importante quanto o seu conteúdo” (CUCHE, 1999, p. 92-93). Através do panorama sobre a conceptualização de cultura realizado por Femenías (2013, p. 38), destaca-se a posição de Storey sobre a necessidade de relacionar o tema com a noção de ideologia. Partindo do mesmo método utilizado para a definição de cultura de forma mais aberta e moldável, Storey apresenta o conceito de ideologia como um sistema de ideias articulado por um grupo determinado de pessoas ou um indivíduo; uma reunião de ideias sociais, políticas, econômicas, atividades ou aspirações a respeito de um grupo ou pessoas ligadas a ele. O autor também destaca o uso do termo “formas ideológicas” para tratar sobre uso de formas de expressões comunicativas e artísticas (tv, músicas, filmes) para expressar algum significado político e ideológico. Baseando-se na ideia de Louis Althusser, ideologia também corresponde ao conjunto sobre rituais e costumes da vida cotidiana que se tornam um conjunto de ações “marcado ideologicamente y que reproduce las condiciones sociales necesarias para que tal ideologia persista”⁵(FEMENÍAS, 2013, p. 38). Storey também atribui ao conceito de ideologia a existência dos mitos e as batalhas constantes pela restrição ou imposição hegemônica de determinada ideologia.

A partir da relação entre ideologia e cultura destacada por Storey, é possível verificar a influência de questões de poder e políticas no tocante aos modelos culturais. Posto isto, nesse momento, os teóricos também se dedicam a destacar a importância de desenvolver o conceito de cultura popular, estruturando-o como

un terreno de intercambio y negociación (un equilibrio comprometido) entre las fuerzas de la incorporación de lo nuevo y de la resistencia, se juega la batalla entre el

⁵ "marcado ideologicamente e que reproduz as condições sociais necessárias para que tal ideologia persista" (FEMENÍAS, 2013, p. 38).

intento de universalización de los intereses de los dominantes y las resistencias de los dominados.⁶(FEMENÍAS, 2013, p. 39)

Esses interesses contraditórios vão estar em constante conflito e concorrência dentro dos sistemas culturais a fim de encontrar um espaço de constituição de um caráter hegemônico. Logo, não se trata de uma “mera estructura impuesta a receptores pasivos, sino algo que emerge de la ‘negociación’, de la mezcla de intenciones, [...] buscando su punto de equilibrio entre resistencia e incorporación”⁷ (FEMENÍAS, 2013, p. 39-40). Segundo Femenías (2013, p. 40), a instituição de uma hegemonia revela as negociações entre os grupos dominantes de uma sociedade e os grupos oponentes em um terreno que lhes permita revalidar a continuidade do seu poder.

Uma das causas dos diversos conflitos sociais relacionados a questões ideológicas e de poder se baseia na diferença. Femenías (2013) revela que a desigualdade de autoridade entre pessoas e grupos mostra

la insuficiencia estructural de las sociedades, o bien la desigual distribución de reconocimiento entre los diferentes individuos que conforman una sociedad. La falta de reconocimiento como capital simbólico de algunos miembros de una determinada sociedad- o su distribución inequitativa- resulta en una fuerza reactiva, aunque se trate de una estructura considerada igualitaria.⁸(FEMENÍAS, 2013, p. 24)

Em vista disso, os conflitos sociais se configuram como lutas por um espaço maior de reconhecimento identitário, realizados, sobretudo, pelos chamados “grupos de minorias”, isto é, grupos discriminados ou invisibilizados dentro da sociedade e no campo político (FEMENÍAS, 2013, p. 24). Parte significativa das reivindicações está baseada em questões de identidade étnica, religiosa, cultural ou sexual. Cuche (1999), ao citar Frederik Barth (1969), destaca a construção das identidades de grupo por intermédio da marcação da diferença:

Para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das

⁶ um terreno de intercâmbio e negociação (um equilíbrio comprometido) entre as forças da incorporação do novo e da resistência, se luta uma batalha entre a tentativa de universalização dos interesses dos dominantes e as resistências dos dominados. (FEMENÍAS, 2013, p. 39)

⁷ "mera estrutura imposta a receptores passivos, mas sim algo que emerge da ‘negociação’, da mistura de intenções, [...] buscando seu ponto de equilíbrio entre resistência e incorporação" (FEMENÍAS, 2013, p. 39-40).

⁸ a insuficiência estrutural das sociedades, ou a desigual distribuição de reconhecimento entre os diferentes indivíduos que conformam uma sociedade. A falta de reconhecimento como capital simbólico de alguns membros de uma determinada sociedade- ou sua distribuição inadequada- resulta em uma força reativa ainda que se trate de uma estrutura considerada igualitária. (FEMENÍAS, 2013, p. 24).

interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações. (BARTH apud CUCHE, 1999. p. 182)

Para os autores, os membros desses grupos disseminam seus símbolos sociais por meio das interações com outros indivíduos e comunidades, fazendo com que o próprio grupo ganhe novas ressignificações. Com isso, evidencia-se que a questão da identidade está no núcleo desses movimentos e exerce grande influência na conceptualização do termo “multiculturalismo” (FEMENÍAS, 1999, p. 26). Verificam-se duas forças a respeito do uso do termo: a primeira diz respeito a sua aplicação, sem o acompanhamento de uma definição, considerando seu significado como um conceito claro, fechado e autoevidente; na segunda força, sua definição é realizada através de diferentes perspectivas, causando, inclusive sentidos e usos múltiplos. Em razão disso, Femenías (2013, p. 27) destaca que “hay diferentes modos de entender ‘multiculturalismo’”⁹. Através de uma investigação baseada na rede de conceptualização sobre “cultura” por exemplo, verifica-se que as discussões são extensas, abertas e surgem no campo da antropologia, da sociologia e, tratando-se de multiculturalismo, ainda, no campo da filosofia (FEMENÍAS, 1999, p. 28). Diante disso, outros teóricos se apoiam também em uma rede de conceptualização para desenvolver o conceito de “multiculturalismo”.

A primeira discussão centrada em responder o que é o multiculturalismo ocorreu no final do século XX. Os estudiosos que se dedicavam a estudar o tema, esbarravam, mais uma vez, na dificuldade de conceitualizar a ideia e, através de perspectivas distintas, o termo começou a receber definições. A partir da compilação de estudos sobre o tema, Femenías (2013, p. 29) revela que as primeiras concepções sobre multiculturalismo se baseavam em uma visão sobre a concorrência existente entre os diversos tipos culturais pela hegemonia cultural. Em outra vertente, Femenías (2013, p. 30) evidencia a proposta de Stanley Fish que define “multiculturalismo” em dois ramos: “de boutique”, uma abordagem baseada puramente em aspectos estéticos, utilizada muitas vezes de forma superficial e comercial apenas como uma “mera folclorización o etnización de restaurantes, festivales, ropas, como modos de incorporar al ‘otro’ de manera *chic* -es decir, en clave exótica-, donde la exaltación de vestimentas y de opiniones, sin el menor filtro o parámetro ético”¹⁰ (FEMENÍAS, 2013, p. 30); e, por outro lado, o autor define o multiculturalismo “forte” como aquele que valoriza a

⁹ “há diferentes modos de entender ‘multiculturalismo’” (FEMENÍAS, 2013, p.27).

¹⁰ “mera folclorização ou etnização de restaurantes, festivais, roupas, como modos de incorporar o 'outro' de maneira chique -isto é, de forma exótica-, onde a exaltação da vestimenta e de opiniões, sem o menor filtro ou parâmetro ético” (FEMENÍAS, 2013, p. 30)

diferença entre as culturas. Sobre o segundo caso, Femenías (2013) ilustra o multiculturalismo “forte”, segundo a consideração de Fish, através de duas consequências:

o bien se extiende la tolerancia hasta el núcleo mismo de la resistencia cultural (lo que disuelve la diferencia) y el consecuente sentido del multiculturalismo; o bien se llega a situaciones de intolerancia (su ejemplo es la condena a muerte del poeta S. Rushdie por Jomeini), en términos de eliminación real o simbólica del otro. El multiculturalismo fuerte elige -según Fish- la segunda opción. Por tanto, es reactivo, antidemocrático, etcétera.¹¹(FEMENÍAS, 2013, p. 30)

Nesse ponto, verifica-se que a definição desse tema envolve diversos elementos e, segundo a exposição que Femenías (2013, p. 30) faz a respeito da contribuição de Pankratz (1993) para a discussão, o fato de uma sociedade apresentar uma diversidade étnico-racial e uma variedade de culturas não a faz ser automaticamente multicultural.

A ideia do multiculturalismo baseado em uma visão normativa é defendida por Pankratz (1993) ao entender que “las políticas públicas deberían favorecer la producción y el intercambio de la diversidad cultural, descentrándose de los modelos occidentales y generando un proceso de educación de la sensibilidad en torno a diferentes conceptos”¹² (FEMENÍAS, 2013, p. 31). Desse modo, haveria mais espaços para o diálogo entre as culturas. Femenías (2013, p. 33) revela, ainda, os estudos de John Rex, que observa a questão do multiculturalismo a partir de uma série de diferenciações que ocorrem na esfera pública e na privada. O autor identifica uma sociedade multicultural primeiramente como uma sociedade moderna na qual haveria uma única cultura composta de um conjunto de direitos dos indivíduos regendo a esfera pública. Na esfera privada, então, seria possível manter uma variedade de culturas e expressões folclóricas. No panorama realizado por Femenías (2013), a conceptualização de Watson (2000) mostra que o multiculturalismo define uma nação, uma região, ou mesmo um espaço geograficamente delimitado composto por pessoas de diferentes culturas, tomando como sinônimos as palavras “multicultural, cosmopolita, sociedad multiétnica, sociedad multirracial, sociedade poliétnica, sociedad plural y remite como fuente

¹¹ ou se estende a tolerância até o núcleo da resistência cultural (o que dissolve a diferença) e o consequente sentido de multiculturalismo; ou se chega a situações de intolerância (seu exemplo é a condenação da morte do poeta S. Rushdie por Jomeini), em termos de eliminação real ou simbólica do outro. O multiculturalismo forte escolhe -segundo Fish- a segunda opção. Por tanto, é reativo, antidemocrático, etc. (FEMENÍAS, 2013, p. 30)

¹² “as políticas públicas deveriam favorecer a produção e o intercâmbio da diversidade cultural, descentrando-se dos modelos ocidentais e gerando um processo de educação da sensibilidade em torno a diferentes conceitos” (FEMENÍAS, 2013, p. 31).

de algunas de sus acepciones a Taylor (1992), cuyas caracterizaciones tampoco son claras”¹³ (FEMENÍAS, 2013, p. 33).

A partir de um ponto de vista mais dinâmico, aberto e, por isso, mais complexo, Femenías (2013) traz a definição de Mary Nash (2001) e Leciñana Blanchard (2004) para finalizar o breve panorama que faz a respeito do tema “multiculturalismo”. A perspectiva de Nash (2001) parte, segundo Femenías (2013, p. 34) de uma visão a respeito do multiculturalismo como o resultado das negociações e lutas entre grupos que apresentam diferenças culturais, étnicas e raciais. Sendo assim, a autora revela o multiculturalismo como um processo “dinámico y plural, sin verloreducido a una única interpretación o a una visión homogénea”¹⁴ (FEMENÍAS, 2013, p. 34). Nesse sentido, o fenômeno multicultural atua como um grande desafio à hegemonia eurocêntrica que, em contrapartida a esse processo, “pretende forzar la heterogeneidad cultural en una expresión. Única de cultura paradigmática, como una realidad ontológica, como el centro de gravedad del mundo” (FEMENÍAS, 2013, p. 34). Por essa razão, a proposta da sociedade multicultural é permitir uma visão mais aberta e policêntrica, permitindo a expressão de diversas outras propostas culturais. Também em um viés mais aberto de conceptualização, Blanchard define o alcance do termo multiculturalismo quando se trata das políticas de identidade promovidas, sobretudo, pelos movimentos sociais que são marcados pela diferença (FEMENÍAS, 2013, p. 34). Em um segundo sentido, o multiculturalismo englobaria os indivíduos, cujas “formas de vida” marcam as diferenças, seja por uma ordem sexual, cultural, ou qualquer outra característica que produzia a invisibilidade do indivíduo ou do grupo.

Tendo em vista o painel de conceptualização em relação ao “multiculturalismo”, percebe-se que o termo é munido de diversas problemáticas. Segundo Femenías (2013, p. 35), seu uso pode referir-se tanto a indivíduos que viveram um deslocamento transnacional como a grupos étnico-culturais de uma mesma nação. Em um caráter crítico, o multiculturalismo pode ser compreendido também como

deseable o -en el otro extremo- como responsable de una diversidad separatista que conduce a la desintegración; propiciatorio de derechos grupales o reconocimientos individuales a los portadores de marcas étnicas o culturales diferenciadas. En cierto sentido, linda con lo ideológico, pero también con los derechos. Es normativo para algunos (remite a lo que debe ser) y descriptivo para otros (da cuenta de cómo son

¹³ "multicultural, cosmopolita, sociedade multiétnica, sociedade multirracal, sociedade politénica, sociedade plural e remete como fonte de algumas de suas aceções a Taylor (1992), cuyas caracterizaciones también não são claras" (FEMENÍAS, 2013, p. 33).

¹⁴ "dinámico e plural, sem vê-lo reduzido a uma única interpretação ou a uma visão homogênea" (FEMENÍAS, 2013, p. 34).

las sociedades). Incluso constituye un dato o bien relevante o bien insignificante, según el autor que se lea.¹⁵(FEMENÍAS, 2013, p. 35)

Em vista dessa aparente ambiguidade que a palavra apresenta, entende-se que o ponto comum entre as noções realizadas envolvem a ideia de que o multiculturalismo, em um sentido amplo e descritivo, revela a diversidade de culturas, entre grupos de diferentes nações ou dentro do próprio país ou região. Além disso, para uma discussão mais aprofundada do termo, se faz necessário entender também a rede de conceitos que o envolve, sobretudo a respeito da questão fundamental que movimenta o multiculturalismo: a reivindicação do valor da identidade grupal, “sobre todo en tanto identificación como miembro de un grupo a partir de un rasgo diferenciador”¹⁶ (FEMENÍAS, 2013, p. 56-57).

Bauman (2013) ratifica o processo de globalização como a principal influência para as transformações ocorridas no período contemporâneo, ilustradas pelo autor como “a transformação da modernidade de sua fase ‘sólida’ para a ‘líquida’” (BAUMAN, 2013, p. 11). Através da expressão “modernidade líquida”, Bauman (2013) denomina a nova condição moderna, descrita, ainda, por outros autores como “‘pós-modernidade’, ‘modernidade tardia’, ‘segunda modernidade’ ou ‘hipermodernidade’” (2013, p. 11). Esse período é, então, caracterizado pelas mudanças constantes e sucessivas, que “dissolvem” aspectos que eram considerados “sólidos”: “como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo” (BAUMAN, 2013, p. 11). As formas que sofrem transformações, entretanto, não são substituídas por novas formas “sólidas” e permanentes, “no lugar de formas derretidas, e portanto inconstantes, surgem outras, não menos – se não mais – suscetíveis ao derretimento, e portanto também inconstantes” (BAUMAN, 2013, p. 11). Sendo assim, de acordo com Bauman (2013, p. 11) e dialogando com as propostas dos teóricos nos panoramas realizados por Cuche (1999) e Femenías (2013), a própria ideia de “cultura” abriu espaço para a transformação das estruturas que a sustentavam, tornando-se capaz de “se concentrar em atender às necessidades dos indivíduos, resolver problemas e conflitos individuais com os desafios e problemas da vida das pessoas” (BAUMAN, 2013, p. 11-12). O teórico (2013) revela que a ideia de cultura

¹⁵ desejável ou -em outro extremo- como responsável de uma diversidade separatista que conduz a desintegração, propiciatório de direitos grupais ou reconhecimentos individuais aos portadores de marcas étnicas ou culturais diferenciadas. Em certo sentido, lida com o ideológico, mas também com os direitos. É normativo para alguns (remete ao que deve ser) e descritivo para outros (dá conta de como são as sociedades). Inclusive constitui um dado ou bem relevante ou bem insignificante, segundo o autor que se estiver lendo. (FEMENÍAS, 2013, p. 35).

¹⁶ “sobretudo em relação a identificação como membro de um grupo a partir de uma característica diferenciadora” (FEMENÍAS, 2013, p. 56-57).

outrora estava baseada na sua utilização como “status de ferramenta básica para a construção de uma nação, de um Estado e de um Estado-nação – ao mesmo tempo confiando essa ferramenta às mãos da classe instruída” (BAUMAN, 2013, p. 9). Isto se dava porque uma das faces da ideia de cultura permitia compreendê-la como uma “ordem social”:

um acordo planejado e esperado entre os detentores do conhecimento (ou pelo menos acreditavam nisso) e os ignorantes (ou aqueles assim descritos pelos audaciosos aspirantes ao papel de educador); um acordo apresentado, por incidente, com uma única assinatura, unilateralmente endossado e efetivado sob a direção exclusiva recém-formada da “classe instruída”, que buscava o direito de moldar uma “nova e aperfeiçoada” ordem a partir das cinzas do *ancien régime*. (BAUMAN, 2013, p. 9)

Dessa forma, o fortalecimento dessa relação de poder concentrado em determinado grupo dominante aparentava um bom sinal para um nascente Estado-nação, “pois acreditava-se que o incremento do número de potenciais trabalhadores-soldados iria aumentar seu poder e garantir sua segurança” (BAUMAN, 2013, p. 9). Para Benedict Anderson (2008), essa “ordem social” era feita através da ideia de nação como “comunidade imaginada”, assim nomeada porque “mesmo os membros das mais minúsculas nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar dos seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 32). Em sua perspectiva, o autor (2008) apresenta as “comunidades imaginadas” como conjuntos de práticas culturais que promovem a ideia coletiva de um grupo homogêneo, permitindo que os indivíduos pertencentes a esse grupo se reconhecessem como parte de uma coletividade (ANDERSON, 2008, p. 32-33). Contudo, a estruturação de uma nação e seu crescimento econômico geravam um aumento exponencial da população, o que resultava em uma necessidade por novos territórios além das fronteiras. Nesse momento, a cultura era o elemento que mantinha a população sob domínio, atuando como um “dispositivo homeostático: uma espécie de giroscópio protegendo o Estado-nação de ventos e correntes cambiantes e ajudando-o, apesar das tempestades e dos caprichos de um clima mutável, a ‘manter o navio no curso correto’” (BAUMAN, 2013, p. 10). Assim, os Estados-nações se mantinham nesse sistema estável, que impossibilitava seu desvio ou qualquer alteração da estrutura do seu modelo. Por vezes, um Estado-nação poderia ser coagido e impulsionado a realizar transformações mais estruturais, tornando-se mais vulnerável. Entretanto, essas estruturas começaram a ser, de fato, abandonadas através do impulso da globalização. A transformação das fronteiras dos Estados-nações em disposições frágeis e até fictícias e a desestruturação da ideia de soberania

territorial foram responsáveis pela reestruturação da ideia de nação, sendo impulsionadas também pelo “caráter diferenciador da migração global” (BAUMAN, 2013, p. 26).

A história da migração moderna em massa pode ser ordenada, segundo Bauman (2013), em três fases: a primeira, centrada na emigração de 60 milhões de europeus para terras habitadas por populações indígenas ou que não fossem úteis para seus interesses econômicos, atribuindo-se do status de “missão do homem branco”: “o que restasse das populações nativas depois dos assassinatos em massa e das epidemias também em massa se tornaria, para os recém-chegados, outro caso de ‘cultivo’” (BAUMAN, 2013, p. 26). Na segunda fase, o declínio dos impérios coloniais permitiu que indivíduos das populações nativas fossem acompanhados dos colonialistas a suas terras natais e, na cidade em que se estabeleciam, precisavam “ajustar-se à única visão de mundo e ao único modelo estratégico disponível até então, o da assimilação, criado na fase inicial do processo de construção nacional como forma de lidar com minorias étnicas, linguísticas ou culturais” (BAUMAN, 2013, p. 2013). Segundo o autor, a terceira fase da migração moderna perdura até o período contemporâneo e diz respeito à diáspora, uma infinidade de “colônias étnicas, religiosas e linguísticas, sem preocupações com os caminhos assinalados e pavimentados pelo episódio imperial/colonial” (BAUMAN, 2013, p. 27).

Na contemporaneidade, as diásporas espalham-se pelos territórios com o objetivo de encontrar recursos e chances de vida no atual cenário do mundo globalizado, ignorando os “inúmeros territórios formalmente soberanos; [...] as pretensões dos nativos quanto à primazia de necessidades, demandas e direitos locais, e se movimentam entre as armadilhas de uma cidadania dual (ou múltipla)” (BAUMAN, 2013, p. 27). Nessa última fase, revela-se através do movimento da diáspora a possibilidade dos “muitos caminhos possíveis”, a transformação das nações como espaços “exclusivamente [...] de imigração ou de emigração. Não mais determinados de forma inequívoca pela herança do passado imperial/colonial, os caminhos da migração são abertos e reabertos ad hoc” (BAUMAN, 2013, p. 27). Sendo assim, Bauman (2013) destaca a relação existente, nesse processo de migração entre identidade e nacionalidade, entre o lugar de habitação de um indivíduo e sua identidade cultural, já que hoje, “pela primeira vez ‘a arte de conviver com a diferença’ tornou-se um problema cotidiano” (BAUMAN, 2013, p. 27). No contexto atual, o contato com o Outro se tornou uma realidade e uma constância, exigindo “que se desenvolvam ou que se adquiram habilidades que possibilitem a coexistência diária com modos de vida diferentes dos nossos; uma coexistência, além disso que se mostrará não apenas sustentável, mas mutuamente benéfica” (BAUMAN, 2013, p. 28). Agora, o foco não está na divisão provocadora de diferenças, mas

no novo espaço criado em função delas, composto de várias expressões de culturas e identidades.

1.3 A identidade na contemporaneidade: sujeitos híbridos

O caráter da mudança é um dos principais aspectos da contemporaneidade, influenciada, sobretudo, pelo processo de globalização. As sociedades modernas foram surpreendidas pela transformação rápida e constante, contrastando com o passado estabilizado e essencialista. As alterações nas noções de tempo e espaço também geraram transformações nos contextos sociais, o que explica o fato de as identidades estarem no centro das discussões culturais contemporâneas, já que identidade e espaço são concepções intimamente conectadas à experiência dos sujeitos em trânsito da contemporaneidade. Assim, uma transformação passou a ocorrer também na concepção de identidade, colocando em declínio seu caráter fixo e essencialista, para dar lugar ao surgimento de uma identidade fragmentada e fluida. A esta transformação Hall (2006, p. 1) denomina “crise de identidade” e evidencia a natureza descentradora desse processo de reestruturação também dos sistemas de referência até então estabelecidos. Contudo, o próprio conceito de identidade ainda está imbricado a uma complexidade de sentidos e definições como ocorre com outros fenômenos sociais que começam a ser questionados na contemporaneidade. Assim, as proposições teóricas de análise do termo e da rede de conceitos que o envolvem permanecem em um campo aberto e passível de constantes alterações.

O cenário de fragmentação das questões culturais de raça, etnia e nacionalidade opera como um grande elemento de contraste em relação às concepções de identidade existentes no período anterior ao final do século XX. A questão do sujeito, no Iluminismo, estava organizada ao redor da visão do indivíduo unificado, “dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior” (HALL, 2006, p. 2); isto é, apesar do crescimento, do desenvolvimento e das vivências desse indivíduo, ele permanecia sendo o mesmo. Essa concepção individualista, na qual a identidade de um sujeito permanecia fundada em um centro essencial, transformando-o em um sujeito soberano, era uma afronta à ideia de que, em realidade, os indivíduos se apoiavam em uma ordem divina das coisas. No período anterior ao século XVI, as tradições e estruturas que sistematizavam as sociedades “eram divinamente estabelecidas: não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais”

(HALL, 2006, p. 5). A posição de um sujeito, instituída na ordem divina, predominava antes de qualquer ideia voltada para o “individual”. Sendo assim, a ruptura nessa concepção ocorreu quando, no século XVI, o movimento Humanismo Renascentista e o Iluminismo do século XVIII, começaram a desvirtuar a consciência individual das instituições religiosas.

Nesse momento, datado para alguns estudiosos também como o início do período moderno, diversos movimentos refutaram a concepção do sujeito individual estabelecido como unificado no seu próprio interior e que, por isso, seria “indivisível”. Hall (2006, p. 6) destaca que a Reforma e o Protestantismo foram dois movimentos que contribuíram para o surgimento dessa nova concepção, proporcionando a liberdade ao indivíduo para se relacionar diretamente com o divino, ler e interpretar as escrituras sagradas dispensado de uma subordinação a uma autoridade eclesiástica; o Humanismo Renascentista permitiu a criação da ideia do futuro do Homem como o centro do universo; diversas revoluções científicas deram oportunidades para o Homem indagar e investigar os fenômenos da natureza; e o Iluminismo, trazendo à tona a “imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana” (HALL, 2006, p. 6). Assim, no século XVIII, as sociedades se desenvolviam para um caráter cada vez mais complexo e, com isso, “adquiriam uma forma mais coletiva e social” (HALL, 2006, p. 6).

Com essa concepção mais social do sujeito, muitas mudanças ocorreram também na sociedade, nas estruturas socioeconômicas que “foram obrigadas a dar conta das estruturas do estado-nação e das grandes massas que fazem uma democracia moderna” (HALL, 2006, p. 7). Assim, emergiu a concepção de sujeito sociológico, pautado na ideia de que o interior do sujeito era influenciado por uma cultura externa, isto é, “os valores, sentidos e símbolos [...] dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p. 2). Em vista disso, entendia-se que existia uma espécie de interação entre o eu e a sociedade, ou seja, o sujeito mantém o seu interior formado e centralizado, apesar de sofrer modificações “num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 2). A identidade, na concepção sociológica, une os valores internos e o mundo público, proporcionando um equilíbrio entre as subjetividades e os espaços sociais e culturais que elas ocupam, tornando-os mais unificados no interior das estruturas da sociedade moderna. Hall (2006, p. 7) destaca o papel da biologia darwiniana, fomentadora da visão a respeito do Homem como um sujeito “biologizado”, relacionando a razão com a própria natureza humana e a mente com o desenvolvimento físico do cérebro. Além disso, o surgimento das ciências sociais também colaborou para o conjunto de fundamentos conceptuais da identidade moderna, trazendo, entretanto, algumas consequências desiguais nas transformações geradas.

Apesar das mudanças vistas, o “indivíduo soberano” permanecia como o foco central nos discursos socioeconômicos das sociedades modernas e houve, ainda, uma divisão baseada no dualismo do pensamento cartesiano que atribuiu especialmente à Psicologia o estudo do indivíduo e de seus processos mentais, afastando a Sociologia desse campo. A crítica desenvolvida pela Sociologia sobre esse dualismo culminou na “teoria da socialização”, uma elucidação da forma

como os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham. (HALL, 2006, p. 7)

O cenário da conceptualização da identidade, na primeira metade do século XX, se centrou nessa correspondência entre “interior” e “exterior”, contudo, também nessa época, o Modernismo assomava através de movimentos intelectuais e estéticos, movimentando a ideia de identidade (HALL, 2006, p. 7). A figura do sujeito isolado é destacada, nesse período, “colocando-o como pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (HALL, 2006, p. 7). O personagem *flâneur* (ou o vagabundo), criado por Walter Benjamin no ensaio "Paris do Segundo Império" sobre a Paris de Baudelaire, é o indivíduo que vive o isolamento, vagando pelas ruas, “observando o passageiro espetáculo da metrópole” (HALL, 2006, p. 7).

Através de um momento de diversas transformações em relação aos discursos do conhecimento moderno, a segunda metade do século XX vivenciou “grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas” (HALL, 2006, p. 8), sendo denominada como “modernidade tardia” por Hall (2006, p. 8). Nesse período, uma nova compreensão foi desenvolvida a respeito dos escritos de Marx, declarando que os sujeitos precisavam de aspectos externos, ou seja, recursos culturais criados por outros ou fornecidos pelas antigas gerações para agir na história. Assim, “o marxismo, corretamente entendido, deslocara qualquer noção de agência individual” (HALL, 2006, p. 8), rompendo com as ideias modernas de que “há uma essência universal de homem [e] que essa essência é o atributo de ‘cada indivíduo singular’, o qual é seu sujeito real” (HALL, 2006, p. 8). Um segundo descentramento ocorreu através do pai da psicanálise, Freud, a partir da sua descoberta sobre o inconsciente. De acordo com Hall (2006), a concepção de Freud fundamenta a identidade “em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma ‘lógica’ muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito de sujeito cognoscente e

racional provido de uma identidade fixa e unificada” (HALL, 2006, p. 8). As contribuições do psicanalista Jacques Lacan, nesse período, também dialogaram com o pensamento de Freud de que a identidade é formada por processos inconscientes e apreendida ao longo do tempo (HALL, 2006, p. 8).

Do mesmo modo, as proposições de Ferdinand de Saussure foram destacadas por Hall (2006) como um impulso para uma nova concepção da identidade. O descentramento linguístico estava pautado na interpretação da língua como um sistema social, isto é, ao falar uma língua não nos tornamos “‘autores’ das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua” (HALL, 2006, p. 9). Os significados somente são estabelecidos através da língua, se circunscritos no interior das regras e dos sistemas de significação da cultura da qual o sujeito faz parte. Além disso, Hall (2006) ressalta o fato de que

os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. [...] As palavras são ‘multimoduladas’. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado. (HALL, 2006, p. 10)

Outra frente de descentramento foi proporcionada por uma série de estudos realizada por Michel Foucault. Segundo Hall (2006, p. 10), o filósofo e historiador francês evidenciou o desdobramento do “poder disciplinar”, uma força cujo objetivo estava em manter sob controle e disciplina a vida, o corpo e as atividades que envolviam um indivíduo. Nessa relação, o sujeito é cada vez mais individualizado, já que se espera como resultado final um “adestramento” dos indivíduos (HALL, 2006, p. 10).

Os movimentos sociais que emergiram, nos anos sessenta do século XX, também atuaram de modo a proporcionar o descentramento da identidade, destacando-se principalmente o papel do movimento feminista. Essas frentes de reivindicações se manifestavam em prol da “identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante” (HALL, 2006, p. 10). Sendo assim, o feminismo constituiu o início do que mais tarde foi chamado de “política de identidade”, atribuída a cada movimento. Esses cinco grandes avanços na teoria e no âmbito social possibilitaram que a identidade, previamente vista como unificada e estável, passe a ser entendida como fragmentada, “composta não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p. 2). O sujeito da

contemporaneidade abandona a identidade fixa e essencial para experimentar uma subjetividade transformada constantemente. Assim, revela-se também que a identidade é “definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2006, p. 2). Na contemporaneidade, o momento da fluidez e da multiplicidade de sentidos também confronta os indivíduos com as múltiplas possibilidades de identificações, por isso, as identidades “estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 2).

O contato com o novo, impulsionado pelo processo de globalização, também foi um grande influenciador da fragmentação identitária. Em vista do diálogo com novas expressões culturais, os indivíduos deram lugar ao surgimento de uma nova posição que permitiria a possibilidade de viver entre duas culturas: o hibridismo cultural. Um sujeito exilado não permite ter suas raízes culturais ameaçadas ou reconfiguradas pelo contato com a nova cultura, preservando o sentimento de pertencimento à cultura de partida (SAID, 2003, p. 55), o sujeito híbrido, entretanto, abre espaço para diversas questões que envolvem a relação entre os deslocamentos, o sentimento de pertencimento e a identidade. Marcada pelas constantes e complexas negociações realizadas entre as diferenças culturais, essa nova posição proporciona, segundo Bhabha (1998, p. 22), “a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta”. Trata-se, assim, da característica principal do sujeito que transita entre duas culturas ou que vive entre fronteiras, isto é, no espaço de articulação das diferenças culturais: o entre-lugar. Os indivíduos que vivem nos entre-lugares criados a partir do contato deles com o Outro assumem uma identidade móvel, tornando-se sujeitos traduzidos que desenvolveram a capacidade de “negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (HALL, 2006, p. 21).

Não existe uma sobreposição de culturas, nesse momento, já que “essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (BHABHA, 1998, p. 22). Toro (2010) dialoga com o conceito de “terceiro espaço” de Bhabha (1998, p.67), o espaço fluido que atua como entre-lugar do processo de sentido da enunciação, quando expõe o conceito da “terceira cultura”: “no se trata de una tercera cultura que surja del encuentro de una o más culturas [...] sino más bien la producción cultural simultánea que se inter-relaciona en ese continuo contacto entre culturas”¹⁷ (TORO, 2010, p. 11).

¹⁷ “não se trata de uma terceira cultura que surja do encontro de uma ou mais culturas [...] mas, sim, a produção cultural simultânea que se inter-relaciona nesse continuo contato entre culturas” (TORO, 2010, p. 11).

Nessa nova cultura não há o desejo de abandonar sua cultura de partida para começar um processo de assimilação da cultura de chegada, mas sim, a construção de uma convivência entre as duas. Nesse contexto, os indivíduos "sentem-se privilegiados pelo fato de serem nômades, de estarem em contato com outras culturas e diferentes línguas" (BERND, 2010, p. 17). Por essa razão, para essa noção de cultura não há a possibilidade de um regresso a uma origem, considerando que nunca existiu uma origem (TORO, 2010, p. 11) e que os símbolos e marcas de ambas as culturas permanecem em constante fluxo, refluxo e mudanças. Assim se evidencia a característica dos constantes deslocamentos que realizam a possibilidade do contato com novos espaços e culturas que são os motores para a constante reconfiguração da identidade.

2 A TENSÃO TRANSFORMADORA DOS NÃO-LUGARES EM LUGARES

Sou minha própria paisagem,
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.
Fernando Pessoa

No cenário das sociedades atuais, o espaço possui um valor privilegiado e também obtém grande foco nas narrativas desse período. Os constantes movimentos que integram as sociedades contemporâneas refletem-se na escrita e, por isso, neste capítulo, analisamos as duas obras literárias selecionadas no presente trabalho com o fim de verificar a configuração dos espaços que ambientam as narrativas. Dessa maneira, averiguamos também de que forma esses espaços se estruturam para possibilitar o surgimento dos lugares e dos não-lugares.

No subcapítulo 2.1, “Espaços e não-lugares”, abordamos a nova configuração fluida do espaço. A maleabilidade adquirida por esse conceito está intimamente relacionada aos deslocamentos e às facilidades de comunicação no período contemporâneo. Por essa razão, partindo da noção do espaço como uma unidade plástica e mutável, verificamos que as relações realizadas em determinado ambiente revelarão o valor que um espaço pode assumir. Assim, trabalhamos para identificar quais são as características que levam um espaço a configurar-se como um lugar. Esse valor, entretanto, não será estático quando consideramos que o mesmo espaço pode sofrer uma reconfiguração e se organizar como um não-lugar.

Entre os indivíduos que compartilham esses espaços são estabelecidos níveis de interação, podendo haver completa expressão das identidades ou a total ausência delas quando o contato ocorre da forma mais breve e superficial possível. No caso das relações que se afastam da subjetividade, identificamos o surgimento da essência da civilidade, uma prática capaz de sustentar o contato dos indivíduos como um mero encontro de estranhos. À vista disso, analisamos os elementos que sustentam a essência de civilidade e, por sua vez, de que forma ocorre uma ruptura dessa essência e a aparição das subjetividades.

No ponto 2.2, “Encontrar-se no entre-lugar: a vida entre o Centro e o Tirol”, retomamos o conceito de hibridismo cultural para analisar através de um recorte mais específico na obra *Passageiro do fim do dia*, a interação da personagem Rosane com as identidades de grupo do Centro e do Tirol. É possível verificar que determinadas influências operam abalando as formas de representação da personagem, apesar de se tratar de grupos inseridos em uma mesma cidade. Verificamos também as influências sentidas por Pedro,

namorado de Rosane, já que o jovem também está em constante contato com a comunidade do Tirol.

No subcapítulo 2.3, “Espaços nunca completamente realizados: observando a transformação através da janela do ônibus e do assento da Kombi”, retomamos os conceitos de espaço e a essência de civilidade para analisar *Combi*, romance de Ángela Pradelli, cujo espaço principal é uma Kombi que todos os dias cruza a província de Buenos Aires, saindo de uma região mais periférica, Adrogué, com destino à parada final, o centro de Buenos Aires. Destacamos que, no não-lugar da narrativa, alterações significativas são sentidas a partir das tensões criadas nesses espaços. Isto ocorre porque nos momentos de estresse, o espaço do não-lugar é ocultado pelo surgimento de expressões de interações, sentimentos e opiniões. Nesse contexto, as diversas subjetividades entram em conflitos, produzindo a reconfiguração de um novo espaço que passa a ser instituído como um lugar.

A partir de outra perspectiva, destacamos também neste ponto a posição de determinados personagens como meros viajantes-espectadores. Essa ocorrência será analisada principalmente a partir do personagem Pedro, do romance *Passageiro do fim do dia*. A narrativa do escritor brasileiro convida o leitor a acompanhar o jovem em um ônibus, no trajeto que faz até o Tirol, periferia onde mora sua namorada. Durante todo o caminho, Pedro se estabelece como um observador solitário, se abstendo de qualquer ruptura com a essência de civilidade e com a concepção do não-lugar, até mesmo quando o clima de tensão atinge também o ônibus em que está inserido. Dessa maneira, investigamos a forma como Pedro observa as interações e mudanças no local como um espetáculo no qual não apresenta nenhum desejo de atuar.

2.1 Espaços e não-lugares

Como um dos temas que envolvem a contemporaneidade, no plano dos estudos culturais, o conceito de espaço recebe um papel de destaque em meio ao contexto dos constantes deslocamentos. Entretanto, o espaço não encobre a existência do tempo e sua relevância, nem se desconecta completamente dele, os dois se interligam na corrida da expansão espacial, na qual “o espaço era o valor [e] o tempo, a ferramenta” (BAUMAN, 2001, p. 131). Ainda segundo Bhabha (1998), tempo e espaço atuam unidos para gerar as complexas transformações existentes no período pré-moderno de “diferença e identidade,

passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA, 1998, p. 30). Através do fenômeno da globalização, a noção de espaço passou a estar em evidência. A instantaneidade do tempo, por meio das constantes viagens realizadas geraram a formação de múltiplos espaços, tanto em um aspecto físico como no aspecto virtual. Dessa forma, o espaço passou a sofrer diversas redefinições.

As transformações ocorridas no interior da noção de espaço afastaram seu caráter de “fixo” para atribuir-lhe uma característica plástica, maleável. Em vista disso, a ideia de espaço apresenta um caráter abstrato que a diferencia do conceito de “lugar”. Segundo Augé (2007), se faz necessário observar a noção de espaço como um sistema que, dependendo das estruturas que se formem, uma determinada faceta será apresentada. Dessa maneira, a ideia de espaço abstrato “se aplica indiferentemente a uma extensão, a uma distância entre duas coisas ou dois pontos (deixa-se um ‘espaço’ de dois metros entre cada moirão de uma cerca), ou a uma grandeza temporal (‘no espaço de uma semana’)” (AUGÉ, 2007, p. 77), sendo, portanto, usado de distintas maneiras na linguagem convencional. Por apresentar um valor relacional e plural, percebe-se que o conceito de espaço da contemporaneidade, pode ser também um agente de segregações e exclusões ao permitir relações contraditórias. Ainda assim, “tanto no contexto da produção de múltiplas relacionalidades como na expressão dos processos de exclusão, a categoria do espaço impera destacadamente nas expressões da atualidade” (ALMEIDA, 2015, p. 33).

A reconfiguração desses espaços em lugares está atrelada às relações existentes em seu interior, isto é, à expressão de identidades e à relação entre os sujeitos e o espaço em si. De acordo com Augé, que trata da noção do “lugar antropológico”, esse espaço será assim configurado a partir da “possibilidade dos percursos que nele se efetuam, dos discursos que nele se pronunciam e da linguagem que o caracteriza” (AUGÉ, 2007, p. 77). Dessa forma, entende-se que não se trata de uma oposição de conceitos, entre espaço x lugar, mas sim, de formas de configuração realizadas por um conjunto de elementos distintos. Percebe-se, então, que o conceito de lugar também permite um caráter tão abstrato quanto a ideia de espaço (AUGÉ, 2007, p. 77). Pode-se dizer de um lugar para uma delimitação entre um ponto e outro, tratando-se da esfera física, entretanto, também é possível aplicar a ideia de lugar ao falar de “um mito (lugar-dito) ou a uma história (lugar histórico)” (AUGÉ, 2007, p. 77). A maior característica de um lugar são as animações que nele acontecem e, como destacado por Augé (2007), essas animações ocorrem através de interações geográficas, sociais ou através de discursos.

Partindo de uma oposição às estruturas que compõem o lugar, reconhecemos um não-lugar como “um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico” (AUGÉ, 2007, p. 73). Segundo Augé (2007), esses espaços são consequências da chamada Supermodernidade, denominação usada pelo teórico para tratar o período contemporâneo, e lista alguns exemplos:

os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados, as favelas destinadas aos desempregados ou à perenidade que apodrece) onde se desenvolve uma rede cerrada de meios de transporte que são também espaços habitados. (AUGÉ, 2007, p. 74)

Esses não-lugares são marcados pela individualidade e pelas relações superficiais, ou mesmo inexistentes, entre os indivíduos, são espaços provisórios, nos quais não há o desejo de permanecer, mas sim, ser um espaço de passagem. Portanto, os não-lugares apresentam uma configuração de espaços provisórios, onde todas as subjetividades são abafadas pela força homogeneizante que há nele: “os residentes temporários dos não-lugares são possivelmente diferentes, cada variedade com seus próprios hábitos e expectativas e o truque é fazer com que isso seja irrelevante durante sua estadia” (BAUMAN, 2001, p. 119).

Os não-lugares e os lugares, entretanto, nunca são completamente instituídos, “são, antes, polaridades fugidas: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente” (AUGÉ, 2007, p. 74). Existem condições que movimentam as estruturas desses espaços e, por isso, não são considerados completamente puros já que os não-lugares também estão formados por lugares e por relações. Um supermercado pode se apresentar como um não-lugar quando um indivíduo o visita com o único objetivo de consumir, sem nenhuma intenção de se relacionar com o espaço ou com os outros sujeitos que ali se encontram. Segundo Bauman (2001, p. 114), o supermercado pode configurar-se como um “templo do consumo” e “por mais cheios que possam estar, os lugares de consumo coletivo não têm nada de coletivo”, já que, nesses espaços, os encontros “precisam ser breves e superficiais: não mais longos nem mais profundos do que o ator os deseja” (BAUMAN, 2001, p. 114). Por isso, as estruturas desse espaço se convertem nas estruturas características do não-lugar, já que não há relações com os outros sujeitos que o ocupam, nem manifestações de subjetividade ou um histórico. Para um funcionário, entretanto, o supermercado representa um lugar com passado, relações sociais e interações com o espaço e outros indivíduos.

A formação dos não-lugares parte do tipo de relação existente entre um indivíduo e o espaço e o propósito que o leva a estar ali, já que geralmente os participantes de um não-lugar

são movidos pelo desejo de deslocar-se de um ponto ao outro, de consumir, ou simplesmente passar por esse espaço. Por isso são considerados não-lugares os transportes, o comércio, áreas de lazer, os espaços urbanos, “pois os não-lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só dizem respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária” (AUGÉ, 2007, p. 87). Esses espaços são definidos também pelas palavras ou textos que exprimem instruções aos indivíduos:

[...] Assim, são instaladas as condições de circulação em espaços onde se supõe que os indivíduos só interajam com textos, sem outros enunciadores que não pessoas “morais” ou instituições (aeroportos, companhias aéreas, Ministérios dos Transportes, sociedades comerciais, polícia rodoviária, municípios), cuja presença se adivinha vagamente ou se afirma mais explicitamente, por trás das injunções, dos conselhos, dos comentários, das “mensagens” transmitidas pelos inúmeros “suportes” (painéis, telas, cartazes) que são parte integrante da paisagem contemporânea. (AUGÉ, 2007, p. 89)

Nos meios de transportes, os lugares do lado de fora perdem a sua importância e se resumem a meros nomes, “não se atravessa mais as cidades, mas os pontos notáveis são sinalizados por painéis em que está inscrito um verdadeiro comentário. O viajante fica, de certo modo, dispensado de parar e até mesmo de olhar” (AUGÉ, 2007, p.88). Sendo assim, todo o trajeto se transforma em uma passagem, sem paradas e sem interações. Ainda que os passageiros se desloquem rotineiramente, os lugares vistos pela janela se transformam em espaços abstratos, em textos que, a longo prazo, se tornam familiares. O viajante curioso não tem ao menos a possibilidade de decifrar a paisagem externa já que a velocidade dos transportes atuais o proíbe, “como se certos textos tivessem ficado, para o passageiro de hoje, obsoletos” (AUGÉ, 2007, p. 92). Essa posição que assume o texto sobre os espaços é um fundamento dos não-lugares, já que nos chamados “lugares antropológicos” a linguagem é um modo de interação e exposição de subjetividades. O transporte como um não-lugar homogeneiza os indivíduos criando uma

identidade partilhada dos passageiros, da clientela ou dos motoristas ‘domingueiros’. Sem dúvida, mesmo o relativo anonimato que diz respeito a cada identidade provisória pode ser sentido como uma libertação por aqueles que, por um tempo, não têm mais que manter seu nível, ficar no seu lugar, cuidar da aparência. (AUGÉ, 2007, p. 93)

Rotineiramente as viagens promovidas pelos meios de transportes “atravessam e organizam lugares, eles os selecionam e os reúnem num só conjunto, deles fazem frases e

itinerários. São percursos de espaços” (CERTEAU, 1998, p. 199). Considerando a característica dos deslocamentos como formadores de nomes e frases, Certeau (1998) atribui às narrativas valores estruturais referentes às “sintaxes espaciais” (1998, p. 199). Essa estrutura é capaz de indicar as mudanças espaciais e formular relatos a respeito de determinados lugares e espaços: “daqui (Paris) a gente vai para lá (MONTARGIS); este lugar (um quarto) inclui outro (um sonho ou uma lembrança); etc.” (CERTEAU, 1998, p. 200). Também através da construção de imagens na narrativa como a imagem do estrangeiro formada por meio de adjetivações e valores.

Certeau (1998, p. 201) delimita a ideia de lugar levando em consideração que se trata de um espaço relacional, formado por uma “ordem, (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTEAU, 1998, p. 201). O lugar implica estabilidade, permanência e marcas de subjetividade que o definem como um ambiente, segundo Certeau (1998), regido pela “lei do próprio”: “um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições” (1998, p. 201). O espaço, em contrapartida, é maleável, moldado pelos “vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis” (CERTEAU, 1998, p. 202). A animação existente nos espaços se dá pelos movimentos que os reconfiguram, já que suas estruturas dependem de “operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 1998, p. 202).

Diferente de um lugar, o espaço não apresenta uma estabilidade ou um caráter “próprio”, tendo em vista que tem em sua estrutura a ideia de ser um espaço relacional. Por isso, um lugar se estrutura como um “lugar praticado”, isto é, o caráter abstrato do espaço assume determinada condição ao sofrer animações, por exemplo, “o espaço urbano” é instituído quando pedestres utilizam uma rua geograficamente definida. Dessa forma, as relações existentes nos espaços são capazes de transformar “lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros” (CERTEAU, 1998, p. 203). São diversas as operações que implementam uma estrutura imóvel ou outra repleta de ações relacionais identificando lugares e formando espaços.

As descrições de lugares realizadas no cotidiano formam um “imenso corpus” que designa mapas e percursos, sendo que “o primeiro segue o modelo: ‘ao lado da cozinha fica o quarto das meninas’. O segundo: ‘Você dobra à direita e entra na sala de estar’” (CERTEAU, 1998, p. 203). Segundo o teórico, as descrições estão baseadas em uma alternativa: entre um

ver, indicado pelos mapas que apresentam a ordem dos lugares, ou um *ir*, revelando operações espaciais que possibilitam a construção de um percurso. Para Certeau (1998, p. 204), os indicadores de “mapas” e os indicadores de “percursos”, entretanto, participam conjuntamente nas descrições de lugares. Nas narrações cotidianas, os “dois pólos da experiência” (CERTEAU, 1998, p. 205) se relacionam entre conjuntos discursivos de ações espaciais e descrições geográficas resumidas em meros nomes, “isto é, entre duas linguagens simbólicas e antropológicas do espaço” (CERTEAU, 1998, p. 204).

Os meios de transporte são considerados espaços públicos, pois os passageiros atuam apenas como pessoas públicas sem que sejam obrigados a “...retirar a máscara, soltar-se, expressar-se, confessar seus sentimentos, sonhos ou preocupações mais profundos” (BAUMAN, 2001, p. 112). Usar uma “máscara” é fundamento principal da essência de civilidade, já que todas as formas de diferenciação, sociabilização e formas de poder são abafadas. Por tal motivo, segundo Bauman (2001, p. 112) “a civilidade tem como objetivo proteger os outros de serem sobrecarregados com nosso peso”. Portanto, para a estruturação dos espaços públicos, é necessário, antes, que as pessoas possam compartilhar esses espaços como pessoas públicas. A essência de civilidade criada permite que “estranhos [tenham a] chance de se encontrar em sua condição de estranhos, saindo como estranhos do encontro casual que termina de maneira tão abrupta quanto começou” (BAUMAN, 2001, p.111).

O meio urbano é considerado por Bauman (2001, p. 112), prioritariamente, um espaço “civil”, já que o uso das máscaras, que escondem as subjetividades, permite “a sociabilidade pura, distante das circunstâncias do poder, do mal-estar e dos sentimentos privados das pessoas que as usam” (BAUMAN, 2001, p. 112). Espera-se que a civilidade também seja praticada pelo outro, como um contrato existente entre os indivíduos nas situações sociais, sendo respeitado e realizado por todos. Por isso, segundo Bauman (2001, p.112), essa prática não pode ser “privada”, todo o meio urbano precisa apresentar um caráter “civil”, já que se faz necessária

a disponibilidade de espaços que as pessoas possam compartilhar como *persnoae públicas* – sem serem instigadas, pressionadas ou induzidas a tirar as máscaras e “deixar-se ir”, “expressar-se”, confessar seus sentimentos íntimos e exibir seus pensamentos, sonhos e angústias. (BAUMAN, 2011, p. 112)

A partir do uso da máscara, a cidade torna-se também parte de um “bem comum” que não diz respeito a determinados pensamentos e necessidades individuais.

As cidades urbanas estão compostas por muitos lugares que podem ser considerados “espaços públicos”. Segundo Bauman (2001), esses lugares estão divididos em duas categorias que se afastam da ideia do espaço civil, mas, ainda assim, se complementam. A primeira categoria diz respeito aos lugares que não apresentam nenhum tipo de hospitalidade ou um convite à permanência, na verdade, em sua estrutura arquitetônica, são lugares “para serem admirados, e não visitados” (BAUMAN, 2001, p. 113). O autor cita a praça parisiense *La Défense*, “um enorme quadrilátero na margem do rio Sena” (BAUMAN, 2001, p. 113), um enorme vazio sem bancos, sem árvores, rodeada por edifícios e preenchida a cada quanto por pedestres que saem do metrô já com um destino fixo e que rapidamente desaparecem e a praça volta a ficar vazia. Sendo assim, esse tipo de espaço é considerado “público”, mas enfaticamente não é um lugar “civil”.

Ainda, segundo Bauman (2001), os espaços públicos apresentam uma segunda categoria, também não civil, que se destina ao consumo. Nesses lugares, um indivíduo transforma-se em um mero consumidor, são “lugares [que] encorajam a ação e não a interação” (BAUMAN, 2001, p. 114). As interações nesses espaços causariam uma obstrução no objetivo primário que direciona os indivíduos até eles: consumir. O contato com outros indivíduos, na verdade, representa uma desvantagem na tarefa “absoluta e exclusivamente *individual*” (BAUMAN, 2001, p. 114) de comprar. Os shoppings centers, os pontos turísticos, salas de cinema representam exemplos de “templos do consumo” e “por mais cheios que possam estar, os lugares de consumo coletivo não tem nada de ‘coletivo’” (BAUMAN, 2001, p. 114). Ao entrar nesses espaços, o sujeito entende que deixa suas marcas subjetivas, rompe laços e destina-se a cumprir seu objetivo de comprar e abster-se do contato com o Outro.

Nos espaços de consumo, os contatos são superficiais e se resumem às situações de compra, além do fato de serem lugares protegidos “contra aqueles que costumam quebrar essa regra – todo tipo de intrometidos, chatos e outros que poderiam interferir com o maravilhoso isolamento do consumidor ou comprador”. Não são espaços destinados à socialização e, por essa razão, as atividades realizadas em seu interior não estão relacionadas com o que ocorre fora dali. Sendo assim, esses espaços são capazes de amansar e higienizar as diferenças entre os indivíduos, promovendo a ideia de espaço purificado, no qual todo consumidor/comprador “pode supor com segurança que aqueles com que trombará ou pelos quais passará nos corredores vieram com o mesmo propósito, foram seduzidos pelas mesmas atrações (reconhecendo-as, portanto, como atrações) e são guiados e movidos pelos mesmos motivos” (BAUMAN, 2001, p. 117).

As duas categorias de espaços públicos “não-civis” apresentadas expressam a principal característica dos espaços urbanos: “a tarefa de enfrentar a chance de encontrar estranhos” (BAUMAN, 2001, p. 119). Tal atividade se aproxima dos espaços categorizados como não-lugares, sobretudo por apresentarem características semelhantes à primeira categoria exposta, como a praça *La Défense* cujo único objetivo é ser um lugar de passagem. Os não-lugares também são espaços atravessados, porém

aceitam a inevitabilidade de uma adiada passagem, às vezes muito longa, de estranhos, e fazem o que podem para que sua presença seja “meramente física” e socialmente pouco diferente, e preferivelmente indistinguível da ausência, para cancelar, nivelar ou zerar, esvaziar as idiossincráticas subjetividades de seus “passantes”. (BAUMAN, 2001, p. 119)

Os não-lugares, cada vez mais presentes nas cidades contemporâneas, não estão completamente ausentes da necessidade do uso de “máscaras” como ferramenta para evitar o contato com estranhos, ou pelo menos evitar um contato mais profundo. Apesar de, em sua essência, se afastar da ideia de lugar de interação e não requerer o “domínio da sofisticada e difícil arte da civilidade, uma vez que reduzem o comportamento em público a preceitos simples e fáceis de aprender” (BAUMAN, 2001, p. 120), um não-lugar pode demandar o uso da essência de civilidade. Entretanto, a oscilação no sistema estrutural do não-lugar pode ocorrer a partir de um indivíduo que deseja retirar sua máscara e convidar outros sujeitos a fazer o mesmo. Geralmente, existe uma certa resistência por parte dos integrantes desse espaço em apresentar suas subjetividades, já que a retirada das máscaras implica uma desarmonização do ambiente e formações de hierarquias de diversos tipos.

Elementos que possam impedir a passagem, modificar o ritmo ou causar mudanças de itinerário também podem gerar uma tensão capaz de desestruturar os não-lugares. Acidentes em estações de metrô, atrasos e manifestações podem transformar não-lugares em lugares e, com isso, geram alterações nas relações entre os indivíduos. Em momentos de tensão e desestruturação, os sujeitos sentem a necessidade ou, ainda, se sentem obrigados a retirar as máscaras, expor suas opiniões e se fazerem visíveis perante aos outros. Então, também são estabelecidas hierarquias que segregam certos sujeitos de acordo com as características que eles expõem e destacam outros a partir de características valorizadas na sociedade ou grupo representado.

Como característica do meio urbano, as narrativas contemporâneas refletem também as segregações impostas a grupos excluídos socialmente como as mulheres, os moradores de

comunidades, os negros, os velhos. Segundo Dalcastagnè (2018), a partir de uma visão sobre o cenário do Brasil hoje,

dizer que esses textos se constroem como ficção e que não se pretendem documento de nossos tempos é fugir à discussão. [...] De qualquer forma, os recortes efetuados pela literatura, com seus próprios modelos segregacionais, não deixam de ser significativas para uma reflexão sobre quem tem o domínio sobre os espaços públicos. (DALCASTAGNÈ, 2018, p. 144)

Assim, refletimos sobre o espaço como um elemento atuante no texto, analisando quais são evidenciados e quais são marginalizados e, ainda, nesse sentido, os personagens que se completam, se transformam e se reconfiguram a partir da interação entre eles e o espaço.

Nas sociedades contemporâneas, o desenvolvimento dos grandes centros urbanos levou milhares de pessoas a deixar seus lares em zonas interioranas e campesinas para viver a experiência da migração nas cidades desenvolvidas. Essa mudança de espaço também gerou transformações nos espaços ambientados nas narrativas desse período, “representando de modo menos ou mais direto as dificuldades de adaptação, a perda dos referenciais e os problemas novos que foram surgindo com a desterritorialização” (DALCASTAGNÈ, 2018, p. 109). Em vista disso, torna-se comum o reconhecimento da aplicação das cidades urbanas como cenário para as narrativas contemporâneas e os símbolos dessas cidades como espaços “da sociabilidade humana, lugar de encontro e de vida em comum – e, nesse sentido, seu modelo é a *polis* grega. [...] É também um símbolo da diversidade humana, espaços em que convivem massas de pessoas que não se conhecem” (DALCASTAGNÈ, 2018, p. 110).

Segundo Santos (1999, p. 131), as sociedades contemporâneas estão marcadas por uma essência urbana e uma cultura "que caminha em direção a uma intensa perturbação do próprio conceito de cidade e, conseqüentemente, do próprio conceito de identidade cultural". Tais marcas são refletidas na literatura e a representação da cidade se transforma em um elemento ativo nas obras, deixando de ser apenas um plano de fundo de um enredo, para tornar-se um componente a mais da obra, munido de significação e atuando junto aos personagens. Os espaços urbanos se configuram, assim, como “locais em que se abrem todas as possibilidades” (DALCASTAGNÈ, 2018, p. 110): convivência, confusão, desarmonia ou mesmo, hostilidade e segregação.

2.2 Encontrar-se no entre-lugar: a vida entre o Centro e o Tirol

Os espaços em suas diversas formas de configuração podem estar ausentes de qualquer forma de subjetividade ou, por outro lado, podem estar munidos de diversas formas de expressão de identidade. Os indivíduos que estão constantemente deslocando-se, ao mesmo tempo estão se expondo ao contato com novos espaços marcados por novas culturas. Na obra *Passageiro do fim do dia* (2010), a personagem Rosane é uma jovem moradora da comunidade do Tirol e vive diariamente a experiência do deslocamento, porém, sua história se inicia em outro lugar. Quando ainda era bem pequena, os pais de Rosane trabalhavam de caseiros em um sítio onde sofriam constantes explorações por parte do dono do local. Ao saber de uma ação de distribuição de lotes e casas no Tirol, oferecidas pelo governo, a mãe de Rosane, que nunca tinha ouvido falar sobre esse bairro, dedicou-se a buscar mais informações sobre o local e a pressionar os políticos envolvidos na ação para conseguir um dos lotes. O esforço e uma burla para ter mais chances de ser selecionada garantiram um lote no Tirol para a família:

No local de cadastramento a mulher que a ajudou a preencher a ficha disse que era melhor não pôr o nome do marido, declarar que era solteira, sozinha, com dois filhos, em vez de um só. Assim teria mais chance, explicou. A mãe de Rosane não hesitou e, em todos os muitos recadastramentos seguintes, continuou solteira, mãe de dois filhos. Quando sabia que o tal deputado ia estar em algum lugar, ela acordava mais cedo e caminhava três quilômetros para pegar o ônibus. Às vezes ficava sem almoçar, à espera da inauguração ou da cerimônia que houvesse, mas sempre dava um jeito de entregar uma fotocópia da sua última ficha de cadastramento para uma secretária do deputado. [...] Quando o nome da mãe de Rosane saiu numa lista no jornal — o nome de solteira —, o marido foi até lá para ver o bairro pela primeira vez e ocupou a casa designada para a mulher. [...] No dia em que a mãe de Rosane veio afinal conhecer o Tirol e sua casa, a situação já era essa. Poucos dias depois, trouxe a filha pequena, algumas galinhas, e nunca mais voltaram para o sítio. (FIGUEIREDO, 2010, p. 21-22)

O Tirol de quando eles chegaram já não era o mesmo conhecido por Pedro: “E foi sem ênfase e aos poucos que Rosane, certo dia, contou para Pedro o que havia acontecido seis anos antes. Contou com certa vergonha, até com uma segura triste” (FIGUEIREDO, 2010, p. 20). Já não havia mais árvores e, por isso, o sol incidia diretamente sobre as ruas. À medida que o tempo passava, as famílias aumentavam e “as casas foram aumentadas e desdobradas de tal modo que não havia mais terreno livre em quase nenhum dos lotes” (FIGUEIREDO, 2010, p. 24). Algumas casas começaram a ocupar até mesmo os espaços das calçadas, transformando o delineamento das ruas, estreitando-as. As casas foram expandidas também para cima, ganhando novos andares. A rede de esgoto passou a não ser suficiente para tantas pessoas e, como consequência, “os dejetos às vezes corriam em canaletas descobertas ou onde

encontrassem passagem” (FIGUEIREDO, 2010, p. 24). O Tirol, agora, também sofria com a escassez de água limpa, podendo ficar dias sem chegar às casas dos moradores por falta de pressão.

O círculo familiar de Rosane também aumentou quando uma tia diabética passou a morar com eles. A casa, entretanto, ficou menor porque, após a morte da mãe de Rosane, anos antes da jovem conhecer Pedro, seu pai dividiu o lote ao meio e vendeu a metade. A presença tão próxima dos vizinhos, uma família barulhenta e que não mantinha uma relação harmoniosa com a família de Rosane, porém, não parecia ser o maior problema enfrentado por eles naquele espaço. Quando se mudaram para o Tirol, existia apenas uma via de acesso através da Várzea “– um bairro maior, mais populoso, mais antigo. Pobre também, mas ainda assim com certos recursos que o bairro novo não tinha. [...] O ônibus fazia ponto final ali. Não havia outro jeito: para entrar e sair do Tirol era preciso cruzar a Várzea quase de ponta a ponta” (FIGUEIREDO, 2010, p. 25). A presença de toda aquela gente que chegava para ocupar o Tirol com seus móveis e pertences “acabou formando nos moradores da Várzea a ideia de que aquela gente vinha para prejudicar, vinha para desvalorizar a vizinhança de algum jeito, para degradar o bairro todo. Ou, quem sabe até coisa pior” (FIGUEIREDO, 2010, p. 25).

Um canal que dividia duas pistas se transformou na separação entre o Tirol e a Várzea, essa fronteira foi instituída a partir da rixa existente entre os moradores dos dois bairros: “ninguém sabia dizer quem foi que decidiu, nem como, por força de que lei. Mas todos logo passaram a acreditar que aquela faixa de terra tinha um efeito muito grave sobre quem morava à esquerda ou à direita do canal” (FIGUEIREDO, 2010, p. 25). Somente após alguns anos, um viaduto e uma passarela de pedestre foram construídas, possibilitando uma via de acesso independente da Várzea. Contudo, a construção gerou novos conflitos, considerando que, para os moradores da Várzea, tal construção era um privilégio a mais que os moradores do Tirol recebiam: “na verdade, a partir de um ponto, tudo o que se fazia, tudo o que se dizia e até o que apenas se pensava, por mais refletido e bem intencionado que fosse, parecia apenas piorar mais ainda a situação” (FIGUEIREDO, 2010, p. 34).

Nas lembranças de criança de Rosane, o Tirol era um bairro normal onde “as pessoas saíam de casa de manhã para trabalhar em construções, em residências de bairros ricos, em condomínios, em lojas, em fábricas” (FIGUEIREDO, 2010, p. 34). O bairro, inclusive, parecia menos pobre que agora, porém, para as memórias de Rosane, em um processo rápido demais o Tirol se transformou. A rixa com os moradores da Várzea atingiu níveis de violência preocupantes: “As brigas de soco e de pedradas se transformaram em tiroteios, os revólveres

deram lugar a fuzis e depois a granadas. Os homens que vendiam um tipo de droga passaram a vender dois tipos e depois três” (FIGUEIREDO, 2010, p. 34). Um posto de polícia foi instalado no bairro, impondo medo, a princípio, até transformar-se numa mera sombra. A violência fazia Rosane pensar que

cada vez menos gente saía de casa para trabalhar ou para ir à escola, cada vez mais gente ficava em casa ou na rua, à toa. Os nomes Tirol e Várzea começaram a aparecer nos jornais, na televisão, nos noticiários de crime. Os grupos armados nos dois bairros pareceram crescer e se hostilizavam. Juravam vinganças seguidas. Sem notar, as crianças começaram a aprender aquela raiva desde pequenas. Educavam-se com ela, tomavam gosto e se alimentavam daquela rivalidade. Cresciam para a raiva: aquilo lhes dava um peso, enchia seu horizonte quase vazio — nada senão aquilo fazia delas alguém mais presente. (FIGUEIREDO, 2010, p.35)

Muitas vezes, Rosane tentava explicar para Pedro a história do Tirol e suas transformações, mas o jovem parecia não encontrar um sentido no que ela contava, não conseguia entender. A identidade de Pedro era constantemente influenciada pelos símbolos que pertencem à identidade de grupo do Centro, onde morava com a mãe em um apartamento que ela herdou do marido, “um funcionário da justiça que ao morrer por causa da diabete também lhe deixara uma pensão” (FIGUEIREDO, 2010, p. 28). Rosane percebia que Pedro apresentava determinados aspectos que o diferenciavam dela, já que “nunca havia transado com um homem que morasse num bairro como aquele onde Pedro morava, um bairro, aliás, aonde ela nunca tinha ido — e ainda por cima num apartamento próprio, embora fosse da mãe” (FIGUEIREDO, 2010, p. 31). Entretanto, o Centro também passou a fazer parte da vida de Rosane através de contatos diversos que a personagem passou a ter com esse espaço e também por meio da sua relação com Pedro.

Ainda no Tirol, Rosane frequentava aulas noturnas, representando já um ponto de diferenciação entre ela e os outros moradores que chegavam a desistir de ir à escola: “depois de frequentar a escola durante alguns anos, algumas delas mal sabiam ler, trocavam letras, paravam no meio” (FIGUEIREDO, 2010, p. 36). Essas pessoas se estabeleciam no Tirol e ali ficavam, sem estudar ou trabalhar, evitando o contato com outros espaços e grupos. Quando acontecia algum tipo de interação com o Outro, a relação estava baseada em questões de poder, nas quais os moradores do Tirol geralmente assumiam posição inferior, estando subjugados às decisões alheias: “se matriculavam porque os patrões, nas casas onde trabalhavam como faxineira e cozinheira, queriam que elas tivessem o cartão de estudante para andarem de graça nos ônibus pois assim não precisavam pagar a passagem de suas empregadas” (FIGUEIREDO, 2010, p. 37). Rosane, porém, vivia a experiência do

deslocamento constantemente, saía do espaço do Tirol para participar das relações com outros indivíduos e com outro espaço: o Centro. Nesse novo lugar, a jovem, que sabia ler e escrever, trabalhou em escritórios, nos quais se desenvolveu em várias funções, fazendo “até alguns serviços no computador, pois tinha frequentado um curso gratuito e sabia mexer nos principais programas” (FIGUEIREDO, 2010, p. 29), além de fazer aulas de inglês.

Era possível enxergar o desprendimento das raízes identitárias de Rosane em relação à identidade de grupo do Tirol. A jovem expressava o desejo de descobrir-se e encontrar meios de se desenvolver social e economicamente fora daquele espaço, marcando a influência dos aspectos que envolviam o Centro. Não era de uma forma rápida e clara que, fora do Tirol, Rosane era reconhecida pelo aspecto socioeconômico: “quando Rosane apareceu, segura de si e à vontade, Pedro nem percebeu que era a mulher mais pobre com quem havia saído. Só mais tarde, com surpresa, e já com uma certa preocupação, ele se deu conta” (FIGUEIREDO, 2010, p. 30). Aparentemente, na cidade em que Rosane e Pedro estavam inseridos, as questões de classes sociais atuavam como marcas de diferenciação entre os grupos, entretanto, Rosane carregava consigo aspectos identitários das duas identidades de grupo. Apesar de viverem na mesma cidade, Pedro enxergava uma mescla em Rosane que não conseguia identificar bem do que se tratava.

Entre os detalhes de Rosane que ele começou examinar naquela ocasião, por algum motivo Pedro se concentrou no cheiro. Era uma mistura de aromas que ele não conhecia. Um cheiro meio apagado, suave, mas constante, e que fazia certa pressão sobre ele. Não vinha de uma loção, de um xampu. Pedro cismou: parecia vir de alguma outra coisa — quem sabe vinha da infância, pensou ele, do lugar onde Rosane tinha crescido. (FIGUEIREDO, 2010, p. 31)

As experiências de deslocamentos vividas por Rosane provocam uma interação entre as marcas intrínsecas pertencentes à identidade de grupo do Tirol e as características da identidade de grupo do Centro. Apesar de se tratar de dois grupos identitários que fazem parte em uma mesma cultura, é possível identificar a separação entre os grupos culturais que pertencem a cidade representada. Ali, os moradores do Tirol são reconhecidos quando estão em contato com os moradores do Centro e, quando inseridos no espaço do Tirol, os moradores do Centro também são identificados. Retomando a ideia de entre-lugar, Silviano Santiago (2000) discute as relações culturais de países da América Latina em relação às culturas hegemônicas e colonizadoras. O autor revela as influências da colonização nas tradições e produções culturais latino-americanas, inserindo, mais especificamente, a literatura latino-americana no espaço entre as forças por assimilação e suas expressões

originais: “o discurso literário latino-americano no confronto com o europeu [...], o conflito eterno entre o civilizado e o bárbaro, entre o colonialista e o colonizado” (SANTIAGO, 2000, p. 9-10). No entre-lugar, os elementos se abstêm da coerção pela transformação dessas culturas em meras cópias, um "simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original” (SANTIAGO, 2000, p. 14), a literatura latino-americana propõe uma existência. Evidenciam-se, assim, as forças das posições hegemônicas sobre aqueles grupos que não possuem níveis de poder correspondente.

Apesar da perspectiva de Santiago (2000) tratar do âmbito extratextual, no romance *Passageiro do fim do dia* (2010), a influência do Centro impera sobre os moradores do Tirol, de modo que eles sejam vistos como “fora dos modelos”, sentindo-se ameaçados e reconhecidos fora desse espaço, mantendo-se cada vez mais retraídos e fixos.

Mas Pedro, com o tempo e com a repetição dos finais de semana que passava na casa de Rosane, não pôde deixar de observar em muitos moradores a tendência, ou quem sabe a regra, de não cruzar certos limites, de considerar-se estranhos a certos lugares e também estranhos e até hostis às pessoas que residiam nesses lugares. Uma opção de não conhecer, de não querer saber — ou vai ver não tinham mesmo outra escolha senão tentar confirmar todo dia o que eram e onde estavam, no esforço de garantir o seu lugar, o lugar que tinham, ainda que ao preço de encurtar ao máximo a linha do horizonte. (FIGUEIREDO, 2010, p. 58)

Contudo, a personagem Rosane se coloca constantemente em contato com outros espaços e grupos. Em vista disso, Pedro sempre revela suas dificuldades em concluir a representação da imagem de sua namorada como uma moradora do Tirol:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão - ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana. (SANTIAGO, 2000, p. 26)

Isso ocorre porque Rosane acaba contraindo marcas da identidade de grupo do Centro, apesar de não deixar determinados símbolos da identidade de grupo do Tirol, assim, a personagem vive um processo de combinação entre os dois grupos. Segundo García Canclini (2001), a hibridização ocorre a partir de “procesos socioculturales en los que estructuras o prácticas discretas, que existían en forma separada, se combinan para generar nuevas estructuras, objetos y prácticas”¹⁸ (GARCÍA CANCLINI, 2001, p. 14). Assim, da mescla é possível que o novo surja: uma nova forma, um novo processo, uma nova língua, uma nova cultura. Tais

¹⁸ "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam em forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas." (GARCÍA CANCLINI, 2001, p. 14)

processos podem ocorrer de forma não intencional, sendo, porém, mais comum quando há intenção, por exemplo, quando um indivíduo apresenta o desejo de misturar-se para realizar seus desejos, seja por uma busca por aceitação, por um sentimento de pertencimento ou por interesses econômicos. García Canclini (2001) menciona uma série de tipos de pessoas que têm a hibridização como um objetivo intencional para chegar a determinado resultado, como os migrantes que trabalham no campo e “que adaptan sus saberes para trabajar y consumir en la ciudad, o vinculan sus artesanías con usos modernos para interesar a compradores urbanos [...]”¹⁹ (GARCÍA CANCLINI, 2001, p. 17).

Rosane reconhece que, permanecendo estável no Tirol, não avançaria socioeconomicamente e, considerando que esse é seu objetivo, a personagem experiência o deslocamento e o contato com espaços que lhe vão proporcionar os meios para alcançar seu objetivo. Todo esse processo resulta também na reestruturação nas suas formas de representação, por essa razão, a personagem se apresenta como um sujeito híbrido, capaz de transitar entre as identidades de grupos existentes em sua cidade, sem nenhum desejo de abandonar uma em detrimento da outra. A jovem moradora do Tirol entende quais são as diferenças que se evidenciam quando ela está em contato com o Centro e o mesmo ocorre quando, em contato com o Tirol, reconhece que já não é mais a mesma e que já sofreu influências que a impossibilitam de viver um retorno ao que era:

Em suma, tudo aquilo — o trabalho, a escola, saber ler e escrever, o centro da cidade, a cidade propriamente dita, com seus bairros e suas atividades oficiais —, tudo pertencia ao mundo que as deixara [os moradores do Tirol] para trás, que as empurrara para o fundo: era o mundo de seus inimigos. Isso Rosane já havia entendido, dava para sentir muito bem, era quase palpável. Mas ela ainda não conseguia admitir inteiramente, não queria extrair as consequências nem queria sentir-se parte daquilo. E também era o que ela tentava explicar a Pedro, só que não achava um meio. (FIGUEIREDO, 2010, p. 37)

A identidade de Rosane é abalada de tal modo que ela passa a assumir um caráter de sujeito traduzido, “o sea el que hace constantemente, entre su lugar de origen y su cultura adoptiva, la experiencia de lo que puede o no decirse en otra lengua”²⁰(GARCÍA CANCLINI, 2014, p. 56). Essa transformação ocorre na jovem dentro da própria cidade, entre as duas identidades de grupo que servem como pano de fundo dos seus deslocamentos.

¹⁹ "que adaptan seus saberes para trabalhar e consumir na cidade, ou vinculam seus artesanatos com usos modernos para causar interesse em compradores urbanos." (GARCÍA CANCLINI, 2001, p. 17)

²⁰ "ou seja, aquele que faz constantemente, entre seu lugar de origem e sua cultura adotiva, a experiência do que se pode o não dizer em outra língua." (GARCÍA CANCLINI, 2014, p. 56)

Em uma noite de sexta-feira no Tirol, ao saírem do supermercado em direção a sua casa, “Rosane viu sentado na beira da rua, a uns cinco passos de uma fogueira, um menino de uns dez anos. [...] Por meio de palavras que Pedro nem sempre conseguia entender e que Rosane depois traduziu, o menino contou que tinha fugido do hospital naquele dia” (FIGUEIREDO, 2010, p. 60). Pedro, embora more no mesmo país e cidade que Rosane, não é capaz de entender a maneira de se comunicar dos moradores do Tirol e, por isso, Rosane atuava como tradutora. Dessa forma, evidencia-se a posição da personagem no entre-lugar ao identificar seu desejo por continuar em contato com o Tirol e com os outros moradores:

Mas de repente [Pedro] se impressionava mais uma vez ao ver como Rosane não conseguia ficar indiferente a quase ninguém no Tirol. Ela perguntava, conversava, queria saber a respeito das pessoas. Pedro via com clareza que o interesse de Rosane não era consciente, ela nem pensava no que estava fazendo. É verdade, havia quem interpretasse mal aquilo e achasse que era só uma fofoqueira. Pedro tinha ouvido comentários e no fundo podia haver um pouco disso, só um pouco. Mas muito mais constantes eram os que simpatizavam com ela, confiavam, contavam suas lembranças, expunham de repente seus pensamentos mais pessoais. (FIGUEIREDO, 2010, p. 116)

As marcas da identidade de grupo do Centro se apresentam na identidade de Rosane, sobretudo quando a personagem reflete sobre seus desejos futuros. Quando se tratava de melhorar sua condição socioeconômica, a personagem planejava fazer cursos depois de terminar o ensino médio através de uma bolsa de estudos ou conseguir uma vaga em uma faculdade pública. Seus planos estavam pautados no Centro, pois ali estavam as instituições e as oportunidades, “Rosane achava viável e fazia seus planos com gosto, esmiuçava os detalhes. Sentia-se bem montando as peças daquele futuro — isso era bem visível —, enquanto Pedro se via reduzido a apenas escutar e concordar” (FIGUEIREDO, 2010, p. 117). Mas ainda assim, suas ideias baseadas no Centro se misturavam com aspectos do Tirol:

Havia cursos técnicos e profissionalizantes, e também havia faculdades. Ora ela falava num curso de auxiliar de enfermagem, ora num curso de hotelaria, ora num curso de nutrição, ora pensava até em ser advogada. Essa variedade de direções, em que não se manifestava uma lógica, uma constância, nem um laço pessoal com as atividades, tinha em troca alguma coisa a ver com a diversidade das histórias que Rosane ouvia de seus vizinhos. Havia um nexos, era o que Pedro achava: cada história, cada pedaço de experiência que os vizinhos contavam era um perigo muito presente, familiar até demais, que tomava formas novas a cada relato. Um perigo a que — Rosane sentia — era preciso dar uma resposta. (FIGUEIREDO, 2010, p. 117)

Ao comparar-se com outra moradora do Tirol, Rosane não conseguia identificar o que as distinguiu, “tentava de todos os meios e não conseguia localizar o momento em que o

mundo das duas se desmembrou. Não entendia como podiam ter se afastado tanto e em tão pouco tempo” (FIGUEIREDO, 2010, p. 39). A tensão interna que a personagem carrega surge através da exposição da sua identidade por meio dos deslocamentos que faz rotineiramente e por sua atual posição no interstício das duas identidades de grupo. É a partir do entre-lugar que a personagem se relaciona com os outros indivíduos e com os enfrentamentos internos das marcas das duas identidades de grupo. Sendo assim, o caráter fluido da contemporaneidade se revela também nas produções literárias desse período, revelando como cenário, um meio de transporte, no interior de um centro urbano, carregando indivíduos suscetíveis ao contato com outros grupos. Em *Passageiro do fim do dia* (2010) identificamos que estar em viagem representa a possibilidade de novas reestruturações subjetivas.

2.3 Espaços nunca completamente realizados: observando a transformação através da janela do ônibus e do assento da Kombi

Nas viagens, a rotina também faz parte do trajeto, o qual se apresenta de forma fixa, sem a possibilidade de alteração ou flexão, sendo realizado através de um itinerário com diversos pontos em que o transporte realiza paradas para a subida de passageiros. Na obra de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010), a espera pela saída de um ônibus no “ponto final” é o início do itinerário para parte dos passageiros, o lugar de origem do seu trajeto pessoal: “Havia alguns meses que toda sexta-feira, à mesma hora, Pedro ia para aquele ponto final, tomava seu lugar na fila” (FIGUEIREDO, 2010, p. 2). A partir do momento que o meio de transporte inicia a viagem e para nos pontos seguintes, para os passageiros que já estão em seus assentos, essas paradas somente fazem parte do itinerário, de um roteiro da viagem, tornando-se um mero nome: “não se atravessa mais as cidades, mas os pontos notáveis são sinalizados por painéis em que está inscrito um verdadeiro comentário. O viajante fica, de certo modo, dispensado de parar e até mesmo de olhar” (AUGÉ, 2007, p. 88).

O vínculo desses indivíduos com esses espaços é meramente o de passagem, não são nem mesmo paisagens contemplativas ao passageiro que passa rotineiramente por eles, nada significam e, assim, o meio de transporte e todo o trajeto transformam-se em não-lugares. Ainda que Pedro quisesse ater-se ao que ocorria do lado de fora, a velocidade com que o ônibus se movia, o impedia de identificar elementos ou mesmo refletir sobre eles. Ao observar uma casa, o jovem “tentava imaginar como eram os moradores e em que

trabalhavam. Porém o ônibus avançava em velocidade, a estrada traçava uma curva comprida e a casa escolhida por ele ficava para trás aos poucos. Por fim sumia, antes que Pedro conseguisse formar qualquer ideia” (FIGUEIREDO, 2010, p. 27).

Enquanto passageiro do ônibus, Pedro experimenta aquele espaço como um simples espectador, “sem que a natureza do espetáculo lhe importe realmente” (AUGÉ, 2007, p. 81). Além de atribuir-se da essência de civilidade e respeitar as estruturas que sustentam o meio de transporte como um não-lugar, Pedro se assume como um “viajante solitário”, alheio a todas as interferências que possam romper com a sua individualidade. Na narrativa, o personagem reconhecia muitos dos passageiros já que todo final de semana usava o ônibus como meio para chegar até a casa de sua namorada Rosane. Entretanto, “Pedro era obrigado a reconhecer que o impulso de partirem todos juntos na mesma direção e o afã de pontualidade, ou pelo menos de constância, não bastava para fabricar um sangue comum” (FIGUEIREDO, 2010, p.6). Nesse espaço, quando ocorre algum tipo de interação entre os indivíduos, ela é o mais superficial possível, limitando-se a frases descomprometidas e sem marcas de identidade. A permanência em um não-lugar também reduz as relações entre os indivíduos. Ainda que façam rotineiramente determinado trajeto, possam se reconhecer ou apresentar algum tipo de familiaridade, o fato de partilharem o mesmo espaço não os tornam íntimos:

Os quase cinquenta assentos do ônibus foram ocupados. Entraram mais dez passageiros que se espalharam, de pé, pelo corredor. O motorista subiu até o seu banco, arregaçou a bainha das calças, puxou as meias para cima, até o meio da batata da perna. [...] Então, Pedro viu a passageira sentada no primeiro banco se inclinar para o motorista e falar alguma coisa por cima do ombro dele. O motorista nem virou a cara para trás. Só balançou a cabeça num gesto resignado — nem sim, nem não — e abriu um pouco os antebraços, com os cotovelos colados às costelas e as mãos viradas para cima. (FIGUEIREDO, 2010, p. 13)

O personagem Pedro é capaz de identificar sua condição de estranho, enquanto passageiro daquele ônibus e a invisibilidade de observador que assume quando inserido naquele espaço

fazia os movimentos corretos, ocupava o espaço adequado ao local e à hora, e até se demorava observando e guardando detalhes — para ele acidentais, interessantes. Porém sua atenção tinha mais força do que qualidade. Enxergava bem, mas olhava como que de longe, ou como que através de um furo na parede. Sem ser visto, Pedro mesmo não se via. (FIGUEIREDO, 2010, p.7)

Assumir-se como espectador diz respeito ao principal motivo para uma permanência provisória no ônibus: chegar até o seu destino final sem ser afetado pela “natureza do espetáculo”, “como se a posição do espectador constituísse o essencial do espetáculo, como

se, em definitivo, o espectador, em posição de espectador, fosse para si mesmo seu próprio espetáculo” (AUGÉ, 2007, p. 81). Assim, apesar do destaque dado à característica de Pedro como um viajante-espectador, todos os passageiros comungam em partilhar aquele espaço, evitando ao máximo o contato uns com os outros. A narrativa mostra que o jovem sempre levava consigo um livro para ler na viagem, ignorando tudo o que acontecia naquele espaço e os lugares pelos quais passava naquele percurso. Da mesma forma, Pedro reconhecia hábitos nos outros indivíduos que também indicavam o mesmo objetivo de “estar de passagem”:

Sabia que a mulher com aparência de uns sessenta anos [...] trazia dentro da sacola, sempre abarrotada, uma Bíblia encapada em plástico transparente, que ia abrir e ler no seu banco do ônibus, durante a viagem de mais ou menos uma hora e meia. Pedro sabia que o rapaz de uns vinte anos, de cabelo raspado, com dois dedos da mão paralisados para sempre numa ligeira curva em gancho por causa de algum acidente, ia dormir de cansaço no meio da viagem. [...] Pedro sabia até que o homem de uns quarenta anos, com o uniforme de uma firma de consertos de eletrodomésticos e marcado no antebraço por uma cicatriz marrom de queimadura, trazia dobradas dentro da maleta de ferramentas as páginas da seção de esportes do jornal. No fim do expediente, ele devia pegar aquelas folhas na recepção da firma para ler durante a viagem. (FIGUEIREDO, 2010, p. 7)

Entretanto, um clima de tensão invade o não-lugar e começa a modificar as relações entre os passageiros. Essa transformação é impulsionada quando, na narrativa, ouve-se o rumor de que está acontecendo uma manifestação próximo à parada final do ônibus. Nesse momento, muitos passageiros expressam sua indignação ao motorista e exigem que o trajeto se mantenha como rotineiramente é feito. Quando o boato se torna uma realidade e o condutor recebe ordens da empresa para não seguir até o final do percurso, uma alteração também é vista nas regras da “essência de civilidade”, até então, instituídas naquele espaço, provocando diversas reações e relações entre os indivíduos e o espaço: “[...] lá na frente, alguns passageiros quase se debruçaram sobre o motorista, se exaltaram. Outros gritaram para ele de longe — um mais descontrolado até ameaçou depredar o ônibus ali mesmo de uma vez, se ele não seguisse o trajeto normal” (FIGUEIREDO, 2010, p. 33). Pedro, contudo, observa todas essas alterações desde sua posição de espectador, a mesma característica que o personagem atribui a Darwin, autor do livro que lê durante o percurso:

Seria, então, a hora de retirar o livro da mochila, a hora de acompanhar o famoso cientista inglês em sua viagem pelas ilhas e pelos países do sul. Talvez o livro não se referisse ao fato, mas Pedro sabia que um século e meio antes Darwin tinha passado por aquela mesma cidade onde ele vivia. Tinha percorrido aquele litoral com seu olhar observador. (FIGUEIREDO, 2010, p. 14)

Ainda que Pedro se abstenha da revolta gerada no interior do ônibus, os outros passageiros começam a interagir uns com os outros e com o motorista, desabilitando a tensão solitária característica do não-lugar que perde seu espaço para o pensamento coletivo sobre as decisões a serem tomadas mediante a situação de tensão. Uma rede de interações calorosas coloca os passageiros do ônibus em contato e transforma aquele espaço em um lugar, sendo visível, inclusive, para os que estão do lado de fora. O ônibus que outrora permitia uma espécie de invisibilidade aos passageiros, através da apropriação do caráter de “estranhos encontrando-se com estranhos”, agora, revela-se como um lugar visível, inclusive para os que estão do lado de fora:

Um ônibus passou lentamente em sentido contrário. Através das janelas, os rostos tanto de quem estava sentado como dos que viajavam em pé olharam para os passageiros do ônibus de Pedro. Havia neles uma curiosidade, uma atenção excessiva. Pareciam procurar alguma coisa e, através dos vidros, devassavam a aflição das pessoas e, ao mesmo tempo, despejavam dentro delas sua própria aflição. Uma garota até apontou de leve com o dedo, chamando a atenção de alguém a seu lado. Pedro chegou a ter a impressão de que alguns passageiros do outro ônibus estavam à beira de falar para eles, à beira de lançar um grito através das janelas, quem sabe um aviso, uma advertência, antes que os dois ônibus se afastassem. (FIGUEREIDO, 2010, p. 32)

As máscaras são retiradas e as individualidades são expostas quando os passageiros mostram sua indignação pela mudança do trajeto, cobram do motorista que siga até o destino final e se reúnem para decidir se embarcam ou não em outro ônibus. A resignificação gerada no espaço reestrutura sua base, que outrora era ausente de significação e, nesse momento, adquire características que o fazem ser um lugar visto, relacional e retentor de significado. Assim, a partir das relações existentes nesse espaço, verifica-se que os próprios sujeitos são os formadores da transformação do não-lugar em um lugar, já que as relações existentes no interior desses espaços são os motores para as constantes reconfigurações realizadas.

Na obra *Combi* (2008), também é possível identificar uma tensão capaz de redefinir as configurações de um espaço. A narrativa começa apresentando Esteban, um motorista de uma agência de transportes que “manejaba una combi de quince asientos que hacía el recorrido entre Adrogué y Buenos Aires de ida y vuelta varias veces por día”²¹ (PRADELLI, 2008, p.16). Esteban seguia um itinerário com paradas e horários pré-definidos e, assim, motorista e passageiros se encontravam para cumprir seus objetivos: o dele, trabalhar dirigindo; o deles, chegar ao destino final:

²¹ "dirigia una kombi de quinze passageiros que fazia trajeto entre Adrogué e Buenos Aires de ida e volta várias vezes por dia." (PRADELLI, 2008, p. 16)

Hacia el primer viaje a las nueve en punto, salía de la parada de la plaza San Martín de Adrogué y recorría Hipólito, Irigoyen, atravesando Tundera, Témperley, Lomas de Zamora, Banfield, Remedios de Escalada, Lanús, Gerli, Avellaneda y después de cruzar el puente Pueyrredón, entraba en Buenos Aires y terminaba el recorrido en el Teatro Colón.²² (PRADELLI, 2008, p.16)

Ainda antes de Esteban entrar na Kombi, na agência de transportes, havia uma preocupação a respeito de uma possível interrupção da ponte Pueyrredón, a via de acesso para Buenos Aires. Naquele dia, manifestantes se reuniram para fechar a ponte e organizar uma marcha até a estação de Avellaneda para reivindicar o julgamento dos policiais que assassinaram os jovens sindicalistas Maximiliano Kosteki e Darío Santillán três anos e 9 meses antes. Rosalinda, a dona da agência e responsável pelo controle de manutenção das Kombis “hojeó el diário. Vio la nota que recordaba la masacre de Avellaneda. La leyó apurada, salteando párrafos. Sólo quería saber a qué hora los piqueteros cortarían el puente”²³ (PRADELLI, 2008, p. 40). A preocupação existia porque qualquer alteração no itinerário ou nos horários seria capaz de descompor todo o sistema de Kombis daquele dia, além de provocar diversos transtornos entre os clientes que já haviam comprado seus bilhetes.

Considerando o imprevisto da manifestação, “el día anterior [Rosalinda] les había propuesto a los choferes de la mañana cambiar el recorrido y cruzar por algún otro puente aunque tuvieran que hacer unos kilómetros más, pero ninguno había aceptado”²⁴ (PRADELLI, 2008, p. 41). De certa forma, os motoristas das Kombis entendiam que seu ofício se baseava unicamente em levar passageiros de um ponto ao outro; por isso, resistiam a qualquer ideia que interrompesse o percurso. O objetivo dos meios de transportes é essencialmente promover o deslocamento a um destino final, esse não-lugar, não pede outro tipo de interação dos passageiros, sobretudo nos grandes centros urbanos onde os fluxos de pessoas são constantes. Nesse sentido, a ponte Pueyrredón se apresenta também como um não-lugar, considerando que “desde la provincia, son muchos los que todos los días cruzan el puente porque viajan a Buenos Aires a trabajar o estudiar”²⁵ (PRADELLI, 2008, p. 81).

²² “Fazia a primeira viagem às nove em ponto, saía da parada da praça San Martín de Adrogué e percorria Hipólito, Irigoyen, atravessando Tundera, Témperley, Lomas de Zamora, Banfield, Remedios de Escalada, Lanús, Gerli, Avellaneda e depois de cruzar a ponte Pueyrredón, entrava em Buenos Aires e terminava o percurso no Teatro Colón.” (PRADELLI, 2008, p.16)

²³ “folheou o diário. Viu a nota que lembrava o massacre de Avellaneda. Leu com pressa, pulando parágrafos. Só queria saber que horas os manifestantes fechariam a ponte.” (PRADELLI, 2008, p. 40)

²⁴ “no día anterior [Rosalinda] tinha proposto aos motoristas da manhã mudar o trajeto e passar por alguma outra ponte, ainda que tivessem que fazer uns quilômetros a mais, mas ninguém tinha aceitado.” (PRADELLI, 2008, p. 41)

²⁵ “desde a província, todos os dias muitas pessoas atravessam a ponte porque viajam a Buenos Aires para trabalhar ou estudar.” (PRADELLI, 2008, p. 81)

Esteban iniciou o trajeto da Kombi atento às notícias do rádio a respeito da manifestação na ponte, embora seguisse com o objetivo de cumprir o itinerário. Cada passageiro que entrava no transporte, depois de esperar em sua parada determinada, cumpria com as características que envolvem um não-lugar. América, aguardava a chegada da Kombi em sua parada com certa preocupação devido ao pequeno atraso que já havia, mas quando entrou no transporte, apenas escolheu um assento perto da janela, cumprimentou o motorista e os passageiros; e se tranquilizou: “lo importante, pensó, era estar en viaje”²⁶ (PRADELLI, 2008, p. 94). E a mesma ação se repetia com todos os passageiros. Assim que entravam no espaço da Kombi, colocavam suas máscaras e praticavam a essência de civilidade, mantendo o mínimo de contato uns com os outros e tendo em mente que o único objetivo da permanência naquele espaço é o de passagem para chegar ao destino final: “Además yo no quiero desaparecer –dijo Nino–, quiero avanzar y llegar a Buenos Aires”²⁷ (PRADELLI, 2008, p. 116).

Dessa forma, enquanto estavam na Kombi, os passageiros se detinham em outras atividades, como América que

aprovechaba el tiempo en la combi y tejía durante casi todo el viaje. A veces podía tejer hasta cuatro o cinco cuadrados entre Adrogué y Buenos Aires. [...] Sólo interrumpía el tejido o la observación de las calles para saludar a los que iban subiendo. Era un saludo cordial pero corto, a veces ni siquiera mencionaba una palabra y el saludo era sólo una sonrisa, un gesto apenas y enseguida volvía a mirar hacia afuera por la ventanilla o se ponía a tejer el crochet.²⁸(PRADELLI, 2008, p. 94-95)

Bruno usava aquele tempo de deslocamento para ler arquivos de trabalho, Pina lia algumas vezes o diário que levava em seu colo, Leyla levava consigo um pequeno livro em que escrevia alguns horóscopos. No entanto, a inquietação sobre o fechamento da ponte atingia cada vez mais passageiros, já que as notícias que recebiam através do rádio indicavam que os manifestantes estavam organizando-se para marchar em direção à ponte e fechá-la nos dois sentidos. Ao receber as notícias, os passageiros rompiam com a essência de civilidade para expressar indignação e buscar algum tipo de resposta que certificasse a chegada ao destino final:

²⁶ "o importante, pensou, era estar viajando." (PRADELLI, 2008, p. 94)

²⁷ "Além do mais eu não quero desaparecer –disse Nino–, quero avançar e chegar a Buenos Aires." (PRADELLI, 2008, p. 116)

²⁸ "aproveitava o tempo na Kombi e tricotava durante quase toda viagem. Às vezes podia tricotar até quatro ou cinco quadrados entre Adrogué e Buenos Aires. [...] Somente interrompia o que estava fazendo ou a observação das ruas para cumprimentar os que iam subindo. Era um cumprimento cordial, mas curto, as vezes nem sequer mencionava uma palavra e o cumprimento era só um sorriso, apenas um gesto e em seguida voltava a olha para o lado de fora pela janela ou tricotava." (PRADELLI, 2008, p. 94-95)

–¿A qué hora van a cortar el puente? –preguntó Nino Corley. –No se sabe– contestó Pina. – Ustedes son unos ineficientes– dijo Nino. –¿Ustedes quiénes? –preguntó Esteban. –Ustedes los choferes y la agencia. Tendrían que saber el horario del corte y evitarnos estos sobresaltos.²⁹ (PRADELLI, 2008, p. 162)

Já bem perto de se aproximar da ponte Pueyrredón, “Esteban tiene que frenar cuando sólo falta una cuadra para llegar a la base del puente. Hace apenas diez minutos que los piqueteros cortaron el puente. Queman gomas, impiden la subida de los vehículos”³⁰ (PRADELLI, 2008, p. 279). Já não havia forma de avançar, a ponte estava fechada. Os manifestantes passavam entre os carros para se juntarem ao grupo na ponte e reivindicavam também o julgamento dos ex-funcionários do governo que endossaram a repressão, já que não havia provas de que Maximiliano e Darío haviam realizado algum ato de violência. Os passageiros da Kombi já estavam aflitos em seu interior e, nesse momento, todos se desfizeram do contrato que os colocava em papel de estranhos encontrando-se com estranhos para decidirem o que fazer. Sendo assim, as identidades foram colocadas em jogo e com isso, um processo de reconfiguração daquele espaço também foi iniciado.

A carga de tensão gerada em seu interior transforma a Kombi em um lugar, passageiros e motorista estão presos ali dentro enquanto há um grande movimento do lado de fora. Esteban é o primeiro que decide descer da Kombi e caminhar até a ponte para entender o que os manifestantes estavam fazendo e se havia alguma possibilidade de passagem. Em seguida, Josef começa a se movimentar para também descer do transporte e Bruno tenta impedi-lo: “–Quédase acá, Josef– le dice Bruno, intentando retenerlo. Pero Josef se baja y camina también hacia la base del puente. Le parece ver a Esteban unos metros más adelante y sigue esa silueta que cree conocida”³¹ (PRADELLI, 2008, p. 281). O calor invade a Kombi e os outros passageiros, assustados e nervosos, tentam decidir o que fazer. Enquanto isso, os manifestantes, “más de cuarenta mil y ya distribuídos en lastres subidas”³² (PRADELLI, 2008, p. 282), entoam gritos e queimam pneus, levam consigo pedaços de madeira e escondem o rosto com lenços.

²⁹ “A que horas vão fechar a ponte? -perguntou Nino Corley.-Não se sabe - respondeu Pina. –Vocês são uns ineficientes - disse Nino. –Vocês quem? –perguntou Esteban. –Vocês motoristas e a agência. Tinham que saber o horário de fechamento e evitar esse estresse” (PRADELLI, 2008, p. 162).

³⁰ “Esteban tem que freiar quando falta apenas uma quadra para chegar a base da ponte. Faz apenas dez minutos que os manifestantes fecharam a ponte. Queimam pneus, impedem a subida dos veículos”. (PRADELLI, 2008, p. 279)

³¹ “Fique aqui, Josef- Bruno disse a ele, tentando impedi-lo. Mas Josef descer e também caminha em direção a base da ponte. Ele parece enxergar Esteban uns metros à frente e segue essa silhueta que lhe parece conhecida”. (PRADELLI, 2008, p. 281)

³² “mais de quarenta mil e já distribuídos pelas três subidas”. (PRADELLI, 2008, p. 282)

Em determinado momento, um grupo de manifestantes rodeia a Kombi, aproximam seus rostos das janelas e olham fixamente para os passageiros. Um deles começa a golpear o vidro da Kombi, assustando a todos que estão no seu interior:

–Abajo –ordena.

–¿Qué pasa? –pregunta Pina aterrada.

Los gritos de los piqueteros retumban en la combi. Uno de ellos aplasta la cara contra la ventanilla de Olga. No lleva pañuelo. La nariz le queda achatada contra el vidrio y se le desfiguran las facciones. El piquetero pega los labios a la ventanilla y choca los dientes contra el vidrio. Da miedo esa boca deformada, dan miedo los piqueteros tan cerca.

Ellos se ríen al ver asustados a los de la combi.

–¿Qué les dije? –dice Nino cuando los piqueteros siguen el camino hacia el puente–

¿Vieron los palos?

–Tenemos que volvernos –dice Olga–. Esto es un peligro.³³(PRADELLI, 2008, p. 282)

A Kombi passou a ser vista também como um lugar para os que estavam do lado de fora. Ali, no meio da passagem, aquele meio de transporte tornou-se um obstáculo para os manifestantes que o enfrentavam, o tocavam e reconheciam que dentro havia indivíduos.

Verifica-se que tanto na obra de Ángela Pradelli (2008) quanto na narrativa de Rubens Figueiredo (2010), os meios de transportes se apresentam, a princípio, como um não-lugar cujo objetivo é meramente deslocar-se de um ponto ao outro. Entretanto, esses espaços nunca são completamente instituídos, por isso é possível verificar nas duas obras a reconfiguração de um não-lugar, ausente de qualquer tipo de relação, em um lugar. A tensão gerada no interior dos transportes é o elemento central para impulsionar a exposição das identidades, das emoções dos passageiros e criar neles o desejo de retirar as máscaras. A partir disso, as características de lugar se evidenciam até que todos esses movimentos estruturais voltem a acontecer novamente.

³³–Abaixa –ordena.

–O que está acontecendo? –pregunta Pina aterrorizada.

Os gritos dos manifestantes estrondam na Kombi. Um deles coloca a cara contra a janela de Olga. Não está usando lenço. O nariz fica achatado contra o vidro e suas feições ficam desfiguradas. O manifestante coloca os lábios contra a janela e bate com os dentes no vidro. Dá medo essa boca deformada, dá medo ver os manifestantes tão perto.

Eles ríem ao ver os passageiros da Kombi assustados.

–O que eu falei para vocês? –diz Nino quando os manifestantes seguem o caminho em direção a ponte–. Viram os pedaços de pau?

–Temos que voltar –diz Olga–. Isso é um perigo. (PRADELLI, 2008, p. 282)

3 O IMPULSO DE PARTIR: A EXPERIÊNCIA DO DESLOCAMENTO

Talvez o nosso destino é aquele de estar eternamente em caminho, lamentando sem fim e desejando com nostalgia, sempre ausentes de repouso e sempre errantes. Bendito é enfim só o caminho de que não se conhece a meta e que não menos nos obstinamos a seguir, tal a nossa marcha neste momento através da escuridão e os perigos sem saber o que espera.
Stefan Swieg

A partir do encurtamento das distâncias proporcionado pela globalização, a experiência do deslocamento vivenciou uma agudização nesse período. Porém, quais são os impulsos e motivos para o deslocamento? Quem se desloca e para onde? No presente capítulo, analisaremos as duas obras que formam o objeto de análise do trabalho, identificando os motivos que provocam a experiência do deslocamento nos personagens e as possíveis mudanças sofridas pelas identidades em questão.

O subcapítulo 3.1, “Estar em viagem”: os motivos dos deslocamentos em *Combi*”, tem como objetivo analisar o deslocamento realizado em *Combi* (2008). Tratando-se de uma trama que mostra o caminho realizado por um meio de transporte, uma *Kombi*, que rotineiramente leva passageiros de um ponto ao outro, serão analisados também os objetivos apontados pelos personagens-passageiros ao chegar em seu local de destino e as marcas de outros deslocamentos que alguns personagens possuíam.

No mesmo sentido que o subtópico anterior, no subcapítulo 3.2, “À espera do ônibus no ponto final’: aspectos de um passageiro”, também será analisado o deslocamento realizado na obra *Passageiro do fim do dia*. Através desse ponto, o leitor tem contato com a narrativa que o convida a acompanhar Pedro, no rotineiro percurso que faz aos finais de semana em um ônibus, desde o centro de uma grande cidade até o bairro do Tirol. Na obra, analisam-se não apenas o deslocamento realizado por Pedro, mas também o de Rosane, sua namorada, verificando as diferenças existentes entre as duas formas de experienciar o movimento centro-periferia.

No subcapítulo 3.3 “Identidades itinerantes: deslocamentos de natureza diversa”, abordamos a noção de que o deslocamento físico é o ato de um sujeito sair de um contexto físico e cultural para ser inserido em outro. Vimos, entretanto, que o deslocamento físico é capaz de proporcionar deslocamentos de natureza diversa em um indivíduo, tais como: o

deslocamento linguístico e o deslocamento social e cultural ao colocar em contato indivíduos que apresentam culturas ou identidades de grupo distintas. Sendo assim, analisaremos os desdobramentos desses deslocamentos nos sujeitos protagonistas do romance *Combi*. Em *Passageiro do fim do dia*, entretanto, o deslocamento provoca o encontro de duas identidades de grupo diferentes, por isso, introduzimos os efeitos das influências desse contato entre os sujeitos.

Dessa forma, discute-se, neste capítulo, a experiência do deslocamento como uma necessidade intrínseca do sujeito contemporâneo e a visão além do deslocamento físico. O contato com o Outro representa, no período contemporâneo, a possibilidade de sofrer transformações mais profundas que chegam até a sua identidade, ainda que essa interação não seja realizada por meio de um movimento transnacional, mas sim, dentro do próprio território nacional. Portanto, os deslocamentos e o contato com as outras culturas e identidades de grupo estão constantemente influenciando a subjetividade dos sujeitos.

3.1 “Estar en viaje”: os motivos dos deslocamentos em *Combi*

A permanência na *Kombi* que realiza o trajeto de Adrogué até Buenos Aires só acontece porque existe um destino final para cada passageiro que entra nesse espaço. O movimento periferia-centro realizado nesse deslocamento mostra que os passageiros vão em direção aos seus locais de trabalho, outros buscam em Buenos Aires encontrar melhores condições de tratamentos de saúde ou, ainda, encontrar respostas para seus dilemas. Na agência de transporte, entretanto, o propósito dos passageiros não importava, não causava nenhuma mudança no itinerário pré-definido, todos os indivíduos se transformavam em meros nomes dentro de uma lista. Nesse sentido, os quinze assentos da *Kombi* precisavam estar preenchidos e o que importava, em realidade, era atingir esse número: “La letra de Carolina era prolija y grande. Esteban leyó el listado de pasajeros. [...] –Son catorce –dijo Esteban–. Falta uno. –Dejáme ver –dijo Carolina y comparó la lista con las anotaciones que hacía en el cuaderno cada vez que llamaba un cliente–”³⁴ (PRADELLI, 2008, p. 54-55).

³⁴ “A letra de Carolina era prolija e grande. Esteban leu a lista de passageiros. [...] –São catorze –disse Esteban–. Falta um. –Deixe-me ver –disse Carolina e comparou a lista com as anotações que fazia no caderno cada vez que um cliente ligava–” (PRADELLI, 2008, p. 54-55).

Considerando a lista produzida por Carolina, na estação Adrogué às 9 horas da manhã, Pina Levy, Megumí Tan San e Bruno Staghezza estariam esperando pelo transporte. Os três passageiros aguardavam já desde alguns minutos antes do horário estipulado para a passagem da *Kombi*. Pina Levy era um dos passageiros que todos os dias usava o transporte para se deslocar, “era una mujer rubia y de labios delgados. Pina era maga, y viajaba todos los días a Buenos Aires porque alquilaba una oficina en Corrientes al 2500”³⁵ (PRADELLI, 2008, p.58). Naquele dia, a mágica não contava com o atraso que a *Kombi* levava para chegar até a sua parada, o ponto de partida de todo o percurso. A mulher comentou com a outra passageira que também esperava pelo transporte e que tinha uma entrevista marcada com um cliente no seu escritório “por una contratación para una fiesta de cumpleaños”³⁶ (PRADELLI, 2008, p. 59).

A outra personagem, Megumí, era uma jovem com pouco mais de 30 anos e uma passageira regular da *Kombi*. No período da tarde trabalhava em Adrogué, em uma agência de turismo, mas três vezes por semana se deslocava até Buenos Aires porque “hacía un año que se había anotado en un banco de horas de lectura como lectora voluntaria para personas con imposibilidades de leer”³⁷ (PRADELLI, 2008, p. 59). A personagem, que falava pouco com os outros passageiros da *Kombi*, tinha um apreço pela atividade de leitora que fazia pela manhã. Megumí sempre gostara de ler e tinha o desejo de fazer um trabalho voluntário, então, o anúncio no jornal de que uma fundação precisava de leitores lhe caiu como uma luva. Naquele manhã, Megumí leria para Nicolás, um jovem de vinte anos que havia sofrido um atropelamento e estava com praticamente todo o corpo imobilizado. Sabendo da possível interdição da ponte Pueyrredón por manifestantes, Megumí tentou ligar para casa de Nicolás e “avisar que tal vez cortarán el puente y que en esse caso ella ya no podría llegar”³⁸ (PRADELLI, 2008, p. 252).

Bruno, um antropólogo de quarenta anos que trabalhava na Equipe Argentina de Antropologia Forense, também esperava pela saída da *Kombi* na estação Adrogué. Desde os dezenove anos, Bruno trabalhava nesse organismo não governamental que possuía uma sede central em Buenos Aires e, por isso, também era um passageiro regular fazendo o trajeto Adrogué-Buenos Aires (PRADELLI, 2008, p. 63). Na próxima parada, esperando já há dez minutos, América Lévano começava a sentir sua bolsa pesar no ombro. América era uma

³⁵ "era uma mulher loira e de lábios finos. Pina era mágica e viajava todos os dias a Buenos Aires porque alugava um escritório em Corrientes à altura do número 2500" (PRADELLI, 2008, p.58).

³⁶ “por uma contratação para uma festa de aniversário” (PRADELLI, 2008, p. 59).

³⁷“fazia um ano que ela havia se inscrito em um banco de horas de leitura como leitora voluntária para pessoas com imposibilidades de ler” (PRADELLI, 2008, p. 59).

³⁸ “avisar que talvez fechem a ponte e que nesse caso ela não conseguiria chegar” (PRADELLI, 2008, p. 252).

mulher alta, de cabelo curto e escuro, “trabaja limpiando casas, aunque algunos años atrás había limpiado también oficinas y consultorios”³⁹ (PRADELLI, 2008, p. 89). A personagem se preocupava com o atraso da *Kombi* porque já sabia a respeito da possível manifestação na ponte. Ao ver seu transporte virar na esquina, calculou que chegaria poucos minutos atrasada na primeira casa que limparia, entretanto, “um retraso que no tendría ninguna importancia para sus otros patrones pero diez minutos para la Tuduri podía ser um assunto grave”⁴⁰ (PRADELLI, 2008, p. 91).

Na estação de Tundera, Leyla Miguens subiu na *Kombi* acompanhada de Nino Corley que também esperava ali. Leyla era uma mulher alegre, de mais de quarenta anos que usava o transporte para chegar ao seu trabalho, uma editora de revistas. Trabalhava ali há 5 anos “y siempre le prometían reubicarla y darle por fin una sección, lo cierto era que Leyla no estaba en una sección fija y escribía en la que necesitaran”⁴¹ (PRADELLI, 2008, p. 105). Diferente de outros passageiros como Nino Corley, Leyla não se mostrava preocupada pelo atraso da *Kombi*, nem pela notícia da manifestação na ponte Pueyrredón: “En cambio Leyla Miguens dijo que no había que hacerse tanto problema en la vida por diez minutos de más o de menos”⁴² (PRADELLI, 2008, p. 108). Nino, que sempre estava de mau humor, se mostrava muito preocupado com a hora: “–Sigamos –dijo Nino Corley –. Ya estamos bastante retrasados”⁴³ (PRADELLI, 2008, p. 155). Trabalhava como vendedor em uma sapataria de Buenos Aires há mais de vinte anos e já ansiava pelo momento em que se aposentaria, mas naquele momento só pensava nos efeitos que seu atraso causaria: “–El dueño de la zapatería me va a descontar estas horas –dijo Nino”⁴⁴ (PRADELLI, 2008, p. 277).

Antes de chegar à próxima parada, a *Kombi* teve que interromper seu trajeto por causa de um acidente com uma moto. A polícia suspendeu o trânsito, o que causou uma inquietação não apenas dentro da *Kombi*, mas também entre os outros veículos que também tiveram que interromper suas viagens. Na parada seguinte, Olga já esperava pela *Kombi*, “había llegado puntual a la parada de San Luis que estaba a dos cuadras de la curva de Turdera. Desde allí

³⁹ “trabalhava limpando casas, ainda que alguns anos atrás havia limpado também escritórios e consultórios” (PRADELLI, 2008, p. 89).

⁴⁰ “um atraso que não teria nenhuma importância para seus outros patrões mas dez minutos para a Tuduri podia ser um assunto grave” (PRADELLI, 2008, p. 91).

⁴¹ “e sempre prometiam realocá-la e dar a ela por fim uma seção, a realidade era que Leyla não estava em uma seção fixa e escrevia na que precisavam” (PRADELLI, 2008, p. 105).

⁴² “Em vez disso Leyla Miguens disse que não havia necessidade de criar tanto problema na vida por dez minutos a mais ou a menos” (PRADELLI, 2008, p. 108).

⁴³ “–Sigamos –disse Nino Corley –. Já estamos bastante atrasados” (PRADELLI, 2008, p. 155).

⁴⁴ “–O dono da sapataria vai descontar essas horas de mim –disse Nino” (PRADELLI, 2008, p. 277).

había oído a lo lejos el sonido de una ambulancia y había pensado en una desgracia”⁴⁵ (PRADELLI, 2008, p. 129). Olga esperava pela *Kombi* há mais de vinte minutos porque dependia do transporte para ir até Buenos Aires. Há mais de dez anos, Olga trabalhava dando banho em domicílio em pessoas, geralmente, idosos, pessoas com dificuldade de locomoção, obesos. Porém, naquela manhã, ela teria apenas um cliente, um senhor que, na verdade, não possuía nenhum tipo de limitação e contratava seus serviços como um luxo que se permitia dar. Por isso, Olga guardava em segredo a existência de Dunkan Parodi, um cliente diferente de todos os outros: “–Llegas tarde? –le preguntó Olga a Paulina. –No, por ahora no, ¿y usted? –No –dijo Olga, y suspiró–. Creo que no. –¿Cuántos tiene hoy para bañar? –Acá en Buenos Aires solo uno. –¿Y ahora a quién va a bañar? –A una viejita –dijo Olga pero mintió”⁴⁶ (PRADELLI, 2008, p. 209).

Na mesma parada que Olga, Josef Wroblews também esperava pela *Kombi*. Mais conhecido como “El polaco”, Josef era um polonês de 74 anos que “viajaba uma vez por semana a Buenos Aires”⁴⁷ (PRADELLI, 2008, p. 130). Josef migrou da Polônia para Buenos Aires com seu irmão três anos mais novo quando ainda eram bem pequenos, mas “al llegar al puerto se perdieron de vista y a pesar de que se había pasado la vida buscándolo nunca más volvieron a cruzarse. Pero él todavía creía que iba a encontrarlo”⁴⁸ (PRADELLI, 2008, p. 130). Por essa razão, o polonês comprava seu bilhete de *Kombi* e ia uma vez por semana procurar por seu irmão, caminhando por diversos bairros e ruas de Buenos Aires. Quando trabalhava em uma fábrica de vidro, de segunda a sexta, só conseguia sair para buscar seu irmão aos sábados e alguns domingos, porém, agora aposentado, também vai a Buenos Aires durante a semana. Ao longo de todo esse tempo, Josef pensava em seu irmão e acreditava que poderia encontrá-lo para que finalmente os dois pudessem voltar juntos para a Polônia.

Após Josef e Olga subirem na *Kombi*, a viagem seguiu seu trajeto até a próxima parada. Em Témpereley, Nacho subiu na *Kombi* sem falar com nenhum dos passageiros, nem ao menos respondeu ao cumprimento de Esteban, o motorista. O rapaz de quase 18 anos, se sentou no último assento individual da *Kombi* e, apesar de desejar um mp3 para ir escutando música durante a viagem, Nacho levava sempre um livro consigo. Sua tia lhe havia prometido comprar o aparelho de mp3, assim, enquanto não o tinha, o rapaz pegava livros emprestados

⁴⁵ “havia chegado pontualmente à parada de San Luis que estava a duas quadras da curva de Turdera. Dali havia escutado de longe o som de uma ambulância e havia pensado em uma desgracia” (PRADELLI, 2008, p. 129).

⁴⁶ “–Você vai chegar tarde –perguntou Olga a Paulina. –Não, por hora não, e a senhora? –Não –disse Olga, e suspirou–. Acho que não –Tem quantos clientes para banhar hoje? –Aqui em Buenos Aires só um. –E agora quem a senhora vai banhar? –Uma velhinha –disse Olga mas mentiu” (PRADELLI, 2008, p. 209).

⁴⁷ “viajava uma vez por semana a Buenos Aires” (PRADELLI, 2008, p. 130).

⁴⁸ “ao chegar ao porto se perderam de vista e apesar de haver passado toda a vida buscando seu irmão nunca mais voltaram a se encontrar” (PRADELLI, 2008, p. 130).

na biblioteca municipal. Nacho vivia com “su tía desde que sus padres habían muerto en un accidente en la ruta”⁴⁹(PRADELLI, 2008, p. 143) e por obrigação ia uma vez por semana a Buenos Aires para fazer terapia no hospital Ameghino. Nacho e sua tia discutiram muitas vezes sobre o tema, já que ele não queria se submeter a nenhum tratamento. Porém, o fator decisivo “fue cuando pasó lo del cementerio que su tía le dijo que no podía seguir así, le consiguió un turno en el hospital y lo obligó a ir. Aquella noche Nacho se había quedado encerrado en el cementerio”⁵⁰ (PRADELLI, 2008, p. 144). Todos os dias o jovem ia ao cemitério e passava horas lá dentro, passeando pelos corredores e lendo lápides. Sua imagem já era conhecida dos funcionários que ali trabalhavam e por um descuido, em uma noite quente de janeiro, um dos trabalhadores fechou o cemitério sem se dar conta que o rapaz ainda permanecia lá dentro. Na *Kombi*, Nacho não parecia se preocupar nem com quem estava ao seu redor, nem com o horário, “se calzó los auriculares del discman y revisó el listado de cuentos en el índice del libro que había sacado de la biblioteca municipal”⁵¹ (PRADELLI, 2008, p. 153).

A próxima parada da *Kombi* foi realizada em Gorriti, porém, como já era de costume, Paulina não estava lá: “la chica de los granos tenía la costumbre de salir tarde de casa y siempre había que esperarla unos minutos”⁵² (PRADELLI, 2008, p. 154). Naquele dia em específico, esperar pela jovem seria atrasar ainda mais o horário de chegada de todos os passageiros, por isso, muitos deles se manifestaram, dizendo ao motorista que eles deveriam seguir com a viagem. Esteban recebeu uma ligação da agência de transportes, avisando que “Paulina acababa de llamar a la agencia y que estaba a una cuadra de la parada. Llegaría en un par de minutos”⁵³ (PRADELLI, 2008, p. 155). Ao entrar na *Kombi*, Paulina agradeceu pelos minutos de espera e se sentou ao lado de Olga. Naquela manhã, a jovem se deslocava com o objetivo de chegar ao seu local de trabalho: “hacía menos de un mes que Paulina trabajaba em Le Beau Blanc, el negocio de sábanas y manteles que estaba en la esquina de Córdoba y Florida”⁵⁴ (PRADELLI, 2008, p. 156). Não lhe preocupava o atraso da *Kombi*, “Paulina miró

⁴⁹ “sua tia desde que seus pais haviam morrido em um acidente na estrada” (PRADELLI, 2008, p. 143)

⁵⁰ “foi quando aconteceu o caso do cemitério. Sua tia disse que ele não poderia continuar assim, conseguiu um horário para ele no hospital e o obrigou a ir. Naquela noite Nacho havia ficado preso no cemitério” (PRADELLI, 2008, p. 144).

⁵¹ “colocou os fones de ouvido do *discman* e revisou a lista de contos no índice do livro que tinha pegado emprestado na biblioteca municipal” (PRADELLI, 2008, p. 153).

⁵² “a moça das espinhas tinha o costume de sair tarde de casa e sempre tinham que esperar uns minutos por ela” (PRADELLI, 2008, p. 154).

⁵³ “Paulina tinha acabado de ligar para a agência e que estava a uma quadra da parada. Chegaria em alguns minutos” (PRADELLI, 2008, p. 155).

⁵⁴ “fazia menos de um mês que Paulina trabalhava em Le Beau Blanc, o negócio de lençóis e toalhas que estava na esquina de Córdoba e Flórida” (PRADELLI, 2008, p. 156).

su reloj y calculó que aun con el atraso estaría llegando bien a Le Beau Blanc”⁵⁵ (PRADELLI, 2008, p. 164). Na ficha de dados pessoais que preencheu para a vaga na loja de lençóis, Paulina mentiu sobre seu endereço porque “le había pasado muchas veces, cuando leían en la ficha de ingreso que vivía en la provincia no la tomaban porque decían que con los piquetes los empleados muchas veces llegaban tarde por no poder cruzar el puente”⁵⁶ (PRADELLI, 2008, p. 164). Entretanto, ainda que se atrasasse naquela manhã, Paulina lembrava que seu chefe não estaria na loja, ocupado com outras questões, e por isso, não se daria conta se ela chegasse atrasada ao trabalho.

Os passageiros da *Kombi* já sabiam que, na próxima parada, estariam esperando Dante e Rita. O casal entrou na *Kombi* na parada de Hipólito Irigoyen y Laprida. Juntos há quase trinta anos, Dante e Rita tinham uma filha que já estava casada e morava na Espanha com seu marido. Desde que Adriana, a filha deles, “se había ido, Dante tenía problemas con el sueño. Se dormía a eso de las once de la noche y antes de las dos de la mañana ya estaba despierto”⁵⁷ (PRADELLI, 2008, p. 173). Rita acompanhou o marido a diversas consultas médicas, mas os remédios não causavam nenhuma melhora. Dante cada vez se mantinha mais calado, sempre com a cabeça baixa e com dificuldades para dormir. Ele também se recusava a visitar um psiquiatra e reprovava qualquer outra alternativa que Rita encontrava para um possível tratamento. Com a possibilidade de visitar a filha na Espanha, Rita repreendeu o marido a respeito do quadro, forçando-o a buscar alguma forma de se tratar para que a filha não o visse daquela maneira:

–Yo con vos así no viajo–dijo Rita–. Tenés unas ojeras que parecés un enfermo.
 –¿Y qué querés que haga?
 –Que te cures el insomnio –dijo Rita–, para cuando Adriana nos mande los pasajes.
 No podés llegar allá con esa cara. (PRADELLI, 2008, p. 175)

Por essa razão, Rita começou a acompanhar o marido a reuniões em um grupo de autoajuda e “desde entonces los dos iban a Buenos Aires dos veces por semana”⁵⁸ (PRADELLI, 2008, p. 176). Apesar de Dante ainda não conseguir dormir bem e melhorar seu humor, Rita “insistía

⁵⁵ “Paulina olhou seu relógio e calculou que ainda com o atraso estaria chegando bem a Le Beau Blanc” (PRADELLI, 2008, p. 164).

⁵⁶ “já havia acontecido muitas vezes, quando liam na ficha de admissão que ela morava na província não a escolhiam porque diziam que com as manifestações os empregados muitas vezes chegavam tarde por não poder cruzar a ponte” (PRADELLI, 2008, p. 164).

⁵⁷ “havia ido embora, Dante tinha problemas de sono. Dormia em torno das onze da noite e antes das duas da manhã já estava acordado” (PRADELLI, 2008, p. 173).

⁵⁸ “desde então os dois iam a Buenos Aires duas vezes por semana” (PRADELLI, 2008, p. 176).

en que tenía que seguir y que todo mejoraría con el tiempo si él hacía el tratamiento. En el grupo eran veinte insomnes de diferentes edades”⁵⁹ (PRADELLI, 2008, p. 176).

Quando a *Kombi* seguia para Lanús, a parada seguinte, Esteban recebeu uma ligação da agência: “–¿Dónde estás, Esteban? –preguntó Carolina desde la agencia–. Llamó Ivo preocupado porque se le está haciendo tarde. –Decíle a Ivo que estoy llegando –dijo Esteban, y aceleró”⁶⁰ (PRADELLI, 2008, p. 220). O homem que ali esperava era Ivo Mayer, um diretor de cinema pornográfico que geralmente levava consigo uma maleta repleta de roteiros de filmes, livros de contos e um caderno para anotar as ideias que tinha. Quando Ivo viajava cedo até Buenos Aires, quase sempre era “porque le tocaba hacer un casting para alguna de sus películas”⁶¹ (PRADELLI, 2008, p. 220). Naquela manhã, Ivo marcou um *casting* às nove e meia com os atores e atrizes para um novo filme. Entretanto, considerando o atraso que a *Kombi* levava, ele acreditava que não chegaria antes das dez e meia. Com a chegada do transporte, Ivo cumprimentou aos outros passageiros, sentou-se e quis se informar a respeito do horário previsto de chegada ao destino final. Ivo não parecia se preocupar com o fato da ponte Pueyrredón ser interrompida por manifestantes, já que, anos atrás, ele também era um militante político. O diretor de cinema queria obter informações sobre o horário de chegada para, pelo menos, orientar seus assistentes para que eles começassem o *casting* e pudessem instruir aos candidatos:

También Ivo Mayer hizo algunos llamados.

– Oíme –le dijo a su asistente–, ¿les avisaste a los del casting que voy a llegar unos minutos más tarde?

–¿Unos minutos? –dijo Nino Corley–. Qué optimismo.

Ivo le ordenó también que les fuera diciendo a los actores que les pagarían 200 pesos por día y a las actrices 500. Que no se lo tenían que tomar en joda, que se lo tenían que tomar en serio y ensayar. Que les dijera también que era obligatorio usar preservativos y que estaba prohibido mirar a las cámaras durante la filmación. Que si lo hacían por hambre, que ni se quedaran porque no iban a participar en la película. – Se los vas diciendo –le dijo a su asistente. Y después cortó y se dirigió a los de la combi–. Esto no se puede hacer por hambre, si lo hacen para comer se denigran.⁶²(PRADELLI, 2008, p. 256-257)

⁵⁹ “insistia que ele tinha que continuar e que tudo melhoraria com o tempo se ele fizesse o tratamento. No grupo eram vinte pessoas de diferentes idades com insônia” (PRADELLI, 2008, p. 176).

⁶⁰ “–Onde você está, Esteban? –preguntou Carolina da agência–. O Ivo ligou preocupado porque já está ficando tarde para ele. –Diga ao Ivo que estou chegando –disse Esteban, e acelerou” (PRADELLI, 2008, p. 220).

⁶¹ “porque ele tinha que fazer um casting para algum de seus filmes” (PRADELLI, 2008, p. 220).

⁶² Ivo Mayer também fez algumas chamadas.

– Escuta-me –disse para seu assistente– Você avisou às pessoas do *casting* que vou chegar alguns minutos mais tarde?

– Alguns minutos? –disse Nino Corley–. Que otimismo.

Ivo ordenou que ele fosse dizendo aos atores que eles pagariam 200 pesos por dia e às atrizes 500. Que não tinham que levar na brincadeira, que tinham que levar a sério e ensaiar. Que dissesse também que era obrigatório usar preservativos e que era proibido olhar para as câmeras durante a gravação. Que si eles participavam porque estavam passando fome, que nem se ficassem porque não iriam participar do filme. – Vai dizendo para eles–

Geralmente, naquela parada, apenas Ivo esperava pela *Kombi*, contudo, daquela vez, uma mulher de óculos escuros também aguardava a seu lado. Se tratava de Dorina que, apesar de não ter uma reserva, conseguiu que Esteban trocasse o lugar reservado para Simón Benítez pelo seu e, por isso, ela conseguiu subir na *Kombi*. Dorina era uma mulher alta, de quase 50 anos e “no había viajado nunca antes en una combi de esta empresa así que no conocía a ninguno de estos pasajeros”⁶³ (PRADELLI, 2008, p. 221). Seu deslocamento naquela manhã era motivado por uma consulta médica em Buenos Aires, o que lhe deixava preocupada. Após fazer alguns exames ginecológicos, Dorina descobriu que possuía “un útero agrandado que le provocaba tantas hemorragias que casi no podía salir de su casa durante los días de la menstruación. Una menstruación que se hacía cada vez más irregular”⁶⁴ (PRADELLI, 2008, p. 226). Seu médico lhe havia proposto uma cirurgia para retirada do útero, alegando que seria uma solução simples e que não lhe causaria grandes perdas, considerando que Dorina já tinha quase 50 anos e dois filhos. Para ela, a ideia de remover uma parte de seu corpo era absurda, em vista disso, buscou outras alternativas para tratar as hemorragias. Através da indicação de uma amiga, Dorina conheceu o doutor Maharshi, um médico “que hacía Ayurveda, la medicina indiana. Le había hablado también de los resultados milagrosos de algunos tratamientos, todos hechos con medicación ayurbédica, es decir, remedios a base de hierbas” (PRADELLI, 2008, p. 228). Assim, naquela quarta-feira, Dorina se dirigia ao consultório do doutor Maharshi para sua terceira consulta.

Quando a *Kombi* entrava na Avellaneda, Carolina ligou da agência para saber quantos pessoas já haviam subido. Esteban contabilizou 14 passageiros e, ao ser indagado sobre Simón Benítez, que tinha uma reserva e esperava pelo transporte em Maiupé, o motorista mentiu dizendo que ele não estava no local quando passaram. Assim, a *Kombi* seguiu com a viagem carregada de passageiros com objetivos diversos para cumprir em seu destino final e que, para alcançá-los, precisavam viver rotineiramente a experiência do deslocamento. A tensão sobre a manifestação que causaria um possível fechamento da ponte Pueyrredón e, com isso, um atraso no horário de chegada, refletia de maneira diferente em cada passageiro, causando mais transtornos a uns que a outros. Contudo, verifica-se que a viagem de *Kombi* representa um elo entre suas necessidades e as soluções para elas: chegar ao local de trabalho, obter tratamento

disse ao seu assistente. E depois desligou e se dirigiu aos passageiros do *Kombi*-. Não se pode fazer esse serviço por passar fome, se fazem para se alimentar se denigrem. (PRADELLI, 2008, p. 256-257)

⁶³ “nunca tinha viajado em uma *Kombi* desta empresa antes, então não conhecia nenhum destes passageiros” (PRADELLI, 2008, p. 221).

⁶⁴ “um útero dilatado que lhe provocava várias hemorragias que quase não podia sair de sua casa durante os dias da menstruação. Uma menstruação que se tornava cada vez mais irregular” (PRADELLI, 2008, p. 226).

para alguma enfermidade, encontrar aspectos do seu passado. Ainda que o objetivo final dos passageiros seja realizar ações diferentes umas dos outros, todos estão expostos aos efeitos do deslocamento.

3.2 “À espera do ônibus no ponto final”: aspectos de um passageiro

Em *Passageiro do fim do dia* (2010), a questão do deslocamento é o cenário da narrativa. No lugar relatado, diversas pessoas se movimentam pelo espaço urbano e a narrativa se centra especificamente em uma viagem de ônibus que corta a cidade desde o Centro até o Tirol, uma área periférica. Para o personagem principal da narrativa, o jovem Pedro, a experiência do deslocamento é vivida apenas aos finais de semana enquanto para os outros passageiros é uma atividade diária. Ainda assim, esperar pelo ônibus no ponto final e estar em viagem já haviam se tornado parte da rotina de Pedro: “A demora do ônibus, o bafo de urina e de lixo, a calçada feita de buracos e poças, o asfalto ardente com borrões azuis de óleo, quase a ponto de fumer – Pedro já estava até habituado. Não são os mimados, mas sim os adaptados que vão sobreviver” (FIGUEIREDO, 2010, p. 5). No fim daquela tarde, Pedro e os demais indivíduos que esperavam na parada final já percebiam o atraso do ônibus. Enquanto outros coletivos saíam do terminal em direção aos mais variados destinos, o ônibus de Pedro ainda não havia chegado. O atraso refletia em um desconforto para os passageiros, já que o objetivo daqueles que esperavam na fila não era propriamente a viagem, mas sim, o destino: “A simples demora do ônibus, mais longa do que a demora de sempre, talvez pudesse justificar o nervosismo, também diferente do de sempre, que vibrava agora na sua fila” (FIGUEIREDO, 2010, p. 8-9).

Depois de certa espera e sem que Pedro notasse, “seu ônibus havia chegado e parado na beira da rua” (FIGUEIREDO, 2010, p. 10). A trocadora entrou primeiro no transporte e, em seguida, a fila começou a se movimentar com a entrada dos passageiros pela porta da frente. Pouco a pouco, todos os assentos do ônibus foram ocupados, subindo ainda outros passageiros que conseguiram um espaço, de pé, no corredor. Assim, o ônibus partiu, dando início a um trajeto que já era conhecido pelos passageiros: “Todos os passageiros sabiam que logo depois viria um túnel comprido, quase todo em curva” (FIGUEIREDO, 2010, p. 14). O ônibus seguia com destino ao Tirol, uma comunidade localizada em uma área afastada do Centro, e fazia paradas ao longo do caminho para que novos passageiros pudessem subir ou

para a saída dos que estavam dentro do coletivo: “O ônibus foi reduzindo a velocidade aos poucos até que o motorista parou no ponto. Do lado de fora, passageiros logo se aglomeraram em volta da porta e, em dúvida, perguntavam alguma coisa ao motorista” (FIGUEIREDO, 2010, p. 10).

Pedro possuía uma pequena livraria que vendia livros de segunda mão “em sociedade com um amigo advogado” (FIGUEIREDO, 2010, p. 9) e ali havia trabalhado durante aquele dia, atendendo clientes e organizando as prateleiras. Já a maioria dos passageiros que ocupava o coletivo eram moradores do Tirol que, após um árduo dia de trabalho no Centro, voltavam para suas casas: “Como os outros, [Pedro] estava cansado. Não tinha carregado caixotes de frangos congelados para a caçamba de um caminhão nem havia esfregado corredores e escadas de um prédio de quinze andares de cima até embaixo como alguns outros ali[...]” (FIGUEIREDO, 2010, p. 7). O Tirol, um bairro pobre e escasso de infraestrutura, não dava condições de trabalho suficientes para as pessoas que ali moravam. Além disso, como a maioria dos moradores não haviam terminado os estudos, precisavam diariamente viajar até o Centro para exercer atividades, em sua maioria, braçais, que não solicitavam de mão obra qualificada. Assim, naquele fim de tarde, o desejo desses passageiros era unicamente chegar até o destino final para que enfim pudessem descansar. Da mesma forma, os passageiros que esperavam pela chegada do ônibus, nas paradas seguintes, também se apressavam para entrar no transporte e cumprir o desejo de chegar em casa:

Porque lá fora, espremidas na calçada estreita entre o meio-fio e a grade do estacionamento de um supermercado, dezenas de pessoas esticavam o pescoço na direção da rua, para o lado de onde vinham os carros, cada uma delas à procura da aproximação do seu ônibus, todas preparadas para correr na direção da porta de embarque assim que pudessem calcular em que altura da calçada o motorista ia encostar e parar [...]. (FIGUEIREDO, 2010, p. 15)

Uma espécie de tensão, entretanto, rondava os passageiros. Um rumor a respeito da interdição de um trecho do percurso próximo ao destino final do ônibus deixava os passageiros preocupados e nervosos. Em um engarrafamento, o ônibus em que Pedro estava ficou lado a lado com outro ônibus que fazia o mesmo trajeto, mas que vinha em sentido contrário. Pela janela, os dois motoristas começaram uma conversa e o que ia, naquele momento, em direção ao Centro “transmitiu um aviso para o motorista do ônibus de Pedro: a empresa deu ordem para nenhum motorista ir até o fim. Não queriam ter mais ônibus incendiados — foi o que disseram. A ordem era desviar e ir deixando os passageiros ao longo da linha do trem” (FIGUEIREDO, 2010, p. 32). Essa mudança gerou diversas reações nos

passageiros que apenas queriam chegar em casa para descansar. Muitos dos passageiros não sabiam sequer como fariam para chegar no Tirol, não conheciam os arredores e não sabiam o que realmente estava acontecendo na parada final.

Pedro também tinha certa preocupação, já que também não conhecia os bairros e ruas em torno do Tirol: “Era noite de sexta-feira e já fazia mais de seis meses que Pedro se acostumara a dormir naquele lugar, naquela casa, naquela cama, no Tirol — nas sextas-feiras. Mesmo assim não conhecia muito bem o Tirol, e menos ainda seus arredores” (FIGUEIREDO, 2010, p. 33). Entretanto, a posição de viajante-espectador o impedia de expressar qualquer reação ou interação com o espaço ou com os outros passageiros. Além disso, o deslocamento de Pedro era motivado pelo seu desejo de estar com Rosane, por isso, já há alguns meses, todas as sextas-feiras, o jovem pegava o ônibus em direção ao Tirol e “sempre saía de lá domingo à noitinha, para voltar só na sexta-feira seguinte” (FIGUEIREDO, 2010, p. 96). Para o jovem, esse deslocamento até a comunidade não era uma obrigação, também não era uma viagem que o levava para um ambiente familiar em que pudesse se sentir como em casa, mas era um deslocamento impulsionado pelo hábito de estar com Rosane, sua namorada:

E o movimento do ônibus, por caminhos tão bem marcados, as pistas abertas entre o casario pobre e sem fim — desde a fila no ponto final, em companhia de passageiros que ele já conhecia de vista — para não falar do esforço do motorista em conduzir o veículo, que se somava ao esforço do próprio motor barulhento e maltratado para carregar aquela gente, aquele peso, até o fim da linha — tudo isso sublinhava e confirmava toda semana o mesmo impulso. Assim, através das sextas-feiras, as semanas corriam sem parar, uma a uma, para dentro de outras semanas. (FIGUEIREDO, 2010, p. 96)

Rosane morava no Tirol desde muito pequena, porém, diferentemente dos outros moradores da comunidade, a jovem vivia constantemente a experiência de deslocar-se até o Centro. Nesse novo espaço, as oportunidades de se desenvolver de maneira intelectual e profissional, ainda que com certas dificuldades, eram um ponto de diferença entre o espaço do Tirol. Então, através da ajuda de outras pessoas ou ganhando bolsas de estudos, Rosane conseguiu fazer um curso de inglês, um curso de informática e também era no espaço do Centro que ela trabalhava. Naquele fim de tarde, Pedro “lembrou que Rosane também devia estar indo para lá, para o Tirol, naquele horário e pelo mesmo caminho, em outro ônibus” (FIGUEIREDO, 2008, p. 24). Rosane voltava do trabalho para casa depois de ter trabalhado em horário integral durante todo o dia.

Na narrativa de Rubens Figueiredo, o movimento Centro-periferia é sentido de maneira diferente em relação a Pedro e em relação aos moradores do Tirol. A tensão criada no ônibus em que Pedro viajava a respeito de uma possível alteração no itinerário gerou, a princípio, uma revolta entre os passageiros. Entretanto, a maioria deles, moradores do Tirol, foram vencidos pelos motivos que os levaram até o Centro: as atividades que empenharam durante todo o dia e que, na volta para casa, absorviam suas forças:

Mas agora, nesse outro ônibus em que Pedro estava de pé, abraçado à mochila contra o peito, sem notar o que fazia, ele observava o rosto dos passageiros sentados ou em pé a seu lado. A preocupação de antes sobre o itinerário e sobre as condições no Tirol não havia resistido ao cansaço do dia e ao torpor dos engarrafamentos em cadeia. Mais de metade dos passageiros cabeceava de sono e até o rapaz gordo, de camiseta branca e brinco de argola na orelha, que havia falado sobre a praça da Bigorna, dormia fundo, o queixo baixo, a papada caída sobre o peito. (FIGUEIREDO, 2008, p. 114)

Sendo assim, percebe-se que o deslocamento realizado através do ônibus é capaz de colocá-los em contato com novos espaços e, com isso, gerar diversos efeitos nos indivíduos.

3.3 Identidades itinerantes: deslocamentos de natureza diversa

Entre os quinze passageiros da *Kombi*, na narrativa da escritora Ángela Pradelli, havia indivíduos que carregavam vivências em outros países. Alguns deles haviam nascido em outros países e passaram a viver na Argentina, outros haviam estado em outros países como migrantes e logo retornaram ao seu país de nascimento. Assim, além de rotineiramente viajar no transporte coletivo dentro de um território nacional, alguns personagens possuíam também marcas de outro espaço e outra cultura. Destaca-se que muitos deles viveram a experiência do deslocamento, de fato, como meros migrantes em outro país, permanecendo ainda muito ligados à cultura nacional e, por isso, não criavam raízes, nem se adaptavam à cultura do novo espaço. Outros personagens, porém, iniciam processos de apoderação da língua, da literatura e dos costumes da cultura de chegada. A abertura para o contato e mescla da cultura de chegada com a cultura de partida, culmina em um hibridismo cultural que proporciona o caráter de sujeito traduzido àqueles que vivem essa experiência.

Pina Levy, a mágica que se deslocava até Buenos Aires para trabalhar, já havia estado em Israel, “donde había vivido los últimos dos años”⁶⁵ (PRADELLI, 2008, p. 70). Ao final de 2001, uma crise atingiu toda Argentina e, por isso, Pina decidiu mudar-se para Israel, onde vivia sua irmã gêmea há mais de dez anos. Essa viagem nunca havia estado nos planos da mágica, mas a onda de consequências gerada pela crise econômica “hacía estragos en la Argentina”⁶⁶ (PRADELLI, 2008, p. 70). Todo o país sofreu com os diversos saques a supermercados e lojas, grandes filas nos bancos, carros queimados e roubos, causando mortos e feridos. Então, em uma manhã, quando todo o caos seguia instaurado no país, Pina decidiu que iria para Israel. A mágica viajaria, mas não para morar junto com a irmã “porque ella era un bicho de ciudad y su hermana hacía cuarenta años que vivía en un *kibutz* en el medio del campo”⁶⁷ (PRADELLI, 2008, p. 73). Já decidida e com as malas preparadas, Pina “cerró la casa y una mañana calurosa de febrero viajó a Israel”⁶⁸ (PRADELLI, 2008, p. 73).

A pedido de Pina, sua irmã conseguiu alugar um apartamento pequeno e mobiliado em Tel Aviv. No dia em que chegou a Israel, as duas se dedicaram a limpar o espaço e acomodar as coisas de Pina e sua irmã lhe propôs que participasse de um Bar Mitzvah como uma atividade de trabalho: “– Sí, pensé que sería un buen momento para que empezaras a trabajar. – ¿Haciendo qué? –preguntó Pina. – Lo que sabes –contestó la gemela–. Magia”⁶⁹ (PRADELLI, 2008, p. 74). Em um primeiro momento, para Pina, a ideia seria impossível de ser realizada, já que “los shows de Pina combinaban magia y cuentos así que era imposible porque ella no sabía hablar ni una palabra de hebreo”⁷⁰ (PRADELLI, 2008, p. 74). Entretanto, ela também teve a ideia de inserir sua irmã no seu espetáculo, para que ela atuasse como uma espécie de tradutora:

La llamó a su hermana y le pidió que le escribiera en la fonética del hebreo un texto de presentación para que ella pudiera decirlo.
[...] Las dos en camisón se sentaron frente a la mesa de la cocina. Aunque habían envejecido seguían siendo tan iguales. Pina le dictó a su hermana. “Soy Pina y acabo de llegar a este país. No hablo el idioma. Por eso traje a mi sombra, que es la que vas a contarles lo que yo hago”.
– ¿Y esto? –preguntó a su hermana.
– Esto quiere decir que te vas a poner unas calzas negras, una remera negra y vas a estar a mi lado durante los cuarenta y cinco minutos que dura el show. Yo voy a

⁶⁵ “onde havia vivido nos últimos anos” (PRADELLI, 2008, p. 70).

⁶⁶ “fazia estragos na Argentina” (PRADELLI, 2008, p. 70).

⁶⁷ “porque ela era um bicho de cidade e sua irmã vivia em um *kibutz* no meio do campo há 40 anos” (PRADELLI, 2008, p. 73).

⁶⁸ “fechou a casa e em uma manhã quente de fevereiro viajou para Israel” (PRADELLI, 2008, p. 73).

⁶⁹ “– Sim, pensei que seria um bom momento para que você começasse a trabalhar. – Fazendo o quê? –perguntou Pina. – O que você sabe – respondeu a gêmea–. Mágica” (PRADELLI, 2008, p. 74).

⁷⁰ “os shows de Pina combinavam mágica e contos, então era impossível porque ela não sabia falar nem uma palavra de hebraico” (PRADELLI, 2008, p. 74).

contar los cuentos en voz baja para que vos escuches y los traduzcas al hebreo simultáneamente.⁷¹ (PRADELLI, 2008, p. 74)

A estratégia das duas deu certo e depois desse evento, diversos outros surgiram e não faltou espaço de trabalho para Pina. Contudo, dois anos depois, quando a mágica “empezó a extrañar más de lo que disfrutaba, sacó el pasaje de vuelta”⁷² (PRADELLI, 2008, p. 75).

O deslocamento de Pina nunca foi idealizado, não fazia parte de um desejo da personagem em deixar o seu país para viver a experiência de estar em contato com a cultura de chegada: “no había sido algo que tuviera en mente antes, ni siquiera lo había pensado alguna vez”⁷³ (PRADELLI, 2008, p. 70). A personagem buscava abster-se dos efeitos de um período de tensão em seu país e, por ter já uma referência em Tel Aviv, encontrou nesse espaço uma oportunidade de seguir com seu ofício e sua vida cotidiana. Dessa forma, o caráter de migrante assumido por Pina corresponde à instabilidade econômica e social por que seu país passava e a possibilidade de encontrar novas oportunidades em um novo espaço. Esse pensamento é capaz de mover muitos indivíduos a se tornarem migrantes em outros países: “con frecuencia, en las migraciones influyen la información sobre lo que se ofrece en el mundo y la declinación del propio país”⁷⁴ (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 5). Nesse sentido, não houve um desejo de deixar sua pátria ou mesmo de mesclar-se com a cultura de chegada, de aprender a língua daquele país ou permanecer nesse novo espaço. A estadia em Tel Aviv era apenas uma oportunidade de sobrevivência e desenvolvimento econômico, já que o desejo da personagem era regressar à sua cultura de partida. O desejo de voltar também se evidencia pelo fato de a personagem se preocupar em economizar dinheiro enquanto esteve em Israel, o que lhe permitiu alugar um escritório ao voltar para a Argentina: “Con lo que había ahorrado en Israel se alquiló una oficina en Corrientes al 2500”⁷⁵ (PRADELLI, 2008, p. 75).

⁷¹ Ligou para sua irmã e pediu a ela que escrevesse na fonética do hebraico um texto de apresentação para que ela pudesse falar. [...] As duas se sentaram em frente à mesa da cozinha de camisola. Ainda que envelhecidas continuavam sendo tão iguais. Pina ditou para sua irmã. "Sou Pina e acabo de chegar a este país. Não falo o idioma. Por isso trouxe minha sombra, que é quem vai contar para os senhores o que eu faço".

– O que você quer dizer com isto? –perguntou sua irmã.

– Isto quer dizer que você vai colocar uma calça preta, uma blusa preta e vai ficar do meu lado durante os quarenta e cinco minutos de duração do show. Eu vou contar os contos em voz baixa para que você escute e traduza ao hebraico simultaneamente. (PRADELLI, 2008, p. 74)

⁷² "começou a sentir saudades mais do que aproveitava, comprou a passagem de volta" (PRADELLI, 2008, p. 75).

⁷³ "não havia sido algo que tinha em mente antes, nem sequer havia pensado nisso alguma vez" (PRADELLI, 2008, p. 70).

⁷⁴ "com frequência, nas migrações a informação sobre o que se oferece no mundo e a declinação do próprio país influenciam" (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 5)

⁷⁵ "Con o que havia economizado em Israel alugou um escritório em Corrientes na altura do número 2500" (PRADELLI, 2008, p. 75).

Megumí, que subiu na *Kombi* na mesma parada que Pina Levy, também era uma mulher que apresentava marcas de outras culturas. Neta de Shoichi Yokoi, um homem que trabalhava como alfaiate e foi chamado para integrar o exército imperial durante a Segunda Guerra Mundial. Shoichi nunca havia saído de Siga, uma cidade japonesa, mas foi enviado para a China em 1940 e “antes de partir a la guerra, Shoichi les pidió a sus suegros que viajaran a América con su esposa que estaba embarazada de cinco meses”⁷⁶ (PRADELLI, 2008, p. 59). No ano seguinte, Shoichi foi enviado para a ilha de Guam, no arquipélago de Las Marianas no Pacífico Sul, entretanto, depois de alguns anos, a ilha foi tomada pelos norte-americanos. Os soldados japoneses receberam ordens de lutar até a morte, porém, quando Shoichi e alguns companheiros perceberam que não haveria maneira de escapar da morte, fugiram para a selva. O avô de Megumí, sem saber que a guerra havia acabado, foi o único sobrevivente do exército japonês e passou 25 anos na ilha porque “quiso cumplir su promesa de no entregarse al enemigo, así que durante todos esos años había permanecido en la selva creyendo que Japón seguía en guerra”⁷⁷ (PRADELLI, 2008, p. 60). Nos anos de 1970 ele foi encontrado por um grupo de pescadores e voltou ao Japão, sendo recebido como um herói. Porém, Shoichi recebeu a notícia que sua esposa “murió en la Argentina tres años antes de que él apareciera”⁷⁸ (PRADELLI, 2008, p. 60).

Nesse momento, a única filha de Shoichi, já grávida de Megumí, voltou ao Japão para encontrar-se com o pai. Ali a jovem ficou até o nascimento de Megumí e depois retornou para Buenos Aires, sendo essa a última vez que Shoichi esteve em contato com a filha e a neta. A mãe de Megumí, no entanto, sempre dizia que “Megumí tenía los mismos pies pequeños que su abuelo”⁷⁹ (PRADELLI, 2008, p. 60). As marcas físicas que a ligavam ao seu avô, o seu nome e sobrenome japonês e algumas referências em relação à cultura do Japão se mesclaram com a língua falada na Argentina com a cultura desse espaço em que foi inserida ainda bem pequena. Como leitora voluntária, quando tinha a chance de escolher o que lia para seus ouvintes, Megumí selecionava “capítulos de *Don Quijote*. *El río de las congojas* de Libertad Demitrópulos, varios cuentos de Chéjov, de Cortázar y de Quiroga. Seleccionó fragmentos de distintas novelas de Gabriel García Márquez y unas cuantas poesías de Diana Bellessi”⁸⁰

⁷⁶ “antes de partir para a guerra, Shoichi pediu aos seus sogros que viajassem para a América com sua esposa que estava grávida de cinco meses” (PRADELLI, 2008, p. 59).

⁷⁷ “quis cumplir su promesa de não se entregar ao inimigo, então durante todos esses anos havia permanecido na selva acreditando que o Japão continuava na guerra” (PRADELLI, 2008, p. 60).

⁷⁸ “morreu na Argentina três anos antes de que ele aparecesse” (PRADELLI, 2008, p. 60).

⁷⁹ “Megumí tinha os mesmos pés pequenos que seu avô” (PRADELLI, 2008, p. 60).

⁸⁰ “seleção de capítulos de *Don Quijote*. *El río de las congojas* de Libertad Demitrópulos, vários contos de Chéjov, de Cortázar y de Quiroga. Seleccionou fragmentos de distintos romances de Gabriel García Márquez e diversas poesias de Diana Bellessi” (PRADELLI, 2008, p. 122).

(PRADELLI, 2008, p. 122). Contudo, a jovem também mostrava as marcas que carregava do Japão ao reunir obras da literatura japonesa para as leituras que realizava: “El día anterior Megumí le había leído algunas poesias de autores japoneses y un puñado de poemas de Joaquín Giannuzzi”⁸¹ (PRADELLI, 2008, p. 122). Megumí se adaptou à cultura, à língua e à literatura argentina, mantendo a herança cultural transmitida por sua mãe porque sua identidade é “o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’ (e não a uma ‘casa’ particular)” (HALL, 2006, p. 89). Todos os anos vivendo na Argentina, sem nenhum regresso ao seu local de nascimento, não impediram as marcas do Japão em sua identidade, já que Megumí se reconhece como japonesa.

Outra passageira da *Kombi*, América Lévano, também havia vivido o contato com outra cultura, já que nasceu no Peru e há quinze anos decidiu morar na Argentina com sua filha Sonia. Apesar de saber que seria ainda mais difícil viajar com Sonia, América não tinha escolha, não tinha com quem deixar a menina. Chegando à Argentina

las dos fueron a parar a una pensión de mujeres en la que casi todas eran peruanas y bolivianas. Ahí le consiguieron un trabajo en un taller textil. Le pagaban trescientos pesos por quince horas de trabajo y le daban media hora de descanso al mediodía para ir al baño y comer algo.⁸² (PRADELLI, 2008, p. 92)

Assim, enquanto a mãe trabalhava, Sonia ficava o dia inteiro na pensão, dormindo até o meio-dia e, à tarde, ficava entre os quartos das peruanas. O trabalho na indústria têxtil não durou mais que três meses “porque en seguida consiguió trabajo en la casa de los Namubiejszuck. El sueldo no era muy alto, pero tenía casa y comida para las dos”⁸³ (PRADELLI, 2008, p. 92). A senhora Namubiejszuck presenteava Sonia com roupas e no aniversário da menina, sempre preparava um bolo e a presenteava com uma boneca. No aniversário de nove anos de Sonia, América surpreendeu sua patroa ao avisar que iria se casar com Mario, um homem que ela havia conhecido num domingo, o dia da sua folga. América voltava muitas vezes à pensão para visitar suas amigas, mas não gostava de “estar todo el domingo metida ahí dentro con Sonia. Eran piezas chicas y sin luz y en cada cuarto dormían siete, ocho y a veces hasta diez

⁸¹ "No dia anterior Megumí havia lido para ele algumas poesias de autores japoneses e um punhado de poemas de Joaquín Giannuzzi" (PRADELLI, 2008, p. 122).

⁸²"as duas foram parar em uma pensão de mulheres na qual quase todas eram peruanas e bolivianas. Ali conseguiram um trabalho para ela em uma confecção. Pagavam a ela trezentos pesos por quinze horas de trabalho e a davam meia hora de descanso ao meio-dia para ir ao banheiro e comer alguma coisa" (PRADELLI, 2008, p. 92).

⁸³"porque em seguida conseguiu um trabalho na casa dos Namubiejszuck. O salário não era muito alto, mas tinha casa e comida para as duas" (PRADELLI, 2008, p. 92).

mujeres”⁸⁴ (PRADELLI, 2008, p. 93), por isso, ia com a filha a alguma praça para passar a tarde.

Morando na Argentina, América escolhia estar perto do que lhe era familiar, de outras mulheres que, como ela, também eram imigrantes e tentavam a vida em outro país, ainda que exercendo trabalhos, em sua maioria, braçais. América se casou e passou a viver com Sonia e seu companheiro em uma casa herdada por ele. A personagem preparava *chawfaw* aos domingos, um prato típico peruano e, assim, mostrava a presença da sua cultura de partida também no ambiente que considerava familiar. Entretanto, apesar de ter que trabalhar mais limpando outras casas em Buenos Aires, América não imaginava que alguns meses depois ela seria enviada para a prisão. A mudança de comportamento de Sonia na escola resultou como um sinal de que algo estava acontecendo com a menina. Em uma noite de sábado, América escutou da sua filha que durante as noites Mario tirava toda a roupa e se deitava ao lado dela para tocá-la. Nessa mesma noite, a peruana esperou que Mario se deitasse para dormir e com uma faca grande que pegou na cozinha, “alzó la cuchilla y la clavó con fuerza en el pecho de Mario”⁸⁵ (PRADELLI, 2008, p. 100).

Nenhum dos passageiros da *Kombi* sabia que América já havia estado presa durante quase dois anos por ter matado seu marido. Apesar de ser gentil com todos, a peruana se mantinha calada durante toda a viagem, concentrada nas peças de tricô que ia fazendo. Diferente dela, Josef Wroblewski, o polonês, era um senhor que gostava de falar e manter muitos aspectos de seu passado no presente: “Al polaco Wroblewski le gustaba conversar, y hablar del pasado”⁸⁶ (PRADELLI, 2008, p. 130). Na narrativa evidencia-se os efeitos do contato com a cultura de chegada na subjetividade do personagem, já que durante o percurso até Buenos Aires, Josef contava histórias sobre a guerra na Polônia e sobre sua vivência no país com seu irmão. O deslocamento linguístico, promovido pelo contato entre culturas, era um ponto visível para todos quando começava a contar suas histórias, considerando as dificuldades encontradas para entender o que ele dizia “porque empezaba contándolas en un español mezclado con algo de polaco que lo hacía sonar seco. A medida que avanza en la historia, pasaba del español al polaco sin darse cuenta y ya no podía volver al español”⁸⁷ (PRADELLI, 2008, p. 131).

⁸⁴“estar todo o domingo metida ali dentro com a Sonia. Eram quartos pequenos e sem luz e em cada quarto dormiam sete, oito e as vezes até dez mulheres” (PRADELLI, 2008, p. 93)

⁸⁵“levantou a faca e a cravou com força no peito de Mario” (PRADELLI, 2008, p. 100).

⁸⁶“O polonês Wroblewski gostava de conversar, e falar do passado” (PRADELLI, 2008, p. 130).

⁸⁷“porque começava contando em um espanhol misturado com alguma coisa de polonês que o fazia soar seco. A medida que avançava na história, passava do espanhol ao polonês sem se dar conta e já não conseguia voltar ao espanhol” (PRADELLI, 2008, p. 131).

Josef saiu da Polônia como um exilado, fugindo de uma guerra e buscando simplesmente sobrevivência em outro país. Sua permanência nesse novo território se resumia unicamente ao objetivo de encontrar seu irmão e voltar com ele para o seu país de nascimento. Ainda que de forma não intencional, “el polaco” viveu deslocamentos de natureza diversa na Argentina, evidenciando-se o deslocamento linguístico e o fato de misturar a língua da sua cultura de partida com a língua da cultura de chegada:

Josef cantaba por lo bajo el himno de las brigadas internacionales que habían participado en la Guerra Civil Española. Cuando le preguntaban si habían estado en la guerra él contestaba que no, que lo había aprendido acá en la Argentina en honor a su padre que en octubre del treinta y seis se unió a las filas del tercer batallón de la Brigada XI. Que el batallón se llamaba ‘Dabrowski’ y estaba formado por polacos, húngaros, yugoslavos y dos paraguayos, que luego fueron trasladados a las Brigadas XII, XIII. Los que lo escuchaban, sólo entendían hasta ahí, después era imposible saber de qué hablaba porque Josef seguía contando la historia en polaco.⁸⁸ (PRADELLI, 2008, p. 185)

Esses eram os efeitos mínimos de estar em contato com uma nova cultura. As raízes e o elo que Josef mantinha com a cultura de partida sempre estiveram presentes, formando uma mescla com a cultura de chegada que, ao final, revelava o principal desejo do personagem: por fim encontrar seu irmão com a intenção de regressar com ele para a Polônia.

Outros personagens de *Combi* (2008) também viveram a experiência de contato com outros países como Bruno, o jovem antropólogo que já havia viajado para vários países a trabalho. Também Ivo Corley, o diretor de cinema pornográfico, que fez uma viagem transnacional quando viveu um exílio no México. Ambos personagens, viveram em outros países com o desejo de voltar para a Argentina. Entretanto, dentro da própria nação, os indivíduos que a constituem também podem viver o encontro com os diversos grupos que coexistem em seu interior, nesse sentido, ocorre também um contato entre identidades de grupos distintos. Em *Passageiro do fim do dia* (2010), evidencia-se o contato que ocorre entre os moradores do Tirol com o Centro e também, entre Pedro, morador do Centro e a comunidade do Tirol. Na obra, tratam-se de espaços que compõem uma mesma cidade e nação, entretanto, alguns aspectos socioculturais são capazes de distingui-los entre dois grupos culturais distintos, assim apontados pelos próprios moradores de ambos lugares.

⁸⁸“Josef cantava num tom baixo o hino das brigadas internacionais que haviam participado na Guerra Civil Espanhola. Quando o perguntavam se ele havia estado na guerra ele respondia que não, que havia aprendido aqui na Argentina em honra ao seu pai que em outubro de trinta e seis integrou o terceiro batalhão da Brigada XI. Que o batalhão se chamava ‘Dabrowski’ e estava formado por poloneses, húngaros, iugoslavos e dois paraguaios, que depois foram trasladados às Brigadas XII, XIII. Os que o escutavam, só entendiam até aí, depois era impossível saber sobre o que falava porque Josef continuava contando a história em polonês” (PRADELLI, 2008, p. 185).

A identidade de grupo do Centro é apresentada, na obra, principalmente pelo personagem Pedro. O jovem morava no Centro com a mãe, em um apartamento próprio, já havia estudado inglês na adolescência em um curso particular, começado um curso universitário, que posteriormente abandonou, já havia trabalhado em um escritório de advocacia e possuía uma livraria em sociedade com um amigo. O espaço onde Pedro estava inserido é visto na obra como um lugar de oportunidades de trabalho e, através das ofertas de cursos profissionalizantes e universidades, um espaço de desenvolvimento acadêmico. As vivências do rapaz mostram que ele experimentou os progressos sociais que o Centro proporcionava e, em função disso, se reconhece e é reconhecido como um indivíduo que faz parte da identidade de grupo desse lugar. Entretanto, ainda dentro dos grupos em que os membros se reconhecem como semelhantes e se diferenciam de outros grupos, existe uma pluralidade de identidades, já que “nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado a priori em uma identidade unidimensional” (CUCHE, 1999, p. 192). Na narrativa de Rubens Figueiredo (2010), ainda que Rosane perceba que Pedro e Júlio pertencem ao grupo do Centro e que eles próprios, em contato com indivíduos de outros grupos, também se sentem diferentes, ela vê diferenças entre os dois.

Como Pedro, Júlio também era um morador do Centro: “onde Pedro morava e sempre havia morado, e também onde Júlio morava e lá onde trabalhava, no centro da cidade, por exemplo, não havia essas fogueiras” (FIGUEIREDO, 2010, p. 59). Era sócio de Pedro na livraria que também ficava no Centro, havia começado a faculdade na mesma turma que seu amigo, conseguindo terminá-la e trabalhava em uma próspera empresa de advocacia. Entretanto, a partir da visão de Rosane, algumas características diferenciavam Pedro de Júlio. Os dois trabalharam juntos em um escritório de advocacia e, enquanto Júlio vestia ternos diferentes a cada dia, Pedro “não tinha ternos. Por economia, só vestia roupas compradas na calçada, em feirinhas de rua e em camelôs” (FIGUEIREDO, 2010, p. 30). Esse comportamento também era reconhecido por Rosane, desde pequena a jovem sabia que tipo de bens poderia adquirir e em que tipo de lugar:

Eram sinais que Rosane logo identificava e entendia prontamente. Havia aprendido desde criança essa linguagem. Na verdade, quase tudo, tanto os objetos quanto as pessoas, se traduzia nos termos desse idioma — quem comprava o que e por quanto — e Rosane nem tentava imaginar como seria possível viver fora dele. (FIGUEIREDO, 2010, p. 30)

Esse tipo de privação revelava para Rosane a diferença socioeconômica entre os dois amigos. A mesma observação foi feita na primeira vez que Pedro a levou a um hotel para um

momento de intimidade. O estabelecimento escolhido pelo jovem era muito barato e antigo, com uma escada estreita de madeira, paredes mofadas e um ventilador que mal funcionava, “pelo jeito de Pedro, por seus olhares ao redor e por suas perguntas ao recepcionista, no térreo, Rosane percebeu que ele nunca tinha estado lá. Portanto, raciocinou ela, alguém havia sugerido o lugar, e não podia ser o Júlio — ele usaria outro tipo de hotel, mais caro” (FIGUEIREDO, 2010, p. 30).

Para Rosane, o comportamento dos dois também era um ponto de diferença entre eles: “quando entrava no escritório do Júlio para servir o café, Rosane se demorava um pouco mais, prestava atenção no que os dois conversavam. Pedro, ao contrário de Júlio, falava pouco e baixo. Em compensação olhava — olhava muito —, olhava sem parar” (FIGUEIREDO, 2010, p. 30). Apesar da diferença comportamental entre os amigos e o fato de posicionarem estratos sociais diferentes, Rosane “notou que Júlio e Pedro se tratavam como iguais — e até mais do que iguais. Isso não era comum, sobretudo em pessoas que à primeira vista traziam marcas tão diferentes e mesmo opostas” (FIGUEIREDO, 2010, p. 30). Os dois pertenciam a um grupo ao qual Rosane e os moradores do Tirol não faziam parte. Contudo, quando Pedro se inseria no espaço do Tirol, os traços identitários do grupo do Centro eram expostos e colocados em contato com a identidade dos habitantes do Tirol, evidenciando as diferenças entre os dois grupos.

Apesar de estar acostumado com o deslocamento realizado rotineiramente até o Tirol, Pedro evitava receber influências que fossem capazes de reestruturar sua identidade e sua forma de categorização do mundo a sua volta. Por isso, para ele, o Tirol era

uma questão de tempo, de dias. O Tirol para ele tinha horário certo. Pedro podia nem ir lá, na verdade, podia ficar na casa de sua mãe — onde o ar e o cheiro, onde as paredes e o chão, de casa e da rua, onde a luz da janela e tudo parecia tão diferente e assinalava — de um modo brusco e até petulante — uma segurança e uma distância em relação ao Tirol. (FIGUEIREDO, 2010, p. 96)

Pedro sentia que “o Tirol, confundido com Rosane, ou quase tomando o lugar dela, ou mesmo tomando o lugar das pessoas que, como Rosane e sua família, moravam lá” (FIGUEIREDO, 2010, p. 96) gerava uma força de atração que ele gostaria de evitar. Entretanto, “de alguma parte, sem ele entender, surgia em Pedro um impulso de se agregar, de desaparecer ali: a sugestão meio brutal de que aquilo tudo era um predicado seu, um dom, e que fazia parte dele mais do que qualquer outra coisa” (FIGUEIREDO, 2010, p. 96). Havia um desejo em Pedro de preservar as marcas sociais que compõem sua identidade e, apesar das influências pelo contato entre as duas identidades de grupo, Pedro não expressava nenhum

sentimento de pertença àquele novo espaço: “como na fila, no início da viagem, Pedro sentiu também que não era um deles. Sentiu aquilo com perfeita certeza e junto veio uma sensação de alívio, mas também de remorso: a sensação de uma ponta de maldade” (FIGUEIREDO, 2010, p. 126).

Rosane também vivia o contato entre as marcas identitárias dos dois grupos quando se deslocava até o Centro para trabalhar ou fazer cursos. Essa convivência com o Centro a permitiu ser capaz de identificar uma distinção entre os membros desse grupo, diferenciando, por exemplo, Pedro de Júlio pela condição socioeconômica dos dois. Ainda assim, Rosane ainda notava as diferenças existentes entre ela e o namorado. A jovem sabia que Pedro não fazia parte da elite econômica que, talvez, Júlio fizesse, mas, em comparação com a sua posição dentro do grupo do Tirol, Pedro ainda estava em um estrato social superior ao dela e possuía marcas do Centro que eram contrastantes com as do Tirol. As interações com o grupo do Centro, cada vez mais frequentes que as relações com o grupo do Tirol, promoveram uma reestruturação da forma de categorizar os símbolos que estavam ao redor da personagem. Sendo assim, enquanto os outros moradores da comunidade saíam desse espaço apenas para trabalhar, ou até mesmo, nem saíam, Rosane queria viver o desenvolvimento profissional e socioeducativo que experimentou no Centro. As influências da identidade de grupo do Centro também geraram transformações no modo que a personagem categorizava o Outro, transformando, inclusive, sua forma de representar os próprios vizinhos, tema aprofundado no próximo capítulo.

4 “LOS QUE VAN Y VIENEN”: OS RESULTADOS DA ROTA DO DESLOCAMENTO

O homem singular por si não possui em si a essência do homem, nem enquanto ser moral, nem enquanto ser pensante. A essência do homem está contida apenas na comunidade, na unidade do homem com o homem - uma unidade que, porém, se funda apenas na realidade da distinção do eu e do tu.
Ludwig Andreas Feuerbach

No quarto e último capítulo deste trabalho, analisamos os efeitos dos deslocamentos como meios de colocar indivíduos em contato com outros espaços e outras culturas, suas formas de identificação do Outro e as possíveis reestruturações nas formas de representação de uma alteridade. Para tal análise, retomamos a noção de identidade fragmentada, do período contemporâneo, para investigar detalhadamente a relação entre identidade e diferença. Identificamos também a aparição dessas questões nos dois romances trabalhados nesta pesquisa, destacando os personagens que atuam de forma a reconhecer as alteridades.

No subcapítulo 4.1, “Imagens alteradas: muitas formas de ver o Outro”, nos centramos em apresentar um complexo teórico que servirá de ferramenta para as análises dos romances realizadas nos subcapítulos seguintes. Assim, verificamos a influência do reconhecimento de uma alteridade na construção da identidade, a noção de estrangeiridade e buscamos entender de que forma uma alteridade é categorizada e sua imagem passa a ser reconhecida. Para esse fim, nos servimos das noções de Alteridade, Imagologia e de Categorização.

No subcapítulo 4.2, “A louca, o estrangeiro e o estereótipo: a revelação do Outro em *Combi*”, abordamos as imagens de determinados personagens da narrativa cujas subjetividades abarcam diversos símbolos que atuam como marcadores da diferença em relação aos sujeitos que estão inseridos no mesmo espaço. Através do reconhecimento do Outro, destacamos também a aparição da questão do estereótipo construída na obra.

O subcapítulo 4.3, “Desfamiliarização: o Outro marginalizado em *Passageiro do fim do dia*”, constitui uma análise sobre a visão do Outro em relação ao personagem Pedro e a desfamiliarização que ocorre na personagem Rosane com referência aos moradores do Tirol. Verificamos a influência sofrida nas formas de representação desses personagens pela exposição aos espaços que apresentam identidades de grupos diferentes das que possuem.

4.1 Imagens alteradas: muitas formas de ver o Outro

O surgimento de novos meios de deslocamento como trens, aviões, automóveis, foi capaz de encurtar as distâncias e aproximar espaços e indivíduos, alterando as noções até então fixas de longe/perto e de espaço/tempo (BAUMAN, 2001). O movimento acelerado desses meios que integram os espaços urbanos facilitou as mobilidades espaciais, especialmente a centro-periferia, permitindo, assim, maior possibilidade de deslocamento; logo, “a distância que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo” (BAUMAN, 2001, p. 137).

Com essas possibilidades de mudanças, muitos indivíduos vivem a experiência do deslocamento a partir de diversos motivos, tais como os de encontrar um lugar com mais possibilidades de ascensão profissional e maior qualidade de vida, muitas vezes movidos por uma idealização em relação ao novo espaço. Em outros casos, o deslocamento ocorre pela falta de aceitação no seu território natal, porque participam de grupos sociopolíticos ou religiosos não aceitos pelo poder institucionalizado e, por tal fato, são colocados à margem socialmente ou são perseguidos. Existem, ainda, os indivíduos que se deslocam pelo simples fato de se sentirem “diferentes”, estrangeiros em seus próprios países de origem, pois não se sentem parte da comunidade em que vivem. Em função dessa inadequação, buscam em uma nova cultura a oportunidade de viverem o sentimento de pertencimento. Há também os deslocamentos forçados, provocados por perdas de terras e direitos, obrigando indivíduos e famílias a viverem a experiência do exílio, encontrando refúgio e a chance de sobrevivência em um território de refúgio.

Essas viagens podem ser realizadas tanto em um movimento transnacional, como também constantemente dentro do território nacional e possibilitam o contato entre a cultura de partida e a cultura de chegada ou entre identidades de grupos diferentes. O deslocamento espacial e essa interação entre as culturas incitam também um deslocamento interno no sujeito, sendo capaz de gerar simultaneamente deslocamentos de naturezas diversas: através do contato com outras línguas ou mesmo outros níveis da linguagem, o sujeito sofre também um deslocamento linguístico e também um deslocamento social quando inserido em uma nova cultura. Sendo assim, à medida que viaja, o viajante se reconfigura, tem a sua identidade contestada. Nesse sentido, Ianni (2000, p. 31) esclarece que:

Quem viaja, larga muita coisa na estrada. Além do que larga na partida, larga na travessia. À medida que caminha, despoja-se. Quanto mais descortina o novo, desconhecido, exótico ou surpreendente, mais liberta-se de si, do seu passado, do seu modo de ser, hábitos, vícios, convicções, certezas. Pode abrir-se cada vez mais para o desconhecido, à medida que mergulha no desconhecido. À medida que viaja, o viajante se desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa.

Estar em contato com o diferente e o novo significa produzir um diálogo entre os ideais que já se têm internalizados com o que agora lhe é proposto pela nova cultura de chegada. Segundo Kathryn Woodward (2014), dessa forma, se conhece o Outro e é a partir da diferença constatada entre as duas culturas que a identidade do sujeito sofre uma reconfiguração, expondo o caráter fluido das sociedades contemporâneas que descontroem ideias e conceitos considerados imutáveis na época anterior, a Modernidade, como o da identidade.

A reestruturação das identidades contemporâneas expostas ao fenômeno da globalização e a todos os efeitos das sociedades contemporâneas, faz parte da chamada “crise de identidade” discutida por Hall (2006), Woodward (2014) e Femenías (2013). Na contemporaneidade, os sujeitos estão sendo a todo o tempo confrontados pela diferença, visto que uma identidade é estabelecida pelo reconhecimento do Outro. Assim, o que ocorre nas sociedades contemporâneas é a mudança da percepção da identidade como única e essencialista para o reconhecimento de que um sujeito é composto de “várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p. 12-13). As diversas identidades que constituem o sujeito contemporâneo estão em constante movimento, sendo cada uma mais evidente em determinada situação, desmistificando o conceito de sujeito do Iluminismo baseado em uma ideia de identidade única e totalmente centrada.

O reconhecimento do Outro é o que faz gerar o autoconhecimento. Assim, se admite que a identidade se dá por meio do reconhecimento da alteridade, através da conscientização frente às diferenças da própria cultura e da cultura do Outro. Por tais motivos, não desvinculamos os relatos provenientes dos deslocamentos das questões identitárias, pois no encontro com o Outro, a identidade sofre um constante processo de reconfiguração. O deslocamento promove alterações identitárias nos indivíduos, ao fazer com que percebam as

inúmeras diferenças existentes entre a sua cultura e a do país de acolhimento e que suas identidades não se construirão na assimilação dessa nova cultura, mas na mescla gerada pelos contatos espaciais e multiculturais entre eles mesmos e o Outro. Logo, nas sociedades contemporâneas ocorre a mudança da percepção da identidade como única e essencialista para o reconhecimento de que um sujeito é composto de múltiplas facetas identitárias.

A representação do Outro perpassa questões sociais, políticas, ideológicas e se tornou um dos pontos que integram a base dos estudos culturais. A imagem do Outro, as valorações e os símbolos que lhe são atribuídos, seja no plano literário ou no plano social, são gerados a partir da visão de um “eu”. Na adjetivação do Outro, é construída também uma imagem do próprio enunciador. Segundo Pageaux (2011, p. 110), “toda imagem procede de uma tomada de consciência, por mínima que seja, de um Eu em relação a um Outro, de um aqui em relação a um alhures”.

A formação de uma identidade ocorre a partir de elementos como a linguagem e os diversos aspectos que permeiam a cultura e a vida cotidiana do indivíduo. Quando se trata de representação, esses elementos formadores da composição de uma identidade são utilizados para classificar o meio externo e o modo como as diferentes representações se relacionam. Dessa forma, é possível identificar aspectos que convergem e outros que contrastam, evidenciando a diferença. Nesse sentido, verifica-se o caráter principal de uma identidade: a marca da diferença. Para a sua formação/representação existe uma constatação de que tal identidade é diferente de outra, de símbolos que compõem uma identidade que ela não é ou não quer ser. Em seu texto, Woodward (2014, p. 8) traz o exemplo das identidades croatas e sérvias, quando em um primeiro momento identificamos muitas semelhanças entre os dois grupos, mas que as próprias identidades se veem como totalmente diferentes. Assim, se reconhece que a identidade sempre é construída a partir do Outro. A questão da diferença, entretanto, abarca problemas como a exclusão, a formação de uma identidade a partir do pensamento de superioridade em relação ao Outro e ao apagamento das semelhanças existentes entre as duas identidades.

Os símbolos responsáveis pela construção de uma identidade têm também uma base material já que produtos, instrumentos, objetos e todo tipo de marcas que fazem parte do uso cotidiano representam também a diferenciação entre outras identidades. Em determinadas sociedades, o fato de possuir certo bem material pode indicar uma identidade específica, por exemplo, o livro como um símbolo de que determinado indivíduo é culto ou possui uma identidade intelectual. Essas marcas apresentam ainda uma carga social em que questões

como gênero e etnia são pontos de reafirmação da identidade e como tal, também de diferenciação.

Percebe-se, então, que a representação é importante para a afirmação dos sujeitos e suas posições dentro de um espaço social e para a definição de como as imagens criadas dessas identidades serão vistas discursivamente. Os discursos e as representações auxiliam também na construção dos lugares de fala que vão em caminhos opostos ao silenciamento da voz, sobretudo, de grupos pertencentes a minorias sociais em relação a grupos privilegiados dentro de uma sociedade. Nesse sentido, é possível legitimar ideias que visam responder a questões e a problemas que envolvem esses grupos já que os próprios membros são os que têm poder para relatar, discutir e decidir.

Sendo assim, a relevância da representação está no fato de que ela é necessária em diversas questões sociais, seja formada a partir de uma diferenciação em relação ao Outro ou pela ausência dessa sensação e reconhecimento em determinado grupo. Todos os significados criados a partir de símbolos formam um sistema representativo que pode e é contestado, mutável e constante, já que está envolto em relações de poder. Os diversos sistemas simbólicos existentes permanecem em constante luta para assumir uma posição central no grande sistema cultural. Essa posição cêntrica certamente indica as identidades reconhecidas e aceitas socialmente e as identidades que assumem uma posição à margem são aquelas excluídas. O que move esses sistemas simbólicos são as relações de poder que indicam o que é mais valorizado, mais aceito, mais "correto" de acordo com normas e tradições pré-estabelecidas.

Na discussão sobre o conceito de identidade, apresentada no capítulo 3, vimos que, por muito tempo, acreditou-se em uma visão essencialista do sujeito e nos estudos culturais levantou-se a ideia de perceber a identidade como "uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares" (WOODWARD, 2014, p. 38). Tanto no meio externo, com uma sociedade formada por diversos grupos identitários, como internamente, em cada indivíduo, existe uma crise de símbolos que se chocam buscando encontrar mais espaço e se revelam em supremacia a outros em determinados cenários e contextos em que o sujeito está inserido. A diferenciação entre um eu e o Outro é um dos motores para que esse choque aconteça, já que à medida que se reconhece outro se (re)constrói o eu.

A construção das identidades está intimamente relacionada à marcação da diferença. Através de um sistema classificatório é possível realizar a dicotomia entre "nós" e "eles" ou entre "eu" e o "outro". A formação desse sistema tem a ver com o modo como

aspectos da vida cotidiana de um indivíduo ou grupo se transformam em símbolos capazes de contrastar com outros. Por exemplo, tratando de símbolos sociais, o ato de um homem se apresentar sem camisa, exibindo seus mamilos em uma praia é compreendido entre os próprios homens e entre as mulheres como uma ação corriqueira e comum, entretanto, o mesmo ato de tirar a camisa e exibir os mamilos realizado por uma mulher pode representar um ato de liberdade, de afronta ou mesmo de choque. Os sentidos criados envolvem questões de poder e por assim dizer, de machismo e, sobretudo, a marcação da diferença entre as identidades de homens e mulheres presentes no amplo polissistema cultural.

A noção de cultura como um grande sistema formado por costumes, conhecimentos, crenças, artes e outros diversos elementos que, em separado, formam cada um seu sistema próprio, é atribuída a Even-Zohar. Segundo o destaque de Martins (2001, p. 112) sobre a visão do teórico, os sistemas se caracterizam como

redes dinâmicas, estratificadas hierarquicamente em função das relações intra- e intersistêmicas dos seus elementos, e na proposta de Even-Zohar se agrupam, por sua vez, em um “sistema de sistemas” – o polissistema –, que pode ser definido como uma estrutura aberta com funcionamento interdependente, composta de várias redes simultâneas de relações.

Sendo assim, é possível encontrar dentro do polissistema cultural o sistema literário, por exemplo, formado pelo “conjunto de textos literários, semiliterários e extraliterários existentes em uma dada cultura” (MARTINS, 2011, p. 113) e que apresenta em seu interior o sistema da literatura infantil, o sistema da literatura afro-brasileira etc. Tais estratos, entretanto, não possuem uma característica estável e uma estrutura hierárquica fixa, pelo contrário, os sistemas apresentam um dinamismo constante que os fazem disputar entre si uma posição dominante. Nessa luta, os elementos buscam uma posição central que implica questões que estão fora do nível do texto, isto é, aspectos políticos, ideológicos, socioeconômicos etc. Os elementos que assumem essa posição, assim o fazem por questões de poder no polissistema e por seguirem os modelos dos cânones mais prestigiados. Destaca-se que não existe apenas uma única posição central dentro de um polissistema, dado que esse movimento ocorre dentro dos diversos sistemas existentes:

O que constitui a mudança no eixo diacrônico é a vitória de um estrato sobre outro. Neste movimento opostamente centrífugo e centrípeto, os fenômenos são arrastados do centro à periferia, enquanto, no sentido contrário, certos fenômenos podem abrir passo para o centro e ocupá-lo. Um polissistema, no entanto, não se deve pensar em termos de um centro apenas e somente uma periferia, posto que teoricamente se supõem várias dessas posições. Pode ter lugar um movimento, por exemplo, no qual certa unidade (elemento, função) transfira-se da periferia de um sistema à periferia

do sistema adjacente dentro do mesmo polissistema, e nesse caso poderá logo continuar movendo-se, ou não, até o centro do segundo. (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 6)

No que diz respeito aos elementos que não seguem os modelos canonizados, ou são textos cujos temas são descartados pelo polissistema maior da cultura, ou se são escritas realizadas por grupos historicamente excluídos, esses elementos estarão em uma posição mais periférica. Por isso, a formação dos cânones, está estreitamente relacionada às questões de poder, não diz respeito apenas ao valor intrínseco, ou seja, ao conteúdo das obras, mas também a um valor extrínseco, à recepção dessas obras pelo público. A partir da mesma estrutura, os outros sistemas que compõem o polissistema da cultura funcionam, dialogando com as contribuições dos teóricos contemporâneos destacados nos panoramas teóricos realizados por Cuche (1999) e Femenías (2013).

Ainda, tratando o exemplo da identidade da mulher e do homem destaca-se que essas representações estão em oposição e a marca do contraste está nos limites construídos a partir de símbolos. A forma como um sistema cultural classifica o entorno pode ser diferente em cada lugar do mundo, além de que apresente um caráter mutável já que os símbolos estão em constante choque e competindo entre eles para assumir um valor de significado, um sentido que seja aceito por todos os membros de determinada sociedade. Não se trata apenas de embates entre culturas nacionais diferentes, mas também diz respeito aos contatos entre identidades de grupo diferentes dentro da própria nação, entre os diferentes discursos que segregam determinados grupos e os veem com estranhamento. Woodward (2014, p. 42) argumenta que geralmente essa produção de representação por meio da diferença apresenta um caráter binário, tratando de separar apenas entre o que é aceito e o que é excluído, marginalizado, recebendo assim a condição de ser visto como o Outro, como um estrangeiro.

Em seu caráter mais tradicional, o sentido de “estrangeiro” está atrelado ao indivíduo que sofreu a experiência de deslocamento, vivendo o processo de desterritorialização ao deixar sua nação para estar em outro país e com isso, estar em contato com outra cultura e outra maneira de reconhecer o mundo. Esse sentido, entretanto, não é o único possível para tal categorização e transforma-se em novas formas de expressar a representação de um indivíduo que se diferencia em relação a um padrão esperado ou estabelecido. García Canclini (2009) nos apresenta como exemplo um novo contexto que deixa para trás o analógico em detrimento das novas tecnologias e recebe diversas novas formas de comunicação como computadores, celulares, letreiros digitais e acaba por transformar determinados indivíduos, acostumados

com padrões antigos, em estrangeiros digitais num mundo em que jovens e crianças são nativos. Do mesmo modo, essa diferenciação a partir do termo “estrangeiro” acontecerá nas relações sociais e culturais.

Com o advento da globalização, acreditava-se que as sociedades estariam em maior contato, o que diminuiria os confrontos e choques, entretanto, viu-se que, contrariamente, esse contato com outras culturas serviu para fortificar as fronteiras e acirrar conflitos de caráter econômico, como aponta García Canclini (2009). Ou seja, o maior contato entre nações serviu também para reforçar determinadas hegemonias e impedir que a diversidade avance através de políticas de repressão ao migrante que chega e expulsão dos migrantes que já estão no território nacional, quando não, permitir o mínimo de direitos sociais e trabalhistas a eles. Hall (2006) reforça esse pensamento, destacando a ligação dessa desigualdade com as relações do poder entre o Ocidente e “o resto”:

Na crítica da homogeneização cultural é a questão de se saber o que é mais afetado por ela. Uma vez que a direção do fluxo é desequilibrada, e que continuam a existir relações desiguais de poder cultural entre "o Ocidente" e "o Resto", pode parecer que a globalização __ embora seja, por definição, algo que afeta o globo inteiro – seja essencialmente um fenômeno ocidental. [...] Em um processo de desencontro cultural desigual, as populações "estrangeiras" têm sido compelidas a ser os sujeitos e os subalternos do império ocidental, ao mesmo tempo em que, de forma não menos importante, o Ocidente, vê-se face a face com a cultura "alienígena" e "exótica" de seu "Outro". (HALL, 2006, p. 19)

Ressaltamos, porém, que aos próprios nativos também são oferecidas garantias muito baixas de direitos, o que pode provocar o desejo de deslocar-se em busca de condições de vida melhores em outros países mais desenvolvidos economicamente e tornar-se também um migrante nesse novo território.

Percebe-se que no período contemporâneo, os deslocamentos, promovidos pelo desenvolvimento das facilidades de transportes, ocorrem por natureza diversa, constituindo uma das principais características desse momento. Entretanto, a noção de estrangeiro se afasta dessa ideia de vagante ou mesmo imigrante, “por ejemplo, un alemán o un francés son extranjeros em España, pero no inmigrantes”⁸⁹ (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 5). A chamada “estrangeiridade” está relacionada não apenas com questões geográficas em relação a uma nação, mas também a situações que permitem que um sujeito ou um grupo não apresente um sistema simbólico capaz de transparecer na cultura de chegada, inclusive dentro da própria nação. Na verdade, todos os símbolos que esse sujeito carrega são os fatores

⁸⁹“por exemplo, um alemão ou um francês são estrangeiros em Espanha, mas não imigrantes.” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 5). Todas as citações em língua estrangeira são traduções livres da autora desse trabalho.

denunciante da sua diferença, como a forma de falar, marcas culturais, suas roupas e aparência física, sua religião. O conceito de estrangeiro trata, assim, do Outro como o “que desafia nuestros modos de percepción y significación”⁹⁰ (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 5).

Sendo assim, as “extranjerías metafóricas”, como denomina García Canclini (2009, p.3), são todos os sentidos que o termo “estrangeiro” pode abarcar, não se tratando apenas daquele indivíduo que viveu a experiência de um deslocamento geográfico transnacional. Como visto, os muitos modos de ser estrangeiro se relacionam com um estranhamento que é gerado a partir da constatação da diferença. Por isso, tratando-se do mundo moderno e seus avanços tecnológicos, o teórico destaca a figura do estrangeiro digital. Os mais jovens seriam nativos desse mundo enquanto os mais velhos assumem o papel de estrangeiros tentando aprender uma nova forma de linguagem, ainda, os trabalhadores informais que são colocados à margem no que diz respeito aos direitos trabalhistas, porque não estão em condições legais de trabalho e nesse sentido passam a ser vistos como estrangeiros.

O chamado “estrangeiro nativo” representa o sujeito que se sente deslocado dentro da própria sociedade pelos mais diversos motivos ou por se sentir coagido pelas pressões do próprio entorno que se baseiam em um sistema simbólico pré-definido e que é intolerante ao diferente, como salienta García Canclini (2009, p. 5):

la extranjería no se muestra tanto como consecuencia de los viajes y del cambio de país, sino por desacomodar las clasificaciones convencionales de unos y otros grupos, aun en la misma sociedad. El extranjero no es sólo el que está lejos o del otro lado de la frontera.⁹¹

O estrangeiro nativo também se refere a indivíduos exilados ou que por alguma razão viveram um deslocamento, mas ao regressar a cultura natal, não se sentem pertencentes àquele espaço devido às mudanças que ocorreram enquanto eles não estavam presentes. A comunidade imaginada pelo estrangeiro nativo se desfaz quando o contato com o espaço, em sua realidade crua, acontece.

A presença do estrangeiro, segundo García Canclini (2009, p. 7), movimentam as estruturas binárias existentes na sociedade e põe em xeque sistemas classificatórios pertencentes à cultura de origem e à cultura de chegada. Com essa perspectiva, também são tratadas as associações metafóricas que representam a palavra “estrangeiro”, assim

⁹⁰“que desafia nossos modos de percepção e significação.” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 5).

⁹¹ “a estrangeiridade não se mostra tanto como consequência das viagens e da mudança de país, mas sim por desacomodar as qualificações convencionais de uns e outros grupos, ainda na mesma sociedade. O estrangeiro não é apenas o que está longe ou do outro lado da fronteira.” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 7)

Sólo tomando en serio las metáforas es posible salir del dilema maniqueo de la crítica: oscilar entre denuncias a las políticas hegemónicas de organización de los mercados y las instituciones globalizados, y, por otra parte, elaborar justificaciones teóricas para las acciones de resistencia. (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 7)⁹²

As redes constantes de comunicação impulsionadas pela globalização e o desenvolvimento dos meios de transporte constituíram o período atual como “circuitos multidireccionales” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p.7), no qual qualquer indivíduo pode assumir a posição de estrangeiro e, em uma mudança de cenário, também pode deixar de sê-lo. Nesse ponto, o diálogo com a noção de identidade apresentada por Hall (2006) é pertinente, já que o teórico define o indivíduo contemporâneo como um ser deslocado de si mesmo, formado por diversas identidades contraditórias e que estão em constante transformação: “a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e ‘fechadas’ de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação” (HALL, 2006, p. 21), isto é, as identidades estão cada vez menos fixas e unificadas.

Sob essa perspectiva, estuda-se a formação da imagem de um estrangeiro também a partir de uma ótica extratextual, analisando as escolhas realizadas pelo autor para demarcar determinado personagem como tal: “A imagem de um estrangeiro em um texto é primeiramente um conjunto de palavras, um léxico para dizer o Outro” (PAGEAUX, 2011, p. 112). Essa construção é analisada a partir da Imagologia, um método dos estudos literários utilizado para identificar a construção de imagens que, por apresentar esse objetivo, tornou-se uma das bases dos estudos culturais. Assim, para a aplicação da Imagologia na análise de determinada representação ou imagem no aspecto literário, se faz necessário levar em consideração não apenas o enredo que envolve a obra, mas também questões externas ao texto como as vivências do autor, suas direções ideológicas, a quem se espera ter como leitor, a divulgação do livro. Assim, a imagem revela também aspectos de toda uma sociedade através das representações que compõe o imaginário social⁹³ e definem o que é o Outro. Segundo Pageaux (2011, p. 110), ora os estudos das imagens estarão baseados na ideologia “e o estudo

⁹²“apenas levando a sério as metáforas é possível sair do dilema maniqueísta da crítica: oscilar entre denúncias às políticas hegemônicas de organização dos mercados e as instituições globalizadas, e, por outra parte, elaborar justificações teóricas para as ações de resistência.” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 7).

⁹³ Conforme o conceito de Imaginário social desenvolvido por Bronislaw Baczko, que entende imaginário social como “pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer colectividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora os seus próprios objectivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom comportamento’, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do ‘chefe’, o ‘bom súbdito’, o ‘guerreiro corajoso’, etc.” (BACZKO, 1985. p.309).

da imagem virá em contribuição àquilo que podemos continuar chamando de história das ideias”, ora serão direcionados pela poética “principalmente quando for o caso de estudar a prática e a forma literária de um escritor ou conjunto de textos” (PAGEAUX, 2011, p. 110).

Através da descrição e representação do Outro, revela-se um “eu” e, assim, também se expõe o modo como a imagem criada parte de uma realidade a respeito do que é diferente para aquele indivíduo ou grupo que a formulou. Aspectos como ideologias e símbolos culturais são responsáveis por criar o imaginário social de determinada sociedade, revelando o modo como ela se vê e como vê o estrangeiro, por isso “a imagem do estrangeiro pode igualmente dizer certas coisas sobre a cultura de origem (observante). Toda alteridade revela uma identidade – ou vice-versa” (PAGEAUX, p. 111). Assim como o ato de falar representa uma posição de enunciação, experiências e opiniões do enunciador; a imagem, como a língua, também representa ideologias para além do que apenas está apresentado em um primeiro plano.

A partir de uma visão intratextual, é possível verificar os artifícios que formam a criação da imagem do Outro, analisando as valorações atribuídas em forma de adjetivações, campos lexicais, a decisão por uma palavra e não outra e, de maneira geral, investigar as escolhas realizadas para sustentar essa imagem. Em seguida, a análise ocorre em um novo nível, “da palavra passamos a unidades mais abrangentes, a sequências narrativas. A imagem em um texto é um conjunto de relações hierarquizadas” (PAGEAUX, 2011, p. 113). Esses processos se desenvolvem a partir dos seguintes pontos destacados pelo teórico: a) a questão do tempo em que esse Outro está inserido e sua relação com sentimentos positivos (representação eufórica) e com as emoções negativas (representação disfórica); b) as ligações que envolvem os personagens, verificando através da linguagem e dos símbolos usados, se estão formadas por oposições, como “entre personagem masculino versus feminino, entre civilização versus barbárie ou primitivo, entre adulto (personagem visto como adulto) versus personagem infantilizado (visto como uma criança grande), entre homem versus animal (o Outro é animalizado)” (PAGEAUX, 2011, p. 112); c) a chamada “cultura do Outro”, toda a ideia que permeia a representação do Outro em uma sociedade ou grupo, todas as afirmações ou silenciamentos a respeito dos símbolos que compõem essa identidade do sujeito diferente.

Dessa forma, a Imagologia se apresenta com o objetivo de analisar os textos e as imagens divulgadas a partir da palavra, isto é, a primeira maneira de se configurar uma imagem. Através do texto, identificar campos semânticos e conjuntos lexicais; a relação hierarquizada, os diferentes níveis do desenvolvimento poético; e dando atenção ao cenário, às caracterizações que fazem um texto ser da maneira que é e “até certo ponto programado”

(PAGEAUX, 2011, p. 113). Assim, o texto torna-se um grande processo que expõe vários discursos e “[...] escolhas [que] dependem amplamente do contexto histórico, social, cultural, político – e teremos razão, se reconhecermos que é a partir desses dados que o texto é escrito, e não por causa deles” (PAGEAUX, 2011, p. 113). Como produto final desses processos de formação da imagem, é possível reconhecer os modos de representação do estrangeiro, no sentido apresentado por García Canclini (2009), daquele indivíduo que se apresenta como marcador da diferença.

Considerando assim tais características da Imagologia como um sistema das formas de representação do Outro, se realiza um recorte das duas obras objeto do presente trabalho, tratando especificamente de determinados personagens que no interior da narrativa são vistos como o Outro ou simplesmente apresentam o sentimento de “estrangeiridade” ainda que habitando 7ª mesma nação. Destacamos, então, na obra *Combi* (2008), os personagens que têm suas vidas marcadas pelos deslocamentos geográficos, sobretudo em um movimento transnacional como é o caso da jovem japonesa Megumí, que vive na Argentina, da peruana América Lévano, de Pina Levy, que migrou para Israel e o polônes Jose W., sujeitos que levam dentro de si a marca de uma pátria natal, de uma cultura originária. Na narrativa, tais personagens são analisados de modo a verificar sua vivência em um novo espaço e uma nova cultura. Busca-se, então, verificar se são identificados como sujeitos traduzidos, isto é, aqueles que “pertencem a dois mundos ao mesmo tempo, ‘tendo sido transportados através do mundo..., são homens traduzidos’ (RUSHDIE, 1991); se são o produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais” (HALL, 2006, p. 22), ou ainda como estrangeiros.

Na obra *Passageiro do fim do dia* (2010) analisam-se as experiências de Rosane, personagem feminina, moradora do Tirol, e o modo como ela e os moradores da comunidade são vistos a partir de uma perspectiva centralizada e, ainda, a desfamiliarização que Rosane passa a sentir em relação aos moradores da comunidade. Examina-se a visão que ela tem deles como Outros e em determinadas mudanças de contexto, a percepção deles mesmos. Se faz necessário, portanto, examinar os discursos que geram os modos de categorizar a referenciação em relação aos moradores do Tirol, fortemente conectados ao seu espaço de morada, analisando como eles são vistos. Em seguida, investiga-se nova maneira como Rosane os vê após viver a experiência do deslocamento e o contato com outros espaços e outras culturas. Considerando que as categorizações apresentam um caráter flexível e que as descrições sobre a realidade não são completas, é aceitável que as categorizações dependam de um contexto (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 40). A questão não é encontrar um modo “correto” de referenciação, mas sim, entender como elas são construídas.

4.2 A louca, o estrangeiro e o estereótipo: a revelação do Outro em *Combi*

O primeiro personagem apresentado na narrativa da escritora argentina, Ángela Pradelli, é Esteban, o motorista da Kombi. Pai de Tomás e companheiro de Marisa, o personagem apresenta particularidades que serão bem diferentes das apresentadas pelos 15 passageiros que o esperam em determinado ponto do itinerário da Kombi. Desde o início da narrativa, Esteban relata sua dificuldade em memorizar os nomes dos filmes que vê. As duas atividades que mais lhe davam prazer na vida eram: “manejar transportando gente y mirar películas”⁹⁴ (PRADELLI, 2008, p. 17) e apesar de lembrar dos enredos, dos atores e de detalhes das cenas, não era capaz de lembrar os títulos desses filmes. Naquela manhã, o motorista levava consigo a inquietude de recordar qual seria o nome do filme a ser exibido naquela noite e que ele já havia visto outras vezes.

Antes de entrar na Kombi e começar a sua jornada de trabalho, Esteban encontrou a resposta para sua questão ao abrir o jornal e ler a programação televisiva do dia: “Revisó el suplemento de espectáculos. ‘Desde ahora y para siempre’, 23 horas. Había visto ya dos veces esa película”⁹⁵ (PRADELLI, 2008, p. 33). Assim foi o fim da inquietude desse personagem que, na narrativa, representa o padrão de cidadão comum, homem heterossexual, casado, com um filho e um trabalho comum. Os indivíduos que vão entrando na Kombi ao longo do percurso, entretanto, revelam diversas marcas de diferença em relação à imagem de Esteban, por exemplo, sendo muitas vezes recriminados por ele mentalmente. Também se verifica uma demarcação da alteridade realizada pelos próprios passageiros, sobretudo àqueles que decidem romper a essência da civilidade.

A primeira passageira Pina Levy se dedicava a fazer espetáculos de mágica, tendo vivido, inclusive, em Israel, oferecendo seus serviços em eventos com a ajuda de sua irmã que morava nesse país, com a tradução da apresentação. Na Kombi, perante o desdém de outro passageiro a respeito do seu trabalho, Pina se posicionou e defendeu a mágica como uma arte:

– La magia es un arte – dijo Pina –, es ejercer un encantamiento sobre los otros y convencerlos de que las leyes naturales se suspendieron por un momento. Devant

⁹⁴ “dirigir transportando pessoas e assistir filmes.” (PRADELLI, 2008, p. 17)

⁹⁵ “Revisou a programação. ‘Desde ahora y para siempre’, 23 horas. Já havia visto esse filme duas vezes.” (PRADELLI, 2008, p. 33)

dice que un mago es alguien que puede atrapar la atención de la audiencia contándole cuentos imposibles, convenciéndola de que esas historias son verdad.
 – ¿La magia es un arte, Pina? – dijo Nino –. Por favor.[...] Cualquiera que aprenda varios trucos de un manual para magos sabe hacer magia. ¿O no?
 – Aprender los mecanismos del truco es muy importante, pero no es todo – dijo Pina –. El truco puede ser muy efectivo, y puede estar bien presentado. Pero los mecanismos y la destreza manual no hacen la magia. Es la actuación de los magos lo que hace que la audiencia los acepte. Un mago tiene que lograr que los efectos se vean como magia. No importa cómo consigue esa ilusión, pero tiene que tener cuidado de que su magia no sea sólo habilidad manual.⁹⁶ (PRADELLI, 2008, p. 116)

Com tal atitude, a personagem era capaz de reposicionar seu ofício de mágica na categoria de “trabalho”: “muchos se reían de la magia y ella no tenía ganas de aguantar a estos pesados”⁹⁷ (PRADELLI, 2008, p.114). Pina defendia seu trabalho como uma atividade digna de se empenhar, já que, nesse sentido, o comentário de Nino tentava desprezá-la.

Em contrapartida, Nino Corley tinha uma ocupação bastante convencional, trabalhava há vinte anos em uma sapataria e “lo que más queria era jubilarse para poder quedarse em su casa y no volver a pisar Buenos Aires nunca más”⁹⁸(PRADELLI, 2008, p.108). Enquanto passageiro da Kombi, a todo o momento rompia a ideia de essência de civilidade fazendo comentários, se queixando e sendo conhecido por todos pelo seu mau humor: “Todos empezaban a ponerse un poco molestos pero no solo por los comentarios de Nino Corley sino también por los minutos que llevaban ahí parados”⁹⁹ (PRADELLI, 2008, p. 111). Em vista disso, a marcação da diferença se apresenta sempre em relação a um contraponto convencional e aquilo que foge às categorizações que o formam. O comentário de Nino em relação à profissão de Pina estava baseado na sua carreira profissional, em sua profissão tradicional e em seus vinte anos de trabalho em uma sapataria.

Ainda, a partir do modo como Nino Corley se enxergava, tudo o que ele não era ou não queria ser era visto como menor. Leyla Miguens, uma passageira “alegre que siempre

⁹⁶“A mágica é uma arte– disse Pina–, é exercer um feitiço sobre os outros e convencê-los de que as leis naturais foram suspensas por um momento. Devant diz que um mágico é alguém que pode dominar a atenção da plateia contando contos impossíveis, convencendo de que essas histórias são de verdade.

–A mágica é uma arte, Pina?–disse Nino–. Por favor. [...] Qualquer pessoa que aprenda vários truques de um manual para mágicos sabe fazer mágica. Ou não?

– Aprender os mecanismos do truque é muito importante, mas não é tudo–disse Pina–. O truque pode ser muito eficaz, e pode ser bem apresentado. Mas os mecanismos e a destreza manual não fazem a mágica. É a atuação dos mágicos o que faz com que a plateia os aceite. Um mágico tem que conseguir que os efeitos se vejam como mágica. Não importa como ele consegue essa ilusão, mas tem que ter cuidado para que sua mágica não seja só habilidade manual.” (PRADELLI, 2008, p. 116)

⁹⁷“muitos riam da mágica e ela não tinha vontade de aguentar esses chatos.” (PRADELLI, 2008, p.114)

⁹⁸ “o que mais queria era se aposentar para poder ficar em casa e não voltar a pisar em Buenos Aires nunca mais.” (PRADELLI, 2008, p.108)

⁹⁹ “Todos começavam a ficar um pouco incomodados não só pelos comentários de Nino Corley, mas também pelos minutos que levavam parados ali.” (PRADELLI, 2008, p. 111)

usaba ropa de colores fuertes”¹⁰⁰(PRADELLI, 2008, p.105) e escrevia a sessão de horóscopo para uma revista, também teve a sua ocupação categorizada por Nino como “estúpida” ainda que ele não tenha nem ao menos lido seus escritos:

– El tiempo no es nada más que una ilusión – dijo Leyla.

Nino la miró con desprecio. Hacia pocas semanas que Leyla, pensando en Nino, había publicado una receta casera antiestrés. [...]

Nino nunca había leído las notas de Leyla, pero aun así estaba seguro de que esas notas que escribía serían tan estúpidas como las cosas que solía decir en el viaje.¹⁰¹(PRADELLI, 2008, p. 111)

A cada novo passageiro que subia na Kombi, Leyla perguntava qual era seu signo, anotava em seu livro e dava uma previsão para a pessoa sobre sua vida. Os passageiros, em maioria, aceitavam de forma cordial os prognósticos de Leyla, entretanto, Dorina apesar de não ter sido abordada, já expressava sua visão em relação à Leyla ao escutá-la, atribuindo-lhe a imagem de “louca” por perguntar sobre o signo de outro passageiro: “Dorina se preguntó quién era esa loca que preguntaba por los signos y redactaba horóscopos truchos. Ojála no le preguntara a ella porque no tenía ganas de hablar con nadie”¹⁰²(PRADELLI, 2008, p. 226).

Ainda na marcação binária da diferença através de uma particularidade do Outro, vista negativamente, Nino destaca uma característica de Megumí, personagem nascida no Japão e marcada por contatos com outra cultura: “Nino siempre se distraía mirando sus pies pequeños. [...] Muchos pies habían desfilado durante todos estos años trabajando en la zapatería, pero nunca había visto unos pies tan, tan pequeños como los de Megumí”¹⁰³(PRADELLI, 2008, p. 114). Outro personagem também destacou o tamanho dos pés de Megumí quando ela estava em sua atividade de leitura voluntária, no asilo. Assim que a jovem japonesa se sentou para ler aos idosos que estavam naquele lugar, Gregorio atentou para os seus pés e interrompendo a leitura de Megumí, perguntou quanto ela calçava: “le preguntó interrumpiéndola en la

¹⁰⁰ “alegre que sempre usava roupas de cores fortes.” (PRADELLI, 2008, p.105)

¹⁰¹– O tempo não é nada mais que uma ilusão - disse Leyla.

Nino olhou para ela com desprezo. Fazia poucas semanas que Leyla, pensando em Nino, havia publicado uma receita caseira antiestresse. [...]

Nino nunca tinha lido as notas de Leyla, mas ainda assim tinha certeza de que essas que ela escrevia seriam tão estúpidas quanto as coisas que ela costumava dizer na viagem.” (PRADELLI,2008, p. 111)

¹⁰² “Dorina se perguntou quem era essa louca que perguntava os signos e escrevia horóscopos falsos. Esperava que não perguntasse a ela porque não tinha vontade de falar com ninguém.” (PRADELLI,2008, p. 226)

¹⁰³ “Nino sempre se distraía olhando seus pés pequenos. [...] Durante todos estes anos trabalhando na sapataria muitos pés já haviam desfilado, mas nunca havia visto uns pés tão, tão pequenos como os de Megumí.” (PRADELLI,2008, p. 114)

lectura, y todos los viejos miraron los pies pequeños que esa mañana ella tenía enfundados em unas chatitas negras”¹⁰⁴ (PRADELLI, 2008, p. 122).

Gregorio, um senhor de menos de sessenta anos, havia se dedicado durante muitos anos a dar aula de história e sociologia na universidade e foi internado no asilo por receber o diagnóstico de Alzheimer. Olhando para Megumí, o senhor se fixou nos pés dela e ainda que não conseguisse recordar o porquê, identificava a jovem como uma mulher chinesa (PRADELLI, 2008, p. 122): “– Tienes los pies de las mujeres chinas –dijo Gregorio–. ¿Usted es china? –Japonesa– dijo Megumí. – Pero tienes pies chinos –dijo Gregorio”¹⁰⁵. Gregorio fazia essa relação porque no passado ele já havia dado muitas aulas explicando como as mães chinesas atavam suas filhas, deixando seus pés em formato de meia lua para impedir que eles crescessem mais que sete centímetros. Entretanto, apoiado no estereótipo existente ao redor da mulher chinesa, Gregorio afirmava o que não era real, já que Megumí era japonesa: “son chinos esos piecitos, volvió a pensar Gregorio ya en el comedor mientras miraba a Megumí que había retomado a la lectura”¹⁰⁶ (PRADELLI, 2008, p. 128).

A criação dessa forma de categorizar a personagem, provavelmente também estava relacionada a outras características da jovem sobre seu aspecto físico, seu nome e suas marcas da cultura oriental. A categorização realizada pelo professor aposentado a Megumí como uma mulher chinesa, ainda que ela não o fosse, parte da ideia do estereótipo. Esse conceito é instituído a partir de uma imagem criada sobre uma alteridade e que é aceita por determinado número de indivíduos. Por meio do estereótipo, verifica-se uma forma de reconhecer um todo a partir de uma única imagem, ele é “uma única forma, um único sentido. O conjunto de imagens criadas referem-se não ao signo, mas ao sinal – e como tal funciona” (PAGEAUX, 2011, p. 111). Imediatamente formamos imagens sobre os pensamentos, definições e aparências aos diversos estereótipos que estão presentes na sociedade e fazendo-o se estabelece, mais uma vez, uma relação hierárquica entre o Outro e eu. Assim, o estereótipo é apresentado já se contrapondo, e demonstrando um caráter de oposição em relação ao eu. Segundo Bhabha (1998), o estereótipo se trata da mera redução de determinado indivíduo ou objeto a uma falsa representação:

¹⁰⁴ “a perguntou interrompendo sua leitura, e todos os velhos olharam para os pés pequenos que nessa manhã estavam metidos em umas sapatilhas pretas.” (PRADELLI, 2008, p. 122)

¹⁰⁵ “– Seus pés são como os das mulheres chinesas –disse Gregorio-. Você é chinesa? – Japonesa– disse Megumí. –Mas tem pés chineses. –disse Gregorio.” (PRADELLI, 2008, p. 122)

¹⁰⁶ “esses pezinhos são chineses, voltou a pensar Gregorio já no refeitório enquanto olhava para Megumí que havia retomada a leitura.” (PRADELLI, 2008, p. 128)

o estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação, que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 1998, p. 117)

Em relação ao personagem Josef, a questão do estereótipo não é destacada, entretanto, os símbolos culturais da Polônia, seu país natal, atuam constantemente como marcadores da diferença enquanto ele permanece na Argentina. Já em seu nome, Josef carregava aspectos da cultura polaca que eram muitas vezes apagados pelos argentinos: “Se llamaba Josef Wroblewski, pero cuando hacía los listados de pasajeros, Carolina escribía sólo W para abreviar. Además, a Josef, casi todos los choferes le decían ‘el polaco’”¹⁰⁷ (PRADELLI, 2008, p. 130). Também ao participar de um programa de televisão com a esperança de encontrar seu irmão perdido, Josef era tratado como “abuelo” ou “abuelito”. Na kombi, a diferença era marcada sempre que Josef começava a contar histórias sobre o seu passado, de quando vivia na Polônia com seus irmãos e seus pais, pois começava narrando os acontecimentos em espanhol com interferências também da sua língua materna, o polonês. Porém, não se dava conta quando passava integralmente para o polonês, gerando incompreensão por parte dos outros passageiros que o escutavam, sobretudo, porque também se emocionava e começava a chorar: “Terminaba siempre contando en polaco y llorando y nadie entendía lo que decía”¹⁰⁸ (PRADELLI, 2008, p. 131).

Josef era visto como o Outro porque sua língua, suas memórias e seu nome denunciavam marcas de outra cultura, além disso, o próprio personagem não revela nenhum aspecto de pertencimento à cultura de chegada. A narrativa mostra o apego de Josef ao passado, a relembrar momentos com a sua família, sua experiência na guerra como um soldado polonês: “Al polaco Wroblewski le gustaba conversar, y hablar del pasado. [...] Las historias que más le gustaba contar Josef eran las de Polonia, de la guerra, del hermano y de todas las veces que creyó encontrarlo”¹⁰⁹ (PRADELLI, 2008, p. 131). Sua vida na Argentina não estava baseada em encontrar um lugar de pertencimento, mas se resumia em achar o seu irmão perdido e voltar para a Polônia com ele: “Siempre creyó que lo encontraría y que regresarían juntos a su país. No deseaba otra cosa: volver con su hermano a Polonia y visitar

¹⁰⁷ “Se chamava Josef Wroblewski, mas quando fazia a lista de passageiro, Carolina escrevia apenas W para abreviar. Além do mais, Josef, para quase todos os choferes era 'o polaco.'” (PRADELLI, 2008, p. 130)

¹⁰⁸ “Terminava sempre contando em polonês e chorando e ninguém entendia o que ele falava.” (PRADELLI, 2008, p. 131)

¹⁰⁹ “O polonês Wroblewski gostava de conversar, e falar do passado. [...] As histórias que Josef mais gostava de contar eram as da Polônia, da guerra, do irmão e de todas as vezes que acreditou encontrá-lo.” (PRADELLI, 2008, p. 131)

juntos la tumba de sus padres. Y morir los dos allá”¹¹⁰(PRADELLI, 2008, p. 131). A nostalgia sempre esteve presente no discurso de Josef, marcando sua característica de exilado.

Todo sujeito que vive a experiência do deslocamento “procura algo de si, do que tem sido, era, foi” (IANNI, 2000, p. 31), contudo, o sujeito exilado permanece atado às memórias e ao desejo de regressar a sua terra natal: “o que é verdade para todo exílio não é a perda da pátria e do amor à pátria, mas a perda é inerente à própria existência de ambos” (SAID, 2003, p. 59). Embora esteja, a todo tempo, sofrendo influências do novo espaço no qual está inserido, não existe um desejo de diálogo com a cultura desse lugar. Nesse sentido, para Josef, estar naquela cultura era um mero momento de passagem, uma vivência motivada por questões que o pressionavam a estar ali, mas seu maior desejo era retornar ao seu lugar de pertencimento: “a pesar de que se había pasado la vida buscando [a su hermano] nunca más volvieron a cruzarse. Pero él todavía creía que iba a encontrarlo. Por eso iba una vez por semana a Buenos Aires, para buscarlo”¹¹¹ (PRADELLI, 2008, p. 130).

O personagem de Nino seguia demarcando as diferenças em relação aos passageiros da Kombi de modo a menosprezar tudo o que lhe parecia diferente, tonto e inútil: “Nino esperó la nota con los brazos cruzados sobre el vientre. Ya no le importó ni los pies pequeños de Megumí, ni la pedantería de Bruno, ni las respuestas estúpidas de Leyla”¹¹² (PRADELLI, 2008, p. 182). Na narrativa, os outros motoristas da agência também atuavam como marcadores da diferença. A través de brincadeiras e deboches os choferes categorizavam determinados passageiros: “Al lado de Nino, Ivo seguía por teléfono. El director, le decían a Ivo en la agencia. A veces, cuando los choferes hacían bromas en la agencia, decían que Ivo podría filmar una película con Olga bañando a todos los choferes de la agencia”¹¹³ (PRADELLI, 2008, p. 274). A menção a Ivo Mayer deve-se ao fato de que ele era um diretor de cinema pornográfico, sendo alvo de escárnio e menosprezo também pela parte de Nino Corley (PRADELLI, 2008, p. 277):

–El dueño de la zapatería me va a descontar estas horas – dijo Nino.
–Peor estoy yo – dijo Ivo.

¹¹⁰ “Sempre acreditou que o encontraria e que voltariam juntos para o seu país. Não desejava outra coisa: voltar com seu irmão para a Polônia e visitarem juntos o túmulo dos seus pais. E os dois morrerem lá.” (PRADELLI, 2008, p. 131)

¹¹¹ “apesar de que havia passado a vida buscando [seu irmão] nunca mais voltaram a se encontrar. Mas ele ainda acreditava que ia encontrá-lo. Por isso ia uma vez por semana a Buenos Aires para procurá-lo.” (PRADELLI, 2008, p. 130)

¹¹² “Nino esperou a nota com os braços cruzados sobre a barriga. Já não o importou nem os pés pequenos de Megumí, nem o pedantismo de Bruno, nem as respostas estúpidas de Leyla.” (PRADELLI, 2008, p. 182)

¹¹³ “Ao lado de Nino, Ivo seguia por telefone. O diretor, assim chamavam Ivo na agência. Às vezes, quando os choferes faziam brincadeiras na agência, diziam que Ivo podia filmar um filme com a Olga dando banho em todos os motoristas da agência.” (PRADELLI, 2008, p. 274)

- ¿Peor por qué? – preguntó Nino.
 -¿Cómo por qué? ¿Qué es más importante, una zapatería o el cine?
 -¿Cine? – preguntó Nino Corley – ¿Eso qué hace usted es cine?¹¹⁴

No mesmo sentido, o ofício desempenhado por Olga também era motivo de estranhamento para os Outros, já que ela dedicava a banhar pessoas a domicílio: “enfermos, viejos, postrados. Sus clientes siempre olían mal, y fuerte”¹¹⁵ (PRADELLI, 2008, p. 129). Apesar de ser possível identificar a zombaria e o menosprezo por parte dos motoristas, a profissão de Olga era destacada também por pessoas que apresentavam vínculos afetivos, porém sem uma carga de desprezo: “Tal vez tuviera razón su hermana de Entre Ríos cuando le decía bajo la frescura de la parra que ella no tenía un trabajo como cualquiera”¹¹⁶ (PRADELLI, 2008, p. 219). No seu ofício, Olga estava todo o tempo em contato com a diferença, com corpos diferentes e destacava um cliente em específico, Dukan Parodi, que apresentava um contraste ainda maior em comparação aos seus outros clientes:

No le contaría [a su hermana], por ejemplo, las diferencias que existían entre Dukan Parodi y el resto de sus clientes. Y cuando Olga pensaba en diferencias pensaba, entre otras cosas, en los olores. El olor que rodeaba a Dukan era una mezcla de tabaco y perfume. Un olor dulce, pero seco que se desplazaba con él, pero dejaba, sin embargo, una huella en el aire que atravesaba. Es que el olor de Dukan Parodi no era un olor, pensaba Olga, era una esencia. [...] Ella humedició la esponja y notó enseguida una nueva diferencia en los olores. La acidez rancia del cuarto de sus clientes había sido reemplazada por el Heno de Pravia del jabón que usaba Dukain y que empezaba a perfumar el baño.¹¹⁷(PRADELLI, 2008, p. 215-216)

A marcação da diferença, aqui, ocorreu através das particularidades daquele cliente que não possuía nenhuma doença ou debilidade física, exalava bons perfumes, diferente dos outros clientes, e justamente por esse caráter positivo, é visto como Outro.

Na obra da escritora argentina Ángela Pradelli, é possível verificar que o processo de representação do Outro ocorra a partir de um contraste gerado entre os personagens. Os indivíduos que apresentam determinados aspectos que se aproximam do padrão social

¹¹⁴ O dono da sapataria vai descontar essas horas - disse Nino.

- Pior estou eu - disse Ivo.

- Pior por quê? - perguntou Nino.

- Como por quê? O que é mais importante, uma sapataria ou o cinema?

- Cinema? - perguntou Nino Corley. -Isso que o senhor faz é cinema?" (PRADELLI, 2008, p. 277)

¹¹⁵ “doentes, velhos, acamados. Seus clientes sempre cheiravam mal, e forte.” (PRADELLI, 2008, p. 129)

¹¹⁶ “Talvez a sua irmã de Entre Ríos tivesse razão quando a dizia embaixo da sombra da videira que ela não tinha um trabalho como uma pessoa qualquer” (PRADELLI, 2008, p. 219)

¹¹⁷ “Não contaria [a sua irmã], por exemplo, as diferenças que existiam entre Dukan Parodi e o resto de seus clientes. E quando Olga pensava nas diferenças pensava, entre outras coisas, nos cheiros. O cheiro que rodeava Dukan era uma mistura de tabaco e perfume. Um cheiro doce, mas seco que se deslocava com ele, mas deixava, entretanto, uma marca no ar que atravessava. É que o cheiro de Dukan Parodi não era um cheiro, pensava Olga, era uma essência. [...] Ela umedeceu a esponja e notou em seguida uma nova diferença nos cheiros. A acidez rançosa do quarto dos seus clientes havia sido substituída pelo Heno de Pravia do sabão que Dukain usava e que começava a perfumar o banheiro.” (PRADELLI, 2007, p. 215-216)

instituído naquela sociedade agem, a partir dessa posição, marcando as diferenças dos outros personagens vistos como tudo o que eles não são. Essa diferença é marcada, sobretudo, em relação aos tipos de ofícios em que eles atuam, demarcando aqueles que são considerados aceitáveis e os que são estigmatizados ou ridicularizados. Ainda que haja um estranhamento por parte das características de personagens com marcas de outras culturas, como Megumí e Josef, verifica-se que a teoria sobre o Outro excede sua visão sobre o estrangeiro quando, dentro da própria pátria, é possível reconhecer e se sentir como o Outro.

4.3 Desfamiliarização: o Outro marginalizado em *Passageiro do fim do dia*

A imagem inicial de *Passageiro do fim do dia* (2010) apresenta Pedro, no fim de uma tarde, na fila para entrar no ônibus que o levará até o Tirol. Apesar de fazer rotineiramente o percurso centro-periferia, para esse personagem, o deslocamento não era suficiente para que ele se reconhecesse como membro daquele grupo de pessoas. Enquanto Pedro cruzava a cidade com o único objetivo de estar com a sua namorada, abstendo-se de se relacionar com os moradores do Tirol e com o próprio espaço físico, as pessoas que ali esperavam o mesmo transporte, depois de um dia inteiro de trabalho no Centro, voltavam para os seus lares naquela comunidade. Para Pedro, o Tirol não era o seu lar, não representava um espaço relacional, aquelas pessoas não eram seus vizinhos e não representavam nada mais que passageiros do mesmo ônibus.

Mais que manter a essência de civilidade e evitar o contato com os outros passageiros, Pedro identificava os moradores do Tirol como diferentes dele. Durante a narrativa, o jovem, apesar de habituado com o trajeto e com o fato de passar os finais de semana na casa da namorada, não deixa as suas marcas de morador do Centro se perderem. A partir dessas marcas, Pedro configura uma visão em relação àquelas pessoas e categoriza os moradores do Tirol como os Outros que não representam nenhum tipo de similaridade com as categorias que o formam:

Havia alguns meses que toda sexta-feira, à mesma hora, Pedro ia para aquele ponto final, tomava seu lugar na fila. Já conhecia de vista vários passageiros. [...] Mesmo assim, mesmo próximo, estava bastante claro que não podia ver as pessoas na fila como seres propriamente iguais a ele. [...] Pedro era obrigado a reconhecer que o impulso de partirem todos juntos na mesma direção e o afã de pontualidade, ou pelo

menos de constância, não bastavam para fabricar um sangue comum. (FIGUEIREDO, 2010, p. 6)

A partir de muitos pontos na narrativa, verifica-se que não há, por parte de Pedro, uma busca por um diálogo com a identidade de grupo do Tirol: “já fazia mais de seis meses que Pedro se acostumara a dormir naquele lugar, naquela casa, naquela cama, no Tirol – nas sextas-feiras. Mesmo assim não conhecia muito bem o Tirol, e menos ainda seus arredores” (FIGUEIREDO, 2010, p. 34). Durante a viagem de ônibus, o jovem vive uma experiência que expõe os conflitos internos que aconteciam dentro de si, provocados pelos contatos entre a identidade do Centro e a identidade do Tirol. Nesse contato entre os símbolos dos dois grupos se destacava a força das suas marcas internas para evitar uma reconfiguração identitária e, assim, poder ser visto como igual pelos moradores da comunidade:

Veio de relance a impressão de que estava sendo levado à força, em linha reta, para um poço cada vez mais fundo, para um corredor escuro que desembocava num tumulto, num caos de brutalidades. Sabia que precisava evitar a todo custo aquelas imagens drásticas, sabia que se aquilo tomasse impulso não ia parar mais. Tinha certeza absoluta de que não passava de um disparate, de uma fraqueza e de uma bobagem. Mas, como de outras vezes, sentiu também uma atração, uma sedução vaga, que o induzia não só a se deixar levar, mas até a encaminhar-se ele mesmo exatamente para lá — a sensação quase violenta de que pertencia àquilo, mais do que a qualquer outra coisa. Foi uma visão rápida e que lhe deu repulsa. Um calor de vergonha correu na sua testa e ele tratou de rechaçar bem depressa aquelas ideias. (FIGUEIREDO, 2010, p. 23-24)

Para Pedro, a representação do Tirol estava formada de escuridão, tumulto, caos e brutalidades, e a possibilidade de se assumir como um deles era motivo de repulsa e vergonha. Em outro momento do trajeto do ônibus, Pedro identifica uma fogueira na rua e recorda que todas as sextas-feiras e sábados era possível ver várias fogueiras pelo Tirol. Os moradores reuniam “pedaços de caixote, retalhos de papelão, restos de estofamento de sofás ou poltronas, embalagens e trapos de todo tipo” (FIGUEIREDO, 2010, p. 58) para acender as fogueiras que iluminavam a escuridão do bairro. Geralmente formadas por brincadeiras de crianças ou por grupos que vendiam drogas, as fogueiras chamavam a atenção de Pedro para essa ação característica do Tirol: “Pedro começou a notar os traços de uma espécie de culto noturno ancestral. Traços de uma adoração espontânea e desinteressada. [...] Tratava-se, quem sabe, de uma espécie de identificação, de uma assimilação momentânea entre eles e o fogo” (FIGUEIREDO, 2010, p. 58-59).

A fogueira, entretanto, torna-se um marcador de diferença em relação à cultura que forma a identidade de Pedro e que ele, aparentemente, tenta preservar. O personagem repudia

aquela atividade com um tom de estranhamento, baseando essa visão na identidade de grupo do Centro, na qual as fogueiras nas ruas não são comuns:

De todo jeito, o fogo era uma coisa que não devia estar ali, não pertencia a este mundo, pensava Pedro, o mundo da cidade. E ele achava esquisito pensar assim, ainda se surpreendia ao ver uma fogueira na rua. As fogueiras acesas sobre o asfalto ou na beira da calçada deviam provir de um outro tempo, coisa antiga, alheia. O fogo se aproveitava de alguma brecha, de algum ponto incompleto do tempo atual e se infiltrava por essa falha, irrompia com força, perturbava, buscava aliados para poder voltar com plenos direitos e se estabelecer, de uma vez por todas, no lugar que queria ter como seu. Onde Pedro morava e sempre havia morado, e também onde Júlio morava e lá onde trabalhava, no centro da cidade, por exemplo, não havia essas fogueiras. Ninguém, muito menos crianças, acendia fogo assim à toa na rua, para ficar olhando — chamas altas, alaranjadas — um olho sempre aceso e aberto, e voltado para eles, um olho que cresce no meio do caminho, no meio da rua, um olho que quer e exige ser olhado de frente. (FIGUEIREDO, 2010, p. 59)

Muitas vezes ao passar por essas fogueiras, o rapaz estava acompanhado de Rosane, moradora do Tirol e transeunte nas duas culturas. A jovem identifica Pedro como o Outro, como um indivíduo formado por categorizações que contrastam com aquelas que formam um morador do Tirol. Então, ao colocar-se em contato com seus vizinhos, Rosane inclusive traduzia para Pedro as falas que escutava, como fez em determinada sexta-feira ao conversar com um menino sentado na rua próximo a uma fogueira: “por meio de palavras que Pedro nem sempre conseguia entender e que Rosane depois traduziu, o menino contou que tinha fugido do hospital naquele dia” (FIGUEIREDO, 2010, p. 60).

A compreensão de Rosane sobre a distância de Pedro em relação à representação das pessoas que viviam no Tirol era, na verdade, reconhecida por todos, os outros moradores também o enxergavam como o Outro. Mesmo depois de tanto tempo, o contato entre os dois grupos era, para Pedro, propositalmente superficial e não apagava as marcas que carregava da identidade de grupo do Centro

O pai de Rosane olhava para ele com uma certa reserva, com uma curiosidade reprimida, mas no fundo hospitaleira — como se Pedro fosse alguém que vinha de longe, de um outro país. Ao mesmo tempo, o pai de Rosane fazia questão de tratá-lo com o ar de quem diz: eu conheço gente feito você, sei muito bem como são as pessoas lá de onde você veio. (FIGUEIREDO, 2010, p. 64)

Rosane enxergava símbolos e marcas em Pedro que o permitiam ser aceito como igual em mais contextos que ela, entretanto, no Tirol, a identidade do jovem era evidenciada pela diferença. Ele não era apenas diferente dela, a personagem também reconhecia a diferença do namorado em relação a outras pessoas, porém, as marcas que ela carrega não lhe permitem se

camuflar e ser vista como igual da mesma maneira que ocorre com seu namorado. Fora do Tirol, porém, os papéis são movidos e a identidade de Rosane agora é exposta como uma jovem marcada pela cultura periférica e vista como o Outro marginalizado. Na narrativa destacam-se, entretanto, os caminhos que Rosane faz no espaço do Centro e as reconfigurações que ocorrem em sua identidade.

Os dois jovens se conheceram quando Pedro trabalhava na mesma empresa de advocacia que Júlio, um companheiro de faculdade de Pedro. Rosane fazia a limpeza do local, atendia telefonemas, era capaz de usar o computador quando necessitavam algum serviço e ao observar Pedro, notava que ele não era como Júlio. Rosane identificava determinados pontos em Pedro que representavam muito mais que meras características, eram símbolos de um idioma que Rosane era capaz de traduzir em aspectos sociais:

Pedro não tinha ternos. Por economia, só vestia roupas compradas na calçada, em feirinhas de rua e em camelôs. Eram sinais que Rosane logo identificava e entendia prontamente. Havia aprendido desde criança essa linguagem. Na verdade, quase tudo, tanto os objetos quanto as pessoas, se traduziam nos termos desse idioma – quem comprava o que e por quanto – e Rosane nem tentava imaginar como seria possível viver fora dele. (FIGUEIREDO, 2010, p. 30)

Diferente de Pedro, Júlio usava ternos todos os dias e o fazia com muita naturalidade já que havia terminado a faculdade que Pedro decidiu abandonar e, desde então, trabalhava na firma de advocacia. Mesmo com as diferenças apontadas, Rosane percebia que os dois se reconheciam como iguais, “notou que Júlio e Pedro se tratavam como iguais – e até mais do que iguais. Isso não era comum, sobretudo em pessoas que à primeira vista traziam marcas tão diferentes e mesmo opostas” (FIGUEIREDO, 2010, p. 30). Durante a faculdade, o personagem de “Júlio fazia o possível para incentivar o amigo [...]. No fundo, de um modo até surpreendente para quem visse de fora, Júlio considerava Pedro mais inteligente do que ele e chegava a se irritar com o desinteresse do colega pelas formalidades mais triviais do curso” (FIGUEIREDO, 2010, p. 29).

A categorização que Rosane fazia sobre a imagem de Pedro era um conjunto de aspectos e símbolos que o impediam de ser visto como as pessoas da comunidade em que ela vivia, tendo em vista que Pedro tinha cursado uma faculdade, tinha um amigo advogado que estava prestes a ganhar muito dinheiro, como seu patrão, e morava num bairro no Centro: “Nunca havia transado com um homem que morasse num bairro como aquele onde Pedro morava, um bairro, aliás, aonde ela nunca tinha ido — e ainda por cima num apartamento próprio, embora fosse da mãe” (FIGUEIREDO, 2010, p. 31). Afirmando os símbolos que constituem a imagem de Pedro e reconhecendo-o como diferente, Rosane acaba dizendo

muito sobre si mesma, demarcando na representação que faz do seu namorado todos os aspectos que ela não possui, representando também a visão dos moradores do Tirol em relação a ele.

Entretanto, tal sensação surge também em Rosane em relação a si mesma e aos moradores do Tirol. Apesar de não saber quando, a personagem percebe que suas vivências criaram relações hierárquicas entre ela e os moradores do Tirol, mais especificamente em relação aos seus colegas de infância. Para ela, essas relações a colocaram em estratos sociais mais altos, porém, àqueles a que pertence Pedro. Rosane passou a perceber, então, que “já não tinha afinidade e nem muito contato com a maioria dos antigos colegas de infância” (FIGUEIREDO, 2010, p. 36) e isso se deu pelo fato de que seus antigos colegas haviam adotado um tipo de vida que os impedia, inclusive, de conversar, “[...] o mundo deles parecia diferente, retraído, e reduzia-se com tenacidade ao espaço físico do Tirol, do cotidiano do Tirol e, no máximo, dos seus arredores” (FIGUEIREDO, 2010, p. 36). Enquanto Rosane se deslocava diariamente até o Centro para trabalhar ou para fazer cursos, seus colegas, em momentos raros que tinham fora daquela comunidade, se sentiam reconhecidos como pertencentes ao espaço da periferia. Logo, sentiam-se “[...] ameaçados, temidos – fora dali só viam rancor e não havia roupas, linguajar nem maneiras que pudessem se disfarçar” (FIGUEIREDO, 2010, p. 36). Alguns colegas de Rosane, nunca sequer tinham ido ao Centro ou a nenhum bairro um pouco mais longe do Tirol.

Ainda que dentro de um espaço de reconhecimento coletivo como habitantes de uma cidade, existiam diferenças entre zonas e comunidades que eram denunciadas através dos símbolos destacados pela personagem. Iniciou-se, então, um processo de descategorização sobre aqueles indivíduos, suas categorias começaram a ser desfragmentadas por efeito de uma mudança no contexto. Dessa forma, a estabilidade sobre um objeto ou sobre palavras direcionadas a determinadas imagens, podem, sim, sofrer uma descategorização e serem novamente categorizadas: “Em suma, as variações categoriais, consideradas aqui como “categorias evolutivas”, podem ser vistas como recursos que asseguram uma plasticidade linguística e cognitiva e uma garantia de adequação contextual e adaptativa” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 25).

O caminho percorrido por Rosane no espaço do Centro movimenta as estruturas de representação e refletem na visão que a personagem cria sobre si mesma e sua aceitação em determinados contextos como igual e na forma de representação do Outro. A desfamiliarização em relação a seus vizinhos do Tirol parte de uma sensação de estranhamento em relação a marcas que outrora também havia nela, mas que foram

transformadas. Ao contar sobre a indicação que fez a uma de suas colegas de infância para uma vaga de emprego em um escritório que estava trabalhando, Rosane relembra e categoriza de modo a contrapor o novo ambiente no qual estava inserida e o comportamento de sua vizinha:

Aconteceu que ali no escritório, entre as paredes limpas e pintadas em tom pastel, com reproduções de pinturas abstratas penduradas — no meio dos aparelhos eletrônicos novos que zumbiam e piscavam discretos em cima das mesas — sobre o piso de granito reluzente — debaixo das luzes distribuídas de forma calculada por um arquiteto — ali, onde todos sabiam que causas jurídicas complicadas, misteriosas, caras, recebiam os cuidados e as atenções mais especializados e onde fortunas trocavam de mão por força de simples assinaturas num documento — ali, sua vizinha e amiga de infância tomou, na mesma hora, um aspecto incômodo, impertinente e quase aberrante aos olhos de Rosane, como aos olhos dos outros. (FIGUEIREDO, 2010, p. 40)

A amiga de Rosane falava rápido, num tom alto e estridente, cortava as palavras, achava que as pessoas sempre zombavam dela, se ofendia frequentemente, era bruta em sua maneira de caminhar, esbarrava em objetos, em pessoas, ria alto, não bebia água servida em copos descartáveis, mas colocando a boca diretamente na torneira, andava descalça, falava palavrão (FIGUEIREDO, 2010, p. 40). Certo dia, poucos minutos depois de ter começado o seu expediente, sua colega gerou uma série de conflitos no escritório, desde se recusar a cumprir uma ordem até a usar pertences de outros funcionários sem permissão. Apenas três horas depois de ter chegado ao seu local de trabalho, a moça se revoltou e deixou o escritório aos gritos, correndo pelas escadas, para não voltar. Nesse momento, Rosane se pergunta o que as diferencia, porque ela, também moradora do Tirol, se vê como diferente e outros também veem naquela mulher, uma pessoa diferente de Rosane.

Uma doida, um bicho, disse Rosane para Pedro em voz baixa — com vergonha, com susto de estar dizendo aquilo: um bicho. Mas foi o que alguém no escritório falou, na hora, e foi o que Rosane pensou e, com medo, atenta, para testar, repetiu a palavra na cabeça. Como sua amiga tinha ficado assim? E como Rosane pôde pensar aquilo? Ela acusava com amargura a amiga de infância, acusava as pessoas que eram como ela — não eram raras, não eram exceção —, sem procurar desculpas nem atenuantes. Ou melhor, queria a todo custo evitar as desculpas, tinha medo de que as desculpas aparecessem, reclamassem todo o seu peso, se revelassem muito mais fortes do que ela e, muito mais do que desculpas, fossem razões completas. (FIGUEIREDO, 2010, p. 41)

A desfamiliarização (CHKLOVSKI, 1976), o estranhamento que a jovem sente em relação aos indivíduos que compõem o mesmo espaço geográfico, se deu a partir dos deslocamentos de significados até então estáveis na imagem que Rosane tinha formada sobre

aqueles que viviam ao seu redor, no Tirol. Essa transformação que gera o estranhamento implica diretamente nas categorias que formam a imagem do Outro e, por esse motivo, a personagem apresenta questionamentos sobre não saber em que ponto sua visão sobre os outros moradores do Tirol foi alterada. Ela não é capaz de identificar o momento exato em que seus vizinhos passaram a ser o que ela não é e, até mesmo, o que ela não quer ser.

Segundo a narrativa, as pessoas que lá vivem não se expõem aos deslocamentos, vivendo sempre naquela região, isolados dos outros grupos que constituem aquela sociedade, dos outros olhares e dos outros discursos, e por isso, não sofrem nenhuma mudança identitária. Rosane, porém, vive a movência de maneira rotineira, o contato entre a identidade de grupo do Tirol, a periferia e a identidade de grupo do Centro, o contato direto com Pedro que representa para ela e para outros moradores da comunidade um estrangeiro. Sendo assim, ela reconhece mudança em si, percebe que sua subjetividade já não é compatível com a dos moradores da comunidade.

Os desejos de Rosane se fundamentam em preparar um futuro melhor, baseado em estudos, em condições de emprego melhores e, inclusive, em sair do Tirol e poder ser aceita e vista como aqueles que não pertencem ao Tirol, que não estão fechados ao novo, que não possuem um linguajar baixo:

E, por trás disso tudo, o que mais ameaçava Rosane era uma dúvida: será que, no fundo, o jeito de Rosane, sua opção, era de fato melhor? Rosane queria estudar, queria aprender, queria ter educação, queria uma profissão mais qualificada, poder ganhar mais, poder comprar mais coisas, queria ser respeitada por eles, os outros, aquela gente toda — queria poder morar em outro lugar, melhorar de vida, ser outra pessoa, ser alguém, alguém — isso era o certo, era o que todos diziam, era sabido e apregoadado em toda parte — ali estava o que era bom fazer, o que era bom ter sempre na cabeça e não desistir nunca. (FIGUEREIDO, 2010, p. 41)

Aspectos como o deslocamento e o contato com outros grupos socioeconômicos são capazes de iniciar um processo de reconfiguração identitária. Com isso, o modo de representação do Outro ganha novos e diferentes símbolos, podendo fazer com que o sujeito não se reconheça como parte do meio em que se está inserido. Enquanto Rosane vivia a experiência do deslocamento, os outros moradores do Tirol permaneciam estáveis naquele espaço, mantendo suas identidades fixas em determinados símbolos, já que não havia contato com outros espaços e outras identidades de grupo.

Estar em deslocamento permitiu que Rosane pudesse assumir um novo ponto de vista sobre os seus vizinhos, sendo a desfamiliarização um efeito das suas mudanças identitárias. Os estudos sobre o Outro indicam que, se ocorre uma recategorização sobre os indivíduos

reconhecidos como seus, como familiares, para uma categoria de estranhos, significava que o indivíduo pontuador dessa diferença também sofreu algum tipo de mudança. Tendo em vista que dizer o Outro também é dizer sobre si, a desfamiliarização representa antes uma mudança interna no indivíduo e depois uma reestruturação sobre as visões que tem sobre os que o rodeiam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa “Identidades em trânsito: deslocamentos e subjetividades em *Passageiro do fim do dia* de Rubens Figueiredo e *Combi* de Ángela Pradelli” constituiu-se na apresentação de uma reflexão acerca da influência da experiência do deslocamento nas subjetividades contemporâneas a partir das obras analisadas. No primeiro capítulo, o objetivo da nossa pesquisa foi entender como o processo de globalização atuou influenciando as relações sociais e as formas como os indivíduos se deslocavam. Verificamos que esse processo foi o início de um grande progresso no desenvolvimento das indústrias de meios de transportes, passando a integrar de forma mais presente os espaços, principalmente os urbanos. Assim, deslocar-se tornou-se uma atividade cotidiana, cada vez mais frequente e que acontecia de forma cada vez mais rápida, causando uma reestruturação nas noções de perto/longe, rápido/devagar. A globalização impulsionou também as redes de informações, desenvolvendo meios de colocar em contato povos que estavam a quilômetros de distância através do plano virtual. Contudo, investigamos a chamada “globalização perversa”, isto é, o caráter que vai em contrapartida da ideia comumente entendida de globalização como o processo de colocar todo o globo em contato. Verificamos, então, que o processo globalizador, ao mesmo tempo que une, também é responsável pela segregação de determinadas culturas e grupos. Isto ocorre porque os efeitos desse fenômeno atingem apenas a uma determinada “elite”, culturas que econômica e socialmente representam uma hegemonia, enquanto as culturas não hegemônicas permanecem à margem e não desfrutam desse processo.

A característica ambivalente revelada no processo de globalização, expõe conjuntamente o modo como as relações de poder estão inseridas nos fenômenos e processos que atingem o mundo contemporâneo. Assim, o controle das velocidades com que as mudanças ocorrem, é definido, na verdade, por aqueles que possuem poder para tal. Não obstante, o processo globalizador movimentou esse período, desestabilizando as estruturas formadoras de diversos conceitos que, até o momento, apresentavam uma condição fixa e imutável. Em vista disso, destacamos o conceito de cultura e a sua problemática, já que, apesar de ser utilizado por diversos teóricos, o termo carecia de uma definição. Além disso, o entendimento popularmente aceito sobre o termo apresentava diversas incoerências. Assim, realizamos um panorama a respeito dos estudos envolvendo esse conceito para esclarecer que a definição de cultura precisa ser estabelecida a partir de uma perspectiva aberta, já que a

palavra é reiteradamente contestada, no período contemporâneo. Não se trata de um conjunto de características fixas, mas sim, de diferentes formas de configuração de símbolos que, no interior desses conjuntos, estão em constante embate para assumir uma posição centralizada. A questão de poder também envolve a concepção de cultura quando, dentro de um modelo cultural, diversos símbolos, tradições e representações são consideradas mais autênticas que outras. Enquanto algumas expressões estão em um nível hegemônico e de destaque, outras são invisibilizadas, assumindo uma posição periférica no sistema cultural que integram.

Tal discussão derivou na elaboração de uma rede de conceitos que envolvem as questões de identidade e cultura para entender a formação de uma sociedade contemporânea, através das contribuições de diversos teóricos. Assim, depois de desenvolver um panorama a respeito das teorizações sobre a questão da cultura, nos centramos em esclarecer conjuntamente a ideia de multiculturalismo. Da mesma forma que encontramos alguns entraves na conceptualização de cultura, verificamos que as definições sobre o multiculturalismo também possuíam algumas limitações e lacunas de conteúdo. Destacamos que uma sociedade multicultural era conhecida como aquela composta por indivíduos que apresentavam identidades culturais diversas. Contudo, identificamos que a junção de indivíduos com marcas de culturas diversas em um mesmo espaço não é suficiente para tornar uma sociedade multicultural, ou seja, não se trata apenas de um caráter estético e da incorporação de outras culturas em estabelecimentos, vestimentas e opiniões. Na contemporaneidade, a questão multicultural se fundamenta no diálogo entre as culturas, que podem ser diferentes dentro de um mesmo país ou cidade. Dessa forma, chegamos à conclusão de que a característica de uma sociedade multicultural está baseada na aplicação de direitos que sejam distribuídos a todos de forma igualitária.

Considerando a expansão da presença do multiculturalismo em diversas sociedades, outros conceitos que também apresentavam estruturas estáveis começaram a assumir um caráter mais fluido. Em função disso, investigamos o conceito de nação e a influência do multiculturalismo na continuidade da sua instituição, já que a convivência de indivíduos reconhecidos como diferentes é capaz de instigar reconfigurações no caráter homogêneo atribuído a uma nação. Assim, como resposta para entender quais eram as estruturas que mantinham a ideia de nação ainda instaurada, chegamos ao conceito de “comunidade imaginada”. Entendemos que, nesse momento, os limites e fronteiras territoriais não eram suficientes para representar um Estado-nação, ela era reconhecida a partir de uma ideia coletiva de um conjunto homogêneo de práticas culturais. Ainda assim, os movimentos de migração e de diáspora colocaram em um nível de destaque a questão da diferença,

abandonando a concepção de olhar as diferenças como formar de dividir e assumindo uma perspectiva mais analítica sobre os novos espaços criados através da constatação da diferença.

No que tange ao conceito de identidade, verificamos que, na contemporaneidade, um sujeito tem a sua subjetividade constantemente confrontada, já que o contato com o Outro se tornou uma atividade cotidiana. Em vista disso, entendemos que as interações com novos símbolos e novas culturas é capaz de gerar transformações profundas no sujeito que alteram suas estruturas identitárias. Investigamos, portanto, a possibilidade de um indivíduo ser composto de múltiplas identificações, de apreender aspectos de uma nova cultura e, inclusive, mesclar-se a ponto de se integrar ao entre-lugar, o espaço de articulação entre duas culturas. Nesse espaço, o indivíduo se torna um sujeito traduzido, sendo capaz de negociar com as duas culturas sem que haja a assimilação ou a sobreposição de uma pela outra. Identificamos que o sujeito inserido nesse contexto promove o surgimento da terceira cultura, corroborando o estado fluido do período contemporâneo.

Postulamos também que o caráter fluido, destacado também nas questões de tempo e espaço, é resultado das transformações ocorridas desde o início do processo de globalização. Assim, esclarecemos as estruturas que fomentam a instituição de um espaço como um lugar, diferenciando-se daquelas que promovem o estabelecimento de um não-lugar. Enquanto o primeiro carece de expressões identitárias, interações sociais e marcas históricas, o segundo ignora todos esses aspectos. O não-lugar não é um espaço convidativo, não encoraja seus ocupantes a interagir entre si e quando ocorre algum tipo de relação, ela acontece da forma mais superficial possível. Verificamos, então, que através da utilização de máscaras sociais, os indivíduos escondem suas subjetividades, servindo-se da essência da civilidade e do caráter de estranhos. Dessa maneira, no espaço do não-lugar, evita-se o contato com o Outro e as identidades se mantêm protegidas. O panorama teórico criado através desses conceitos foi uma maneira de reunir ferramentas para a análise dos romances que fazem parte do objeto de estudos desta pesquisa.

Analisando o cenário das duas obras, os meios de transporte, verificamos as relações existentes entre os espaços e os deslocamentos. Em *Passageiro do fim do dia* (2010), o foco da análise foi centrado na personagem Rosane. Analisamos as influências dos percursos que a jovem fazia e que colocavam em contato a identidade de grupo do Tirol e a identidade de grupo do Centro. A interação entre essas duas identidades coletivas, com seus símbolos e formas de representação diferentes, gerou em Rosane a capacidade de traduzir-se em qualquer um dos dois grupos que interage, isto é, a personagem se integrou no espaço do entre-lugar. Essa transformação na sua subjetividade, era reconhecida por Pedro, personagem que fazia

parte da identidade de grupo do Centro e que acompanhou intimamente o processo de reconfiguração das formas de representação da sua namorada. Ele mesmo, em contrapartida, manteve suas referências simbólicas ancoradas na identidade de grupo do Centro, apesar de rotineiramente viver a experiência do deslocamento, adentrar constantemente no espaço do Tirol e se relacionar com Rosane e a família dela.

Na narrativa de Rubens Figueiredo (2010), o personagem de Pedro atua como um incessante observador. Fora do espaço do Centro, esse personagem raramente atua ou realiza interações com o Outro. Destacamos, nesta pesquisa que, além do papel assumido por Pedro representar a sua forma de enxergar, não apenas o meio de transporte que o leva até a casa de Rosane, mas a própria comunidade do Tirol como um não-lugar, ele mantém a sua identidade protegida das influências ao redor. Sendo assim, durante todo o percurso e, ainda, quando existe alguma possibilidade de um momento de tensão transformar as estruturas do espaço em que estava inserido, Pedro permanece na posição de espectador crítico. Apesar de indagar para si, as decisões tomadas por outros personagens, divagar sobre suas possíveis histórias ou sobre determinados aspectos do Tirol, ele permanece com distanciamento para evitar o diálogo com o espaço e os outros indivíduos.

Em *Combi* (2008), a maioria dos passageiros que ocupa o meio de transporte, elemento principal da narrativa, mantém a essência de civilidade, evitando a aparição de suas subjetividades. Outros personagens tentam a todo momento, romper com as características estruturais do não-lugar, afastando as máscaras e incitando os outros a fazer o mesmo. Contudo, no final da narrativa e bem perto da parada final que faz parte do itinerário da Kombi, uma situação de tensão força o contato entre todos os personagens-passageiros. A aflição vivida pelos personagens naquele momento reconfigura a estrutura do que era, até então, um não-lugar para o surgimento de características de um lugar. Verificamos, então, que a interação entre os personagens e entre o próprio espaço, partiu da tensão que estimulou a interação, rompendo com a essência de civilidade¹¹⁸. Dessa forma, identificamos também o aspecto móvel do espaço, capaz de se definir ora como um não-lugar, ora como um lugar. Apesar de que, para o personagem Esteban, a Kombi representar, desde o início da narrativa, um lugar antropológico por ser seu ambiente de trabalho, mas para todos os outros passageiros, se tratava apenas de um lugar de passagem. Por isso, destacamos a característica desses espaços como um campo aberto. A ausência ou a presença de aspectos subjetivos é o

¹¹⁸ A ruptura da “essência de civilidade” (BAUMAN, 2001, p. 112) não representa a manifestação de um comportamento incivil, mas, sim, a interrupção do contato mínimo ou mesmo escasso entre os indivíduos, no encontro entre estranhos, e a aparição das subjetividades.

que diferencia a aparição de cada um deles, mas essa manifestação nunca é completamente realizada.

Identificamos, então, os motivos para o deslocamento nos dois romances, verificando que a maioria dos personagens se deslocava impulsada por suas atividades de trabalho. Em ambas as obras, o Centro representava o espaço urbano desenvolvido, com oportunidades de emprego, tratamentos de saúde e desenvolvimento social. Nesse momento, nos dedicamos a investigar a relação dos deslocamentos de natureza física com as identidades dos sujeitos. Em vista disso, de maneira detalhada, analisamos a obra *Combi* (2008), conferindo atenção especial aos personagens que já haviam vivido deslocamentos transnacionais. Percebemos que a experiência do deslocamento pode ser vivida de muitas maneiras, como destacamos a respeito dos personagens que viveram a migração com o objetivo de melhorar suas condições econômicas ou mesmo, vivendo um exílio, já que em suas culturas de partida viviam situações de risco e constantes tensões, e, portanto, buscavam sobrevivência em outros espaços. Os personagens exilados preservavam suas raízes fincadas na cultura de partida. Ao mesmo tempo que viviam na cultura chegada, desejavam regressar a sua comunidade imaginada.

Entretanto, os personagens que migravam, muitas vezes, se misturavam e se permitiram experimentar o diálogo com a cultura de chegada, isto é, não se assimilavam, mas apresentavam aspectos das duas culturas. Em *Passageiro do fim do dia* (2010), os personagens não viviam a experiência transnacional, ou seja, os deslocamentos não os colocavam em contato com culturas diferentes, senão grupos cujas diferenças marcavam identidades coletivas distintas. Ainda que, dentro da identidade de grupo do Centro, Pedro seja diferenciado em relação a outros membros, em contato com a identidade de grupo do Tirol, Pedro se sentia pisando em um território novo.

Considerando essa questão na obra do escritor brasileiro, postulamos que, o contato com uma identidade grupo nova é capaz de reestruturar as formas de representações que constituem a identidade de um indivíduo. Para elucidar essa questão, investigamos a relação entre identidade e diferença, destacando que, apenas através do reconhecimento do Outro que se é capaz de conhecer-se a si mesmo. Dessa maneira, analisamos a personagem Rosane, a partir da iniciação de um processo de reconfiguração das suas formas de representação daqueles que ela sempre havia identificado como iguais. Essa transformação ocorreu depois da personagem ter vivido diversas situações de deslocamentos que a colocaram em contato com a identidade de grupo do Centro. Analisamos a desfamiliarização da personagem em relação aos seus vizinhos e colegas de infância para convertê-los em Outros, dos quais ela não

enxerga similaridade. Em *Passageiro do fim do dia* (2010), o Outro é destacado como aquele que possui características que promovem a exposição das diferenças. Os personagens que se veem amparados por uma normativa que os coloca como inseridos em um padrão são os responsáveis por deflagrar as diferenças daqueles que fogem à norma.

Através desse longo processo de formação de um panorama teórico a respeito de conceitos que não podem ser definidos de maneira fechada e da análise de duas obras que representam as narrativas literárias da contemporaneidade, propomos algumas conclusões a respeito da relação dos deslocamentos e das subjetividades com o objetivo de contribuir com os estudos sobre as produções literárias contemporâneas.

A primeira conclusão à qual chegamos nesse estudo se aplica na análise dos romances selecionados: os deslocamentos geográficos carregam consigo a possibilidade de gerar deslocamentos de natureza diversa ao colocar em contato indivíduos formados por diferentes símbolos, formas de representação e relacionados a diversas identidades de grupos. O contato recorrente com o Outro abalou estruturas que, até então, eram definidas por fronteiras geográficas e permitiu que as identidades fossem constantemente contestadas, assumindo um aspecto fluido e fragmentado. A segunda conclusão, diz respeito a resignificação do Outro, também evidenciada através da compreensão das diferenças, isto é, no processo de contato com novos espaços e, assim, novas identidades de grupo. Dessa forma, reconhecer uma alteridade possibilita a vivência de constantes reformulações subjetivas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Traçando itinerários. In: ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015. p. 11-47.
- ALVAREZ, Marcos César. Cidadania e direitos num mundo globalizado. **Perspectivas**, São Paulo, n. 22, p. 95-107, 1999. Disponível: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108138/ISSN1984-0241-1999-22-95-107.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 out. 2018.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AUGÉ, Marc. Dos lugares aos lugares. In: AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Trad. Maria Lucia Pereira. 7 ed. Campinas: Papyrus, 2007. p. 71-105.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 1-35.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. Espaço/Tempo. In: BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERND, Zilá. Colocando em xeque o conceito de literatura nacional. In: CARRIZO, Silvina Liliana; NORONHA, Jovita M Gerheim (org.). **Relações literárias interamericanas: território & cultura**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010. p. 13-22.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Minas Gerais: Editora UFMG, 1998.
- CERTEAU, Michel de. In: CERTEAU, Michel de. **Relatos de Espaço. A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 199-215.
- CHKLOVSKI, Viktor. A arte como procedimento. In: CHKLOVSKI, Viktor. **Teoria da literatura: os formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 39-56.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DALCASTAGNÈ, Regina. In: DALCASTAGNÈ, Regina. **Espaços possíveis. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Editora Horizonte, 2018. p.109-145.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. Trad. Luis Fernando Marozo et al. **Translatio**, n. 4. p. 1-21, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/viewFile/42899/27134>. Acesso em: 16 nov. 2017.
- FEMENÍAS, María Luisa. **El género del multiculturalismo**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.

- FIGUEIREDO, Rubens. **Passageiro do fim do dia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. Introducción a la nueva edición. In: GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**. Buenos Aires: Paidós, 2001. p. 13-46.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. El mundo entero como lugar extraño. In: GARCÍA CANCLINI, Néstor. **El mundo entero como lugar extraño**. México: Gedisa, 2014. p. 45-62.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 11-31.
- MARTINS, Marcia A. P. O papel da tradução como força modeladora dos sistemas literários. In: WEINHARDT, Marilene. CARDOZO, Mauricio Mendonça (org.) **Centro, Centros**. Literatura e Literatura Comparada em discussão. Curitiba: Editora UFPR, 2011. p. 111-126.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- PAGEAUX, Daniel-Henri. Elementos para uma teoria literária: imagologia, imaginário, polissistema. Trad. Katia A. F. de Camargo. In: PAGEAUX, Daniel-Henri. **Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada**. Frederico Westphalen, RS; São Paulo; Santa Maria, RS: EdURI; Hucitec; EdUFSM, 2011. p. 109-127.
- PRADELLI, Ángela. **Combi**. Buenos Aires: Emecé; Cruz del Sur, 2008.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, Luis Alberto Brandão. Paul Auster Topógrafo: O Espaço Urbano Contemporâneo. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 5, p. 107-123, out. 1997. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1159/1259>>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000. Disponível: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/outra_globalizacao.pdf. Acesso em: 20 nov. 2018.
- TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. **Extravío: Revista electrónica de literatura comparada**, Universitat de València, n. 5, p. 8-27, 2010. Disponível em: <https://ojs.uv.es/index.php/extravio/article/view/2263>. Acesso em: 10 mar. 2017

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.